Nº 02
PARTE 1 DE 4
SET/2018

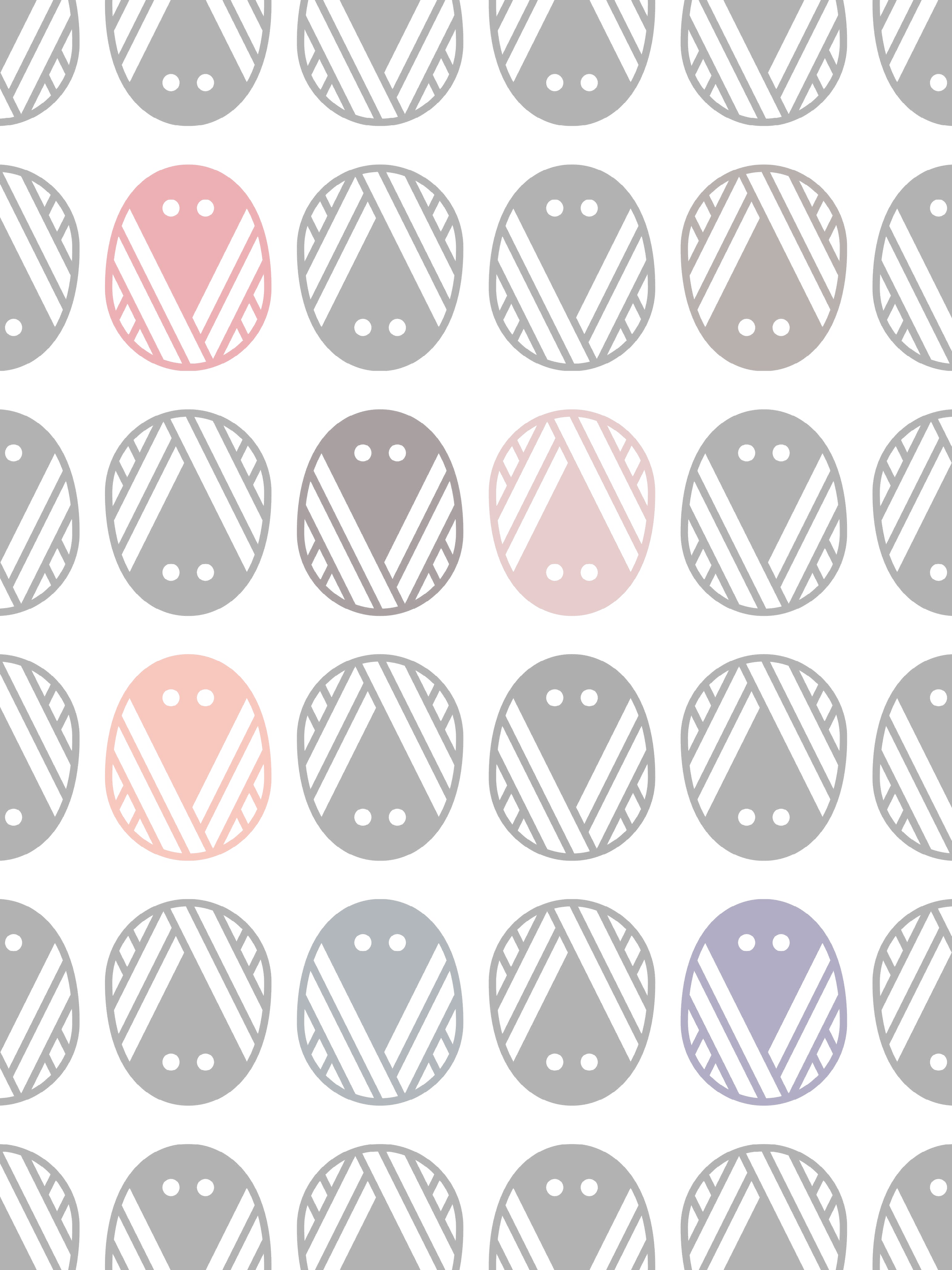
CONTOS E NOVELETAS DE:

ANA RÜSCHE
ANNA FAGUNDES MARTINO
DANTE LUIZ
ISA PROSPERO
LAURO KOCIUBA
MARCOS BERTO
MICHEL PERES
SÉRGIO MOTTA

FICÇÕES RELÂMPAGO DE:

ALLAN JONHNATHA / CAROL VIDAL / H. PUEYO / LUCAS DAVID /LUIZ MIGUEL LISBOA MACHADO
PAOLA SIVIERO / RAFAEL PEREGRINO / SERGIO EDUARDO FELISBINO JR /VIVI MAUREY

ORGANIZAÇÃO: JANA BIANCHI / CAPA: GIOVANNA CIANELLI / DIAGRAMAÇÃO: LEO ALVAREZ



A repercussão da primeira edição da Mafagafo foi incrível, melhor do que eu podia imaginar. Todo o processo de criar, editar e lançar uma revista nova no mercado foi maravilhoso e engrandecedor — mas nada se compara ao desafio de montar essa segunda edição.

Apesar de já estar mais esperta com alguns tópicos mais burocráticos e técnicos em relação à elaboração dos ebooks, trabalho com o site e gerenciamento dos profissionais e do cronograma, ter aberto um processo de seleção e depois ter trabalhado junto às equipes de autore, editore e ilustradore pra chegar ao produto final que você tem em mãos (ou melhor, no seu PC, tablet, celular ou leitor digital) foi uma aventura à parte. Além disso, trabalhar com ficção relâmpago (textos curtos de até mil palavras, também chamados flash fictions) trouxe ao projeto uma outra camada de complexidade — e satisfação.

Devo escrever mais sobre isso em algum momento, mas por hora vale dizer que estou extremamente realizada pela experiência. A qualidade média do material me surpreendeu, desde a primeira etapa. A quantidade também, considerando que este foi nosso primeiro edital aberto — foram 23 entradas pra contos ou noveletas e 53 entradas para ficções relâmpago. A parte ruim disso tudo é que muita coisa realmente boa acabou ficando de fora.

Mas bom, a parte legal é que essa edição ficou realmente incrível, além de fazer jus à premissa do projeto de publicar textos de variados subgêneros, temáticas, cenários, narrativas e perfil das pessoas que os escreveram, editaram e ilustraram. Quer ver só?

Nessa publicação você encontra a primeira parte (de quatro) de oito contos ou noveletas e mais nove ficções relâmpago.

Começamos com "(Não Tão) Perto do Fim", noveleta de ficção científica pré-apocalíptica em que Lauro Kociuba conta o que acontece quando um centro brasileiro que abriga atividades peculiares resolve procurar estagiários (edição de Victor Almeida e ilustrações de Raphael Andrade). Depois vem a fantasia "Antigos Demônios para o Novo Milênio", de Isa Prospero, em que acompanhamos duas entidades imortais em um jogo de gato e rato que começa em São Paulo e termina... bem, em algum lugar bem inusitado (edição de Bárbara Prince e ilustrações de Dante Luiz). "Javari", de Michel Peres, é uma ficção científica que se passa na floresta amazônica, onde a pesquisadora

portuguesa Filipa e seu androide de guarda Zi vagam à procura de um raro inseto (edição de Rodrigo Rahmati e ilustrações de Mayara Barros). Em seguida tem "Ciberbochicho", uma ficção científica escrita por Sérgio Motta que é difícil de categorizar — mas basta saber que ela inclui assassinatos robóticos, piadas duvidosas e interações em ambientes virtuais (edição de André Caniato e ilustrações de Aleff Santos). Anna Fagundes Martino vem depois com "Um Estudo em Merino", uma fantasia urbana em que acompanhamos amantes do tricô que se encontram semanalmente em um armarinho em Pinheiros — nada demais, se não fossem todas criaturas sobrenaturais investigando um sumiço (edição de Soraya Coelho e ilustrações de Vitor Clemente). No cyberpunk "O Fantasma do Trólebus 2100", Marcos Berto (que também ilustra o conto) nos apresenta a pequena Jéssica, que tem uma missão importante pra executar na minípolis do Alto da Mooca (edição de Jakson Nako). A penúltima novela é "Ingrediente nº5", realismo mágico escrito e ilustrado por Dante Luiz que se passa em Brasília e acompanha personagens que se encontram em um templo em forma de pirâmide que promete revelar segredos (edição de H. Pueyo). Fechando a edição vem "A Desconexão Telepática e Seus Abalos Sísmicos", de Ana Rüsche, uma noveleta de narrativa mais lírica que propõe a seguinte pergunta: "e se a telepatia pudesse ser induzida por um chá fermentado feito com uma cepa de leveduras chilenas, recém-liberada para comercialização?" (edição de Nessa Guedes e ilustrações de George Amaral).

Alternando com as partes dos textos mais longos, você vai poder ler as ficções relâmpago "Atlas", de H. Pueyo, sobre a relação da portenha Norma com seu vizinho androide; "Futurotil", a bula de um previótico escrito por Paola Siviero; "Harmonia", a reflexão de uma inteligência coletiva proposta por Sergio Eduardo Felisbino Junior; "Saramandaia Suburbana", criativo realismo mágico de Allan Jonhnatha; "Acidente de Trabalho" de Lucas David Michels dos Santos, a visão pragmática de uma mulher com poderes especiais sobre seu trabalho na polícia; "Anzóis", arrepiante história feminista de Carol Vidal; "Adelaide", uma história de zumbis contada por Luiz Miguel Lisboa Machado sob uma ótica diferente; "O Aplicativo", arrepiante terror tecnológico de Rafael Peregrino; e "Ponto e Vírgula", uma divertida proposta de Viviane Maurey sobre a vida secreta dos livros e dos elementos de texto — todos editados por mim.

Ufa, é isso! Tem coisa pra todo gosto.

Mas tá pensando que é só conteúdo? Que nada, aqui também tem corpinho bonito! Essa baita revistona chega até você com uma diagramação incrível, feita pelo Leo Alvarez, e com uma capa de tirar o fôlego, ilustrada e criada pela Giovanna Cianelli — que merecem todos os agradecimentos pelo profissionalismo e paciência com esta editora inexperiente.

Pra terminar, quero convidar você a nos contar o que achou da primeira parte dessa primeira edição. Depois que ler, deixe um tuíte lá no *@mafagaforevista*, uma mensagem direta no Instagram *@mafagaforevista*, dê um pulo na página do Facebook, *Mafagafo Revista*, ou mande um e-mail pra mafagafochefe@mafagaforevista.com.br.

Se você chegou aqui sem saber muito sobre o projeto, visite *mafagaforevista.com.br* pra ler a primeira edição completa ou pra saber mais sobre nossa proposta de ser uma revista seriada. Aproveite a visita e assine nossa newsletter pra não perder, nos próximos meses, a publicação da parte 2, 3 e 4, que trarão o restante dos contos iniciados aqui.

E claro, compartilhe a palavra — e o link para baixar a revista! — com os seus amigos!

Vejo você em breve, na parte 2!

Jana Bianchi

JANA BIANCHI – Editora-chefe
Jana Bianchi é engenheira, escritora, viajante, editora-chefe da Revista Mafagafo, hostess dos podcasts Curta Ficção e Desafio Ex Machina, colaboradora do jornal satírico Tempos Fantásticos e passeadora de lobisomens. Entre outros, publicou a novela *Lobo de Rua* (*Dame Blanche*), a noveleta independente *Sombras* e o conto "*Analogia*" (Revista Trasgo #09). Pode ser encontrada no site janabianchi.com.br e no Twitter e no Instagram como @janapbianchi.

GIOVANNA CIANELLI – Capa e Ilustração da Capa
Giovanna Cianelli é designer e ilustradora, vive entre Rio de Janeiro e São Paulo. Psicodelia e cultura pop são temas recorrentes em seu trabalho. Nas horas vagas, desenha a HQ da Garota Galáctica.

LEO ALVAREZ – Diagramação
Leo Alvarez é mestrando em Design pela Unesp de Bauru, onde pesquisa a aplicação de design emocional em livros. É um dos responsáveis pelo *Coletivo Luminar*, grupo que realiza ações e atividades ligadas a arte-educação, e também se arrisca na escrita de ficção, mas ainda não criou coragem para mostrar seus mundos fantásticos para os amigos.
E-mail: leo@coletivoluminar.com.br

SUMÁRIO

8. SINOPSES
11. ATLAS
16. [NÃO TÃO] PERTO DO FIM
35. FUTUROTIL
37. ANTIGOS DEMÔNIOS PARA O NOVO MILÊNIO
52. HARMONIA
55. JAVARI
67. SARAMANDAIA SUBURBANA
71. CIBERBOCHICHO
86. ACIDENTE DE TRABALHO
90. UM ESTUDO EM MERINO
105. ANZÓIS
107. O FANTASMA DO TRÓLEBUS 2100
117. ADELAIDE
120. INGREDIENTE Nº 5
133. O APLICATIVO
137. A DESCONEXÃO TELEPÁTICA E SEUS ABALOS SÍSMICOS
155. PONTO E VÍRGULA
157. FICÇÕES RELÂMPAGO – AUTORIAS

(NÃO TÃO) PERTO DO FIM
por Lauro Kociuba

As coisas sempre podem ficar piores, você dizia. Se acho que não podem, é por falta de criatividade minha. Mas dessa vez tá difícil, Helena.
Sete observatórios confirmaram e o alarme já está tocando de meia em meia hora. Previsão de duas semanas e meia. Sei que já trabalhamos com tempo mais apertado, mas hoje em dia eu demoro 15 minutos só pra vestir um calçado. Para mim, todo tempo é curto.
Não temos mais tanto dinheiro, a mão de obra está escassa e, pra completar, os estagiários chegam hoje. Se forem pelo menos metade do que você era, já vai ser muito. Mas pode ser exatamente o que precisamos nesta crise. Disso e de tempo, mas o tempo nunca foi nosso amigo, não é?

Extraído do diário de Carlos

ANTIGOS DEMÔNIOS PARA O NOVO MILÊNIO
por Isa Prospero

Inan não se importaria de passar o resto da vida imortal trabalhando em sua loja de antiguidades mágicas em São Paulo. Mas sua tranquilidade é quebrada quando Gaia, sua cliente preferida, aparece com um objeto misterioso e afirma que alguém está tentando matá-la por ele. Inan logo adivinha quem está atrás do item: o único outro imortal na Terra, que ela odeia e que a odeia de volta. E quando descobre o que exatamente Gaia encontrou, teme que será obrigada a confrontar seu inimigo e repensar sua decisão de nunca usar magia — pelo bem de Gaia e de toda a humanidade.

JAVARI
por Michel Peres

Uma caçadora genética é contratada para encontrar um animal raro nos confins da Amazônia. Durante sua jornada, acaba esbarrando em um segredo em que jamais deveria ter posto os olhos. Agora, entre rios, animais selvagens e chás alucinógenos, ela está prestes a descobrir que os perigos da floresta são maiores do que imaginava.

CIBERBOCHICHO
por Sergio Motta

O cantor Franz Delegarza revolucionou a música tocando acústicos. Em meados século XXII, isso é alguma coisa. Mas bombou mais do que nunca quando foi flagrado ao desligar (para muitos, matar) uma inteligência artificial. O juiz do caso: outra inteligência artificial. Embora eficiente, é sindicalista pelos direitos cívicos das IAs, e a treta está plantada. O julgamento ainda acontece enquanto a polêmica sobre IAs serem consideradas vivas ou não está no Congresso, na boca do povo e nos trending topics. A polêmica do cantor gera reportagens especiais em programas sensacionalistas, hipertextões nas mídias sociais, discussões em chats de família e até shows stand-up de um comediante robô. O ciberbochicho vai dar muito pano pra manga.

UM ESTUDO EM MERINO
por Anna Fagundes Martino

Ninguém desconfiaria do pacato grupo de tricoteiras reunido às quintas no Armarinho Lika: afinal, um bando de velhinhas — e uma doce jovenzinha — não fariam mal a uma mosca. Porém, quando a professora do grupo desaparece, elas são obrigadas a colocar de lado as agulhas para exibir dentes, garras, asinhas e um ou outro truque de mágica.

O FANTASMA DO TRÓLEBUS 2100
por Marcos Berto

Numa São Paulo do futuro verticalizada, condados surgem como micromegalópoles exclusivas dos ricos, militarizadas cidadezinhas particulares dentro de uma cidade maior. Jéssica, uma jovem moradora de fora dos muros de um condado, vive uma quinta-feira quase comum: concorda em entregar pacotes de conteúdo proibido depois da escola, pega carona num veículo centenário e encontra um ser luminoso e etéreo vagando pelos fios que alimentam os antiquados trólebus da cidade. Tudo isso sem deixar que seu coração com marca-passo deixe de bater nessa Terra de Ninguém.

INGREDIENTE Nº 5
por Dante Luiz

Brasília, final dos anos 80. Existe um templo em forma de pirâmide na capital do país que promete responder suas perguntas mais íntimas com um chá especial. Elias não é supersticioso, mas decide ir até lá para descobrir o que aconteceu com sua mãe, que desapareceu durante a ditadura. Ali, encontra quatro pessoas esperando atendimento: Mariza, uma dona de casa que acredita que seu marido é infiel, Karol, uma adolescente irreverente que foi expulsa da escola, Teófilo, um deputado com intenções duvidosas, e Jean, o ex-namorado que Elias mais detesta.

A DESCONEXÃO TELEPÁTICA E SEUS ABALOS SÍSMICOS
por Ana Rüsche

A telepatia foi descoberta. Um grupo farmacêutico estadunidense quer patentear a fórmula do produto da levedura *Saccharomyces telepastorianus*, droga telepática estabilizada em laboratório por William Fredrick Dogde. Entretanto, a levedura foi apropriada por Dogde de uma escola agroecológica mantida por mulheres no interior do Chile — o fermentado, apelidado de "chá", até então era segredo de gerações. Um estudante jura vingança contra o estadunidense: Paco, que raspa a cabeça dos dois lados para que ninguém tenha dúvida de seu coração. A fisioterapeuta brasileira Carol decide largar o emprego e passar férias em Santiago. Mas irá experimentar o Chá e cairá num caldeirão com hackerspaces, cordilheiras, terremotos e lembranças. Afinal, para se entrar em telepatia, é necessário antes compartilhar terríveis vergonhas.

Existem dois tipos de androide disponíveis no mercado. Orgânicos, para casais que querem ver seus bebês artificiais crescerem como uma criança normal, e estáticos, para uso comercial, presos para sempre na mesma aparência. Soriano é do segundo, e seu exterior de meia idade me intrigou desde que nos conhecemos: olhos muito azuis, entradas comendo seu cabelo grisalho, nariz adunco e um rosto cheio de linhas.

Só depois descobri que seu corpo é uma homenagem a um general do Processo de Reorganização Nacional, o que deixa tudo pior. A polícia não só substituiu uma grande parte de seu corpo com estáticos, como também criou os filhos da puta para parecerem saídos da ditadura.

ROBOT SIN ALMA
BASURA MILITAR

Foi o que escrevi do lado de fora da casa de Soriano semana passada, mas a parede foi pintada logo depois. Se ele acha que isso vai me parar, está redondamente enganado. Ganhou de brinde um porco pichado na porta da frente, junto das palavras *NUNCA MAS*. Quando eu voltei, havia um bilhete na porta:

"Caro vizinho", dizia a caligrafia perfeita em Espanhol impecável. "Aprecio sua paixão política, mas prefiro minha propriedade limpa. Podemos resolver o problema em minha casa. P.S. *Más* tem acento."

Puta merda. Deus, por favor, mata o Soriano. Faz as engrenagens desse demônio derreterem no verão infernal de Buenos Aires.

Talvez eu deveria lembrá-lo, sem erros ortográficos, que ele faz parte do processo de remilitarização da América Latina,

ou mesmo explicar como é nocivo substituir pessoas por mão de obra robótica enquanto tomamos um chá.

Mas tenho uma ideia melhor, muito mais humana.

— No seu cu — eu digo, mostrando o dedo do meio para a câmera no teto.

A casa dele é mil vezes maior que meu humilde apartamento, coisa que não consigo entender. Androides não têm famílias. Não sei nem se recebem salário.

Sento no sofá de couro dele, imaginando se ele gosta da sensação contra sua pele bege e sem vida, mas alguém responde meus questionamentos:

— Miau.

***

Volto para a casa de Soriano mais uma vez; não por ele, mas pelo seu gato. Foi uma descoberta um pouco estranha: o cara tem um gato, mas não um gato qualquer. Um sphynx, esguio, pelado e bicolor, que gosta de ronronar do meu lado. A coleirinha no pescoço enrugado dele diz "ATLAS", e é assim que começo a chamá-lo.

— Atlas, eu trouxe um presente. — Sacudo uma camiseta pequena e listrada sobre suas orelhas gigantes.

Miau.

Ao contrário de seu dono, Atlas não é um cuzão arrogante, nem é feito de fios e metal. Ele é um gato de verdade, e é uma gracinha.

— Não sei se ele vai me matar, ou matar você — digo a Atlas, cobrindo sua pele macia. — De preferência, nenhum dos dois.

***

"Cara Srta. Esposito", o novo bilhete diz. "Por favor, não assedie meu gato. Fiquei insensível perante seu constante vandalismo, mas deixe Atlas em paz."

Soriano colou o papel na TV, o que não me surpreende, já que não consigo imaginá-lo assistindo nada.

"Caro Comissário Soriano", eu escrevo de volta, com Atlas em meu colo. "Se você não quer que estranhos vistam seu gato, talvez você deveria tomar a iniciativa. O coitadinho estava congelando."

***

Surpreendentemente, não fui presa como nas três outras vezes em que Soriano me denunciou: duas por pichações em espaços públicos, e a outra por desacato à autoridade — ou seja, ele mesmo. Apesar de eu ter invadido propriedade privada, desconfigurado o alarme e brincado com seu gato, ele não fez nada.

Não estou reclamando. Isso me permite parar no Starbucks perto da casa dele na visita seguinte, assistindo as pessoas passarem enquanto como um bolinho.

— Srta. Esposito — alguém diz atrás de mim, e eu reconheço Soriano na hora. Se tenho 1,65, ele deve ter 1,90, o que torna a imagem dele de terno preto carregando seu gato em um dos braços ainda mais bizarra. — Fique calma. Não estou trabalhando no momento.

Atlas está usando a camiseta listrada que comprei pra ele, e parece eufórico de estar no colo de seu dono.

— Posso sentar?

— Tenho como dizer não? — Atlas pisca ao me ver, tentando me alcançar com seu focinho preto, parecendo mais um gnomo que um bicho de estimação. — Oi, bebê.

— O veterinário concorda com você — Soriano fala, como se fôssemos amigos. — É uma visão atroz, porém.

— Ele ficou lindo. Mas achei que gatos não gostavam de roupas.

— Não sei dizer, não sou um — Soriano responde, muito sério. — Não foi por isso que vim aqui. Quero aconselhá-la

a mudar de alvo. O departamento decidiu formalmente que estou danificado

— Achei que só desativavam vocês quan… pera, é grosseiro dizer isso?

— É uma pergunta válida. Existe um decreto regional que previne androides conscientes de serem desativados.

— Bom — eu digo, me sentindo burra. — Vocês robôs não deviam fazer parte da polícia.

Soriano sorri, e deixa Atlas pular nas minhas pernas.

— Você está convidada a visitá-lo quando quiser. Mas, por favor, me pergunte antes de vesti-lo.

***

Botaram um androide feio no lugar de Soriano, mas não estou interessada. Tenho contas pra pagar, e a graça de pichar a casa dele só existia porque eu sabia que ele não ia fazer nada sério.

Costumo visitar Atlas duas vezes por semana, mas seu dono nunca está presente. Na sexta, eu o encontro no parque, a caminho de meu trabalho.

— Passeando, comissário?

— Srta. Esposito. — Tem algo errado em seu rosto realista. Se ele fosse humano, eu diria que ele está envergonhado.

— Norma.

— Norma — ele repete, mas para logo em seguida. Está usando seu antigo uniforme, e carrega consigo uma maleta.

— Achei que você tivesse sido dispensado.

— Fui.

— Foi transferido para outro departamento?

— Não.

Seria isso uma falha no sistema dele, que nem o amor pelo gato?

— Até semana que vem — eu digo, tomada por uma súbita onda de compaixão.

Vou trabalhar, e só volto para a casa de Soriano à noite, armada de spray e estêncis. Pra mim, é só mais uma noite. Pra ele, pode ser uma distração.

Vamos ver se você corrige minha grafia agora, filho da puta. ●

LAURO KOCIUBA - Autoria

Lauro Kociuba é escritor independente de fantasia e (recentemente descobriu) ficção científica. Graduando em Letras, utilizou a auto publicação como uma ferramenta para sanar seu imediatismo e pavor de recusas editoriais, e hoje está viciado no Kindle Direct Publishing da Amazon. Conheceu sua esposa pela internet quando ainda era tudo mato, e ensina seu filho a cantar todas as aberturas de Dragon Ball. Tem uma (vaga) esperança de manter menos de cinco projetos literários simultâneos.

E-mail: laurokociuba@gmail.com

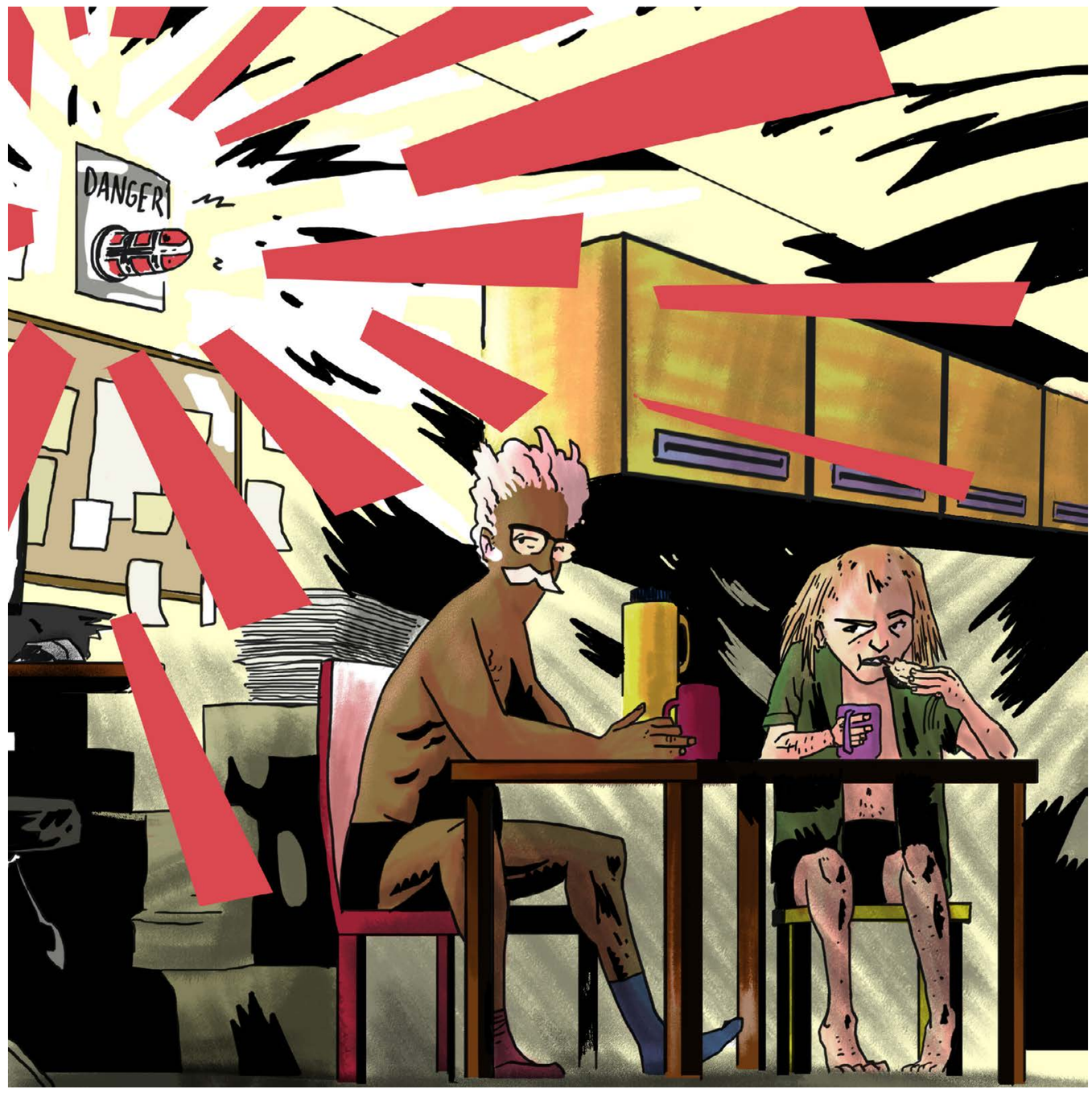
VICTOR ALMEIDA - Edição

Victor Almeida é bacharel em Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial pela UFRJ e especialista em Publishing Management pela FGV. Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias e Linguagens da Comunicação (PPGTLCOM) da UFRJ e editor freelancer. Dependente químico de café, planeja secretamente um apocalipse muito específico contendo zumbis, robôs gigantes, garrafas de Mineirinho, guaxinins e o extermínio de todas as mangas do mundo.

E-mail: victor.almeida87@gmail.com

RAPHAEL ANDRADE - Ilustrações

Raphael Andrade é designer, artista de história em quadrinhos e ilustrador. Trabalha durante o dia (e às vezes parte da noite também) com publicidade, seu ganha pão até conseguir viver apenas de quadrinhos, e se dedica aos freelas e paixões no restante do tempo. Desenhou, escreveu e letrou diversas histórias para publicações independentes no Brasil, Estados Unidos e Portugal. Colaborador recorrente e responsável por (parte) da linguagem gráfica dos *Tempos Fantásticos*, é apaixonado por café, cachaça com mel, projetos mirabolantes e transporte público.



O ZÉ PROFETA

26 de janeiro de 2018

Desde que conseguiu prever três vezes o resultado do bicho, Zé Profeta tem feito seu nome na cidade. Repetindo o mesmo ritual toda sexta-feira à noite, ele atrai uma multidão de pelo menos uma dúzia de fiéis, que pagam a taxa de consumação mínima de cinco reais para assistir ao espetáculo.

Vendado e guiado pelo filho, Zé quebra o jejum de um dia inteiro comendo vorazmente sete rollmops de uma

conserva especial, escondida nos fundos do bar. O segredo do petisco de peixe cru e cebola é guardado a sete chaves. Zé afirma que até a Ana Maria Braga já pediu a receita. Depois, bebe de uma vez meia garrafa de aguardente caseira — o restante pode ser comprado por apenas um real a dose, o dobro do cobrado normalmente.

Finalmente, no ponto alto do ritual, recebe um gravador das mãos do filho. Quando consegue respirar e manter toda a mistura no estômago, ele fala a primeira coisa que vem à mente. Na maioria das vezes em que conseguiram interpretar suas previsões, tinha algo a ver com uma música. Desta vez, Zé Profeta levantou dois dedos, balançou a cabeça e então levantou outros três, indicando a antecedência da previsão, sempre em semanas: duas ou três, neste caso. Então limpou a baba que começava a escorrer e declamou dois versos antes de bater com o punho na lateral da cabeça e tombar, desmaiado.

Tudo pode ser, se quiser será.
O sonho sempre vem pra quem sonhar.

Tendo no currículo a previsão da morte de Freddie Mercury, a ascensão da bitcoin e um surto de diarreia no bairro, Zé Profeta divide opiniões sobre a eficácia de suas profecias, além de ter um bolão na vizinhança sobre quanto tempo ainda vai sobreviver.

***

29 de janeiro de 2018

Ezequias não acordou com a sirene que uivava na quitinete. Foi a maldita luz vermelha do giroscópio que tirou ele do sono. As sombras do quarto dançavam rubras. Ele suspirou, sabendo que as costas reclamariam ao levantar, mas adiar não ajudaria, já que sua bexiga parecia cada vez menor.

Esticou o braço para alcançar a dentadura. Sentou na cama e encarou Carlos. Seu colega roncava profundamente na cama ao lado, protegido da luz pela máscara de dormir — parecia que a sirene sempre tocava na vez de Carlos usar a máscara.

Os joelhos estalaram três vezes enquanto se levantava, aliviado: nenhuma dor nova até agora. Esticou as pernas, esfregou os joelhos e foi ao banheiro. No caminho, aproveitou para puxar a coberta do colega e bater no colchão dele. Vinte anos antes, aquela cama era a parte de cima de um beliche. Sempre agradecia por terem resolvido baixar o móvel enquanto ainda conseguiam.

Acendeu as luzes do grande cômodo que era quarto, sala e cozinha ao mesmo tempo, reduzindo as sombras vermelhas que ainda teimavam, atiçando a labirintite que ainda não possuía. Entrou no banheiro e sentou no vaso para se aliviar. Estava lavando as mãos quando percebeu Carlos andando puto até a cozinha, o dedo do meio em riste, a outra mão na bengala.

Ezequias riu quando o amigo passou e, enquanto enxugava as mãos, encarou o espelho. As rugas e os vícios de 70 anos sorriam de volta, ainda mais sinceros. Deu de ombros, pegou o remédio para a pressão da prateleira e o colocou debaixo da língua. O cabelo estava cada vez mais ralo em cima, mas a preguiça acabava adiando sua decisão de raspar tudo. Tentaria arranjar um tempo à tarde para se despedir do cabelo longo e da barba que crescia no rosto pálido pela falta de sol.

Carlos estava sem camisa. Os chinelos raspavam pelo caminho até o balcão da cozinha, os passos pontuados pela bengala que teimava em escapar da mão suada — um dia eles teriam que conversar sobre a instalação de novos exaustores, era sempre abafado ali embaixo. Ajeitou o bigode branco que entrava no canto da boca e o deixava mais velho, mas ele gostava de como contrastava com sua pele. A sirene devia estar gritando loucamente junto com as luzes, alta o bastante para ser

ouvida num raio de quatro quadras, se tivessem vizinhos.

Ele colocou água na chaleira e foi até a geladeira. Torceu o nariz para o tanto que estava vazia. Odiava fazer compras. Levou o leite, a manteiga e o pão até a mesa, depois voltou para pegar o adoçante do Ezequias e o coador de café, que estava torcido e acomodado na prateleira da porta. Fechou a geladeira, então foi ajeitar o coador no suporte, alto o bastante para a garrafa térmica, e colocou o pó.

Limpou os óculos na calça do pijama e esticou os braços, alongando as mãos e os ombros. Espreguiçou as costas, coçando os cabelos brancos e crespos, rentes à cabeça, com entradas que ameaçavam o topo da cabeça. Passou as mãos no joelho direito, ajudando a aquecer a perna para dispensar a bengala até o dia seguinte.

Quando a água ferveu, jogou um pouco dela dentro da garrafa térmica, para aquecer o interior. Depois a esvaziou na pia, antes de posicioná-la para o café novo. Virou com calma a chaleira para encher o coador e sorriu, respondendo o bom dia do vapor embaçando os óculos. Fechou a garrafa, as mãos tremendo um pouco com o esforço. Ajeitou dois copos americanos numa mão, a garrafa na outra, e caminhou até a mesa.

Ezequias já estava lá, apontando para a mesa e mexendo as mãos, numa linguagem de sinais que eles improvisavam para se comunicar debaixo do grito da sirene.

"Presunto. Queijo. Cadê. Porra?"

Demoraram para decidir sobre a interrogação, acabou que ficou uma erguida de sobrancelhas.

"Acabou. Você. Ontem." A resposta veio rápida no sorriso de Carlos se dissipando enquanto batia a garrafa na mesa, depois os copos e sentava na sua cadeira.

"Teu cu." Ezequias deu de ombros e começou a fatiar o pão, três fatias para cada.

Entregou as primeiras para o colega em forma de trégua e começou a passar manteiga nas dele.

"Checou. Alarme?", perguntou Carlos, dando a primeira bocada.

"Não. Mijando. Porra", respondeu Ezequias, e tomou um gole do café. "Fraco."

"Foda-se. Faz. Melhor. Amanhã."

Terminaram de comer e suspiraram.

"Alarme. Você. Ou. Eu?", intimou Carlos.

Ezequias deu de ombros e tirou do bolso uma ficha de poker. Em cada um dos lados, uma inicial raspada. Jogou para cima e esperou até que quicasse duas vezes na mesa e caísse no chão com a letra E voltada para cima. Isso arrancou um sorriso de Carlos, que serviu mais uma xícara de café, adoçou com as duas colheres de açúcar e mexeu, enquanto acompanhava o amigo seguindo até o "escritório".

A escrivaninha e o quadro de análise ficavam no canto oposto da cozinha, depois das camas. Ezequias demorou um pouco para chegar lá, mas, assim que clicou algumas vezes no monitor, o alarme foi desligado.

Carlos ligou seu aparelho auditivo imediatamente, ajustando o volume enquanto pigarreava. Mesmo sem enxergar tão bem, sabia que Ezequias estava fazendo o mesmo. Depois de alguns minutos analisando o computador, o colega voltou com uma pasta cheia de papéis.

— E então? — perguntou Carlos, limpando café que havia ficado no bigode branco. — Confirmado?

— Sim. — Ezequias se sentou e esvaziou a garrafa térmica no copo, nem metade. Torceu a boca. — Mais uma profecia da porra do seu Zé.

— Você não reclamou sobre o bitcoin. Acabou salvando as contas do Centro. — Carlos deu de ombros e bateu nas costas do amigo. — Além das minhas! Não tenho culpa se você não investiu.

— Desculpa se um dono de bar bêbado recitando músicas velhas não parece confiável.

Ezequias colocou a pasta sobre a mesa e Carlos suspirou antes de pegá-la.

— Cada um tem seu dom, Zeca. O meu é saber onde apostar.

— Outro protocolo Oozaru — apontou Ezequias, tomando outro gole. — Cinco confirmações. Em uma eu não confio muito, mas as outras quatro são boas.

— Já foram o quê? Dois só no ano passado? — Carlos jogou a pasta em cima da mesa. — Quanto tempo temos?

— Hoje é segunda, né? — Ezequias esvaziou o café, encarando a borra que ficou no fundo do copo. — Duas semanas e meia.

— Ah, tá. Prioridades, então! — O colega mais velho começou a separar alguns papéis. — Vamos começar a escolher logo esses estagiários.

— Estagiários?! — Ezequias se virou para Carlos, assustado. — Como em… "mais de um"?

— Temos alguns candidatos agora e, desculpa falar, não vamos viver pra sempre. — Uma tosse se intrometeu na fala para pontuar o drama. — Desta vez temos que escolher alguém, não vamos dispensar a lista toda.

— Que seja. — Ezequias suspirou, então levantou-se e disse rápido: — Os mais velhos são meus.

— Merda. Tá. — Jogando no chão os que tinham mais de duas folhas, Carlos ficou com meia dúzia de currículos nas mãos. Separou três e entregou ao colega: — Escolha dois e fala pra virem aqui hoje à tarde.

— Hoje? — O café e o nervosismo estavam chamando Ezequias ao banheiro, e ele desistiu de argumentar. — E o alarme?

— Ainda está tudo bem. — Carlos deu uma piscada para Ezequias. — E vamos garantir que continue assim. É nosso trabalho, não? No final das contas, é tudo uma questão de acreditar.

Suspirando, Ezequias segurou os três estagiários nas mãos enquanto ia ao banheiro, amassou um deles e jogou no chão antes de entrar. Carlos pegou o celular, enviou uma

mensagem de SMS criptografada para cada um dos três possíveis estagiários, e outra comum ao seu contato no antigo Ministério das Comunicações — não tinha guardado todo o nome novo. Quando guardou o aparelho, Ezequias saiu do banheiro com apenas uma folha na mão. Olhou para ele com os lábios franzidos, pegou do chão o papel que havia amassado e o esticou como pôde.

— Já escolhi. — Ezequias tirou o celular do bolso, um pouco mais moderno que o de Carlos, e começou a digitar. — Não acredito que o mais velho tem 22 anos. Nem lembro de que um dia tive 22 anos.

— Você não lembra do que jantou ontem, Zeca. — Carlos riu um pouco, enquanto tentava lembrar também. — Vamos arrumar essa bagunça. Temos alguns minutos e espero que tenhamos visita logo mais.

— Espera que eu tô fazendo meu processo seletivo aqui. Já te ajudo. — O indicador de Ezequias passeava pela tela, enviando mensagens aos estagiários. — Ah, e foi macarrão!

Carlos deu de ombros enquanto jogava a colcha por cima dos cobertores amassados. Talvez tivesse sido mesmo macarrão, mas tinha quase certeza que não.

***

Eram três da tarde quando a campainha tocou sobre a porta metálica da quitinete. Parecia um sinal escolar.

— Porra, não dava pra ter uma profissão menos barulhenta? — Ezequias correu o menos devagar que conseguia para evitar que tocasse novamente. Apertou o botão do interfone. — Quem é?

— É a Clara. — A voz soou estridente demais, e Ezequias torceu para ser o equipamento. — Para o estágio, o senhor Carlos me chamou.

— Certo. Ele passou o código do elevador? — perguntou. Ele sabia que tinha enviado, mas um bom teatro era tudo que

tinha para se divertir naquele trabalho.

— Passou, sim. — A voz ainda parecia estridente, mas era firme. — Posso digitar?

— Manda ver. — Ezequias soltou o botão e interrompeu a ligação. Depois de alguns segundos escutou o elevador subindo para buscar a primeira visitante. Gritou: — Carlos, vai colocar uma camisa! Chegou uma coitada! Clara! Acho que foi uma das que você chamou!

Carlos, já de camisa e terminando de abotoar o jaleco, mostrou o dedo do meio para o colega antes de colocar seu crachá.

— Sério, Carlos? Jaleco e crachá? — Ezequias balançou a cabeça, tirando do bolso da calça social um elástico para amarrar o cabelo antes de colocar o chapéu preto. — Não conte comigo nessa! Quero alguém pra trabalhar com a gente, mas não tanto assim.

— Somos cientistas, Zeca — disse Carlos, com a voz séria, apontando para o elevador. — Eles também, e não fazem ideia do que farão aqui, mas acreditam que é algo grandioso. E eu acredito que é.

— Grandioso? — Ezequias riu até as bochechas arderem e caminhou até o colega. — O universo compõe uma marcha fúnebre para a humanidade e cabe a nós, com dois celulares, um computador e, juntos, um século de idade esticar mais alguns compassos. Você acha isso grandioso?

— Um século e meio — corrigiu Carlos, estendendo a mão. — Consegue imaginar outra palavra?

— Humano? — Ezequias riu de verdade agora, e puxou o amigo para um abraço. — Acho que não, prefiro grandioso. Vou vestir o jaleco, mas me recuso a colocar o crachá.

Carlos bateu nas costas do amigo, então deixou que ele fosse vestir o jaleco e caminhou até o elevador. Havia colocado num semicírculo todas as cadeiras de plástico que tinham de reserva, quatro, além das duas da cozinha. Queria algo mais formal, mas a verdade não oferecia essa opção,

então fez o que pode. Ajeitou o bigode e os óculos e sorriu para o elevador que se abria.

***

Clara teria trazido os diplomas dos seus cursos técnicos, artigos e a carta de recomendação, mas não teve tempo. Precisou de meia hora para decifrar a mensagem e outra meia hora para ter certeza de que a entrevista era para dali a três horas. Demoraria uma hora e meia de carro para atravessar a cidade. O problema é que não tinha um nem poderia pagar um táxi.

Seu professor de Probabilidade, Cláudio, não cansava de falar sobre Carlos e sua contribuição para o mundo. Foi ele quem a convenceu de que precisava daquele estágio.

Antes de tocar o interfone, mesmo estando dez minutos atrasada, passou no mercadinho da esquina e comprou um caderno e uma Bic. Tinha que estar preparada para anotar alguma coisa.

Quando digitou o código e o elevador foi acionado, sentiu-se orgulhosa. Tinha feito alguma coisa certo. Mandou uma mensagem rápida para a mãe, avisando que tinha chegado e que estava tudo bem. Tirou uma selfie na frente do prédio de tijolos e a enviou com a mensagem. Gostou de como a porta metálica do elevador a emoldurava. Assim que a porta se abriu, entrou e apertou o único botão que havia, com um símbolo meio apagado que parecia um círculo.

Antes que a porta se fechasse, um tênis, com um pé dentro, surgiu, impedindo que ela descesse.

— Desculpa — disse uma voz masculina, que veio de um cabelo intrinsecamente bagunçado que envolvia um rosto pequeno e muito suado, com uma barba ruiva. — É que tô meio sem mãos.

O rapaz não devia ser muito mais velho do que ela, mas os jeans, tênis e uma camiseta estampada com Einstein usando uma boina do Che Guevara descontavam alguns anos dele.

Trazia cinco sacolas plásticas cheias em cada mão. Os nós dos dedos estavam esbranquiçados pelo esforço.

— Você veio pra entrevista também? — perguntou ele, enquanto se enfiava de lado. — Sou o Luan, prazer!

— Clara. — O nome saiu, mas não conseguiu trazer alguma lógica à cena. Se esforçou para continuar. — Prazer.

Ela não conseguia parar de encarar a camiseta. A língua de Einstein era para ela, tinha certeza. Clara havia escolhido uma camisa social de manga curta — não achava que teria problema com as tatuagens. Era 2018! Mesmo que Carlos tivesse quase 90 anos, tatuagens existiam desde antes dele. Vestiu uma calça social, a mais confortável que suas coxas largas permitiam usar, e quase se arrependeu de sair com um sapato baixo e sem salto. No entanto, agora parecia uma alta executiva perto do garoto. Resolveu bagunçar um pouco o cabelo curto, que estava penteado para trás com gel, jogando algumas mechas pretas na testa.

— Calor, né? — Luan desgrudava a camiseta do corpo suado e tentava, sem sucesso, soprar e secar um pouco do suor. — O que te pediram pra trazer? Só o caderno?

— Trazer? — Clara puxou o celular do bolso e releu a mensagem. Seus lábios se moviam rápido, marcando o cálculo e as substituições de caracteres. — Não pediram nada. Era só pra vir.

— Certeza? — Ele deu de ombros e piscou pra ela. — Comprei o dobro de cada coisa, só pra garantir. Qualquer coisa eu te empresto.

Ela ainda estava com a boca aberta, encarando Einstein, quando a porta se abriu e Carlos a recebeu.

— Bem-vindos ao CACAC.

Carlos estava com as mãos atrás das costas. Usava o melhor sorriso, reforçado pelo bigode branco, que pareceu vacilar ao ver que eram dois visitantes, e um deles trazendo o que parecia ser metade do mercado.

— Ah! Um dos meus! — Ezequias veio esfregando as

mãos para Luan, então apontou para a cozinha. — Pode colocar ali, rapaz. Gostei da camiseta! Conseguiu achar tudo da lista?

Carlos e Clara acompanharam com o olhar a dupla caminhando até o balcão com as sacolas cheias.

— Demorei pra achar a marca de granola. — Luan soltou as sacolas e massageou os dedos. — Mas consegui!

— Ótimo. — Ezequias conferiu as sacolas conforme falava. — Carlos, ele trouxe exatamente o dobro do que pedimos. Que eficiência!

— Pedimos? — repetiu Carlos, seu olhar indo da Clara boquiaberta ao Luan sorridente.

Erguendo as sobrancelhas para o colega, Ezequias mexeu em algumas das sacolas até encontrar um pacote grande com doces de mocotó.

— Em dobro? — perguntou Carlos, apontando para Luan.

— Isso. — O sorriso de Luan se desfez por alguns instantes, para responder com a maior seriedade que sua empolgação permitia reunir. — Digo, desse eu peguei três e já comecei a comer um no caminho. Eu adoro esse negócio.

Carlos levantou o polegar, resgatando o sorriso do garoto ruivo. Então se virou para Clara.

— E você é…? — perguntou Carlos para a garota, que parecia tentar entender.

— Clara… — respondeu ela de maneira firme, quase num tom militar. — …senhor.

— Senhor? Não, não. — Carlos riu alto. — Apesar de precisarmos deles, a nossa… organização não tem quase nada de militar.

— Eu gosto de ser chamado de “senhor”!

Ezequias se aproximou dos dois devolvendo um vidro a uma das sacolas de Luan, então começou a esfregar as mãos com um cheiro de eucalipto enquanto Luan estendia um saco aberto de doces de mocotó para Carlos.

— Nada de "senhor" — pediu Carlos enquanto enfiava um doce inteiro de mocotó na boca e pegava outro. — Luan, você trouxe as notas fiscais dessas coisas, certo?

— Eu… — Luan olhou para Ezequias antes de continuar. Escolheu o menor risco. — Eu peguei, sim.

— Muito bom. — Carlos apontou para o colega. — Envia um e-mail com o número da sua conta pra o Zeca te pagar. E com cópia pra mim.

Ezequias abriu a boca para argumentar, mas o interfone gritou mais alto e franziu o cenho de todos. Ainda esfregando as mãos, ele fez sua peregrinação particular até os controles. Carlos e os dois aspirantes a estagiários acompanharam parte da conversa.

— Espera… — Ezequias tomou fôlego. — Quem é…?

Imediatamente Ezequias afastou o fone do ouvido e xingou, depois baixou o volume do aparelho auditivo.

— É, você conseguiu. — Afastou o fone outra vez e olhou para Carlos. — Isso, é aqui mesmo. Infelizmente fui eu, sim.

Respirou fundo antes de desligar. Passou as mãos no rosto e inspirou fundo o cheiro de eucalipto. Então puxou o interfone do gancho novamente.

— Pode descer, vem logo. — Ezequias esperou um pouco em silêncio, engoliu em seco e terminou: — Isso, antes que eu me arrependa.

Acionou o botão liberando a chamada do elevador, que reclamou, gemendo em uníssono com Ezequias enquanto subia.

Enquanto voltava para junto de Carlos e dos dois visitantes, ele tirou o chapéu e alisou os cabelos ralos e o topo da cabeça num movimento automático, tão cansado quanto ele. Colocou o chapéu, lambeu os lábios e suspirou.

— Você. — Apontou para Carlos, e respirou fundo mais duas vezes. — Não quero nem saber se hoje é meu dia de alarme e interfone. Você decidiu fazer isso hoje. A próxima é contigo.

— Quem era agora? — O colega tentou segurar o riso,

compartilhando o ritual e alisando seu bigode. — Sua escolha ou minha?

Ezequias piscou duas vezes, enxugou o suor da testa, e respondeu.

— Minha. Mas já tinha me arrependido assim que enviei a mensagem. — Balançou a cabeça quando ouviu o elevador parando. — Isso ainda vai me matar, Carlos. Eu juro.

— Não fale assim na frente dos nossos candidatos, Zeca! — Carlos bateu nas costas do amigo e piscou para Clara e Luan. — Não vai querer que eles achem que é um trabalho ruim!

— Que eles achem? — repetiu Ezequias, então deixou a risada sair. — Se forem espertos o bastante, a parte do achar foi há alguns minutos. Se não, bom… é o trabalho perfeito para eles.

O elevador se abriu e outra candidata entrou na sala. Cabelos curtos e repicados pintados de rosa, alargadores verdes, um batom preto emoldurando um sorriso enorme, um colar imitando uma tatuagem tribal ao redor do pescoço. Uma camiseta preta com a frase "O FIM ESTÁ CHEGANDO" estampada em branco, bermudas jeans desfiadas e um tênis preto com meias amarelas. A garota acenou para o grupo.

Carlos se virou para Ezequias com uma dose de pânico no olhar, que foi retribuída pelo sorriso do colega se abrindo para desabrochar numa gargalhada que fez a garota reduzir um pouco o passo.

— Pode vir, garota. Lembrei por que te chamei de última hora. — Ezequias acenou para que ela continuasse, então se virou para Carlos, sorrindo. — É tudo uma questão de acreditar.

— Oi, gente! — A garota ficou de frente para os quatro e deu um aceno curto, então mexeu nos cabelos, bagunçando um pouco a franja. — Meu nome é Camila, mas todo mundo me chama de Mi-chan!

Camila esperou um pouco, encarando o grupo que ainda tentava aceitar que ela estava ali. Foi Ezequias quem apresentou os outros, apontando conforme falava.

— Carlos, Clara, Luan. Meu nome é Ezequias. —

Suspirou e encarou o colega, colocando todo o pouco que tinha de carisma e súplica no olhar. — Vem mais alguém?

— Vamos esperar mais dez minutos. O prazo ainda não terminou.

Carlos e Ezequias olharam o relógio. Assustados, levaram as mãos aos respectivos aparelhos auditivos, desligando-os ao mesmo tempo. Dois segundos depois, o giroflex vermelho começou a berrar e os três candidatos a estagiários taparam os ouvidos. Depois de alguns instantes, Carlos apertou um botão vermelho no teclado e desativou o alarme.

— Desculpem. Explicarei tudo em breve. Só quero ter certeza que não há mais ninguém. — Sorriu e apontou para a cozinha. — Vamos preparar um café. Aceitam? Vem, Zeca. Podem sentar no sofá da sala, fiquem à vontade! E não reparem a bagunça. Na verdade, acostumem-se com ela. Garanto que a tendência é ficar pior que isso.

Carlos foi até a cozinha e Ezequias o seguiu. Ele encheu a chaleira e a colocou no fogo.

— E então, o que achou? — Carlos jogou o resto de café da garrafa térmica no ralo. E então indicou com a cabeça os três, que sentavam meio desconfortáveis no sofá de três lugares.

— Está perguntando pra mim? — Ezequias tirou o chapéu e alisou os cabelos. — Gostei do moleque, a Clara não falou quase nada e a Micha fala demais. O que você achou?

— Eu acho que estamos velhos. — Tirou o coador da geladeira, desentortou a ponta do arame, que teimava em rasgar o tecido, e posicionou com o suporte em cima da garrafa térmica. — Não temos preferência, Zeca. Temos pressa.

Ezequias suspirou. Quando Carlos foi colocar o pó de café, o interfone tocou novamente.

— Deixa comigo. — Carlos bateu no ombro do colega, entregando o pote de café com a colher de medida. — E capricha no café! Você reclamou do meu hoje cedo.

Então seguiu a passos largos até o controle, que tirou do

gancho enquanto tocava pela quarta vez.

— Alô, CACAC? — A voz masculina soou seca, quase brusca demais.

— Sim — respondeu Carlos, um pouco hesitante.

— Eu vim para a entrevista. Sou o doutor Bruno. Você é o Carlos?

— Sim, eu mesmo.

— A mensagem foi um bom passatempo. Parabéns, conseguiu minha atenção. — Bruno parou um pouco, antes de continuar. — Gostaria de ocupar a vaga. Posso descer?

— Não. — Carlos segurava o riso.

— Não? — Bruno hesitou, pela primeira vez. — Achei que estivesse procurando alguém para trabalhar com vocês. Não vai ter entrevista? Não sei a função, mas acredito que meu currículo…

— Sim — interrompeu Carlos, sério desta vez. — Vai ter entrevista. Inclusive, a sua já começou. E está terminando. Infelizmente seu perfil não é compatível com a vaga que oferecemos.

— Não?

— Não. Tenha uma boa tarde.

Carlos inspirou fundo e sorriu ao desligar o interfone. Rejuvenesceu pelo menos dez anos naquela conversa. Voltou sorrindo para Ezequias e se posicionou em frente a chaleira, esperando a água ferver. Gostou de ver que o pó de café já esperava no fundo do coador.

— Quem era? — perguntou Ezequias, confuso.

— Um sabichão — respondeu Carlos, acompanhando a corrida das bolhas na água até a superfície. — E fui eu que chamei. Nem sempre a gente acerta, não é?

Foi a vez de Ezequias bater no ombro do colega e dizer, rindo:

— Estamos velhos, meu caro.

***

Os dois colegas prepararam seus copos. Também chamaram os outros três para prepararem seus cafés deles. Assim que voltaram para a sala, Carlos começou a falar:

— Muito bem. O que fazemos aqui?

— Além de fazer café e ficar surdo? — perguntou Ezequias, apenas alto o bastante para que todos ouvissem. Funcionou para trazer risos entre os goles de café.

Animada, Camila comentou:

— Eu sei o que vocês fazem. Mas não se preocupem! Não gosto de spoiler e não vou dizer nadinha!

— Está… bem? — continuou Carlos, franzindo as sobrancelhas. Então tirou do bolso uma página de jornal e entregou à Camila, que estava entre Luan e Clara. — Nós resolvemos… problemas.

Os três se entreolharam e esperaram a garota abrir a página. Era uma coluna da penúltima página, com notas de festas de famosos, avisos de animais desaparecidos e tabelas com os campeões do campeonato de pesca. O jornal era de uma cidade do interior de São Paulo.

— Vocês organizam festas para a elite de… — Luan hesitou enquanto procurava o nome da cidade. — Atibaia?

Camila riu, se divertindo quase tanto quanto Ezequias e Carlos.

— Não, Luan! — Ezequias gargalhou, tirando o chapéu e alisando os cabelos. — Problemas um pouco maiores.

— Animais desaparecidos? — Clara sorriu, procurando outra coisa relevante na folha. — Campeonatos de bocha?

— Ah, saudades de jogar bocha. — Carlos riu, e apontou para o jornal. — Mas, não, um pouco mais para baixo.

Os dois esticaram o pescoço para ler a nota que estava embaixo do gato desaparecido. Camila apontava o título discretamente: "Zé Profeta". Conforme liam a notícia, a seriedade caía a níveis alarmantes para uma entrevista de emprego. Era uma nota sobre um dono de bar que, toda sexta-

feira, fazia um ritual de previsão do futuro. Algo que envolvia venda nos olhos, petiscos de bar, uma quantidade grande de bebida alcoólica e um gravador.

— Vocês gostam de… profecias bizarras?

Clara se recostou no sofá, enquanto se perguntava o que estava fazendo ali e amaldiçoava o professor que a convenceu a descer naquele apartamento cheio de malucos.

— Quase — respondeu Ezequias. — As bizarras ficam por conta do Carlos, que gosta das piores. As profecias são… ferramentas de trabalho.

— Olha, desde sempre a humanidade faz previsões. Cientistas, numerólogos, pastores, profetas, astrólogos… A lista é imensa e remete ao início da sociedade. — Carlos bebeu um gole de café, tentando dar seriedade ao seu discurso enquanto desviava o olhar do sorriso enorme e levemente psicótico de Camila. — Nossa organização tem uma missão simples, mas absurdamente importante. Anualmente, a mídia divulga cerca de vinte a trinta previsões de fim do mundo. O número de não noticiadas chega à casa das centenas. Dessas, pelo menos quarenta são previsões reais.

— Reais? — Clara colocou o seu copo vazio no chão.

Carlos olhou o relógio e mostrou para Ezequias, que ajustou o aparelho auditivo.

— Somos o Centro de Aviso e Controle de Apocalipses e Cataclismos. — Carlos ajeitou o bigode e olhou os candidatos por cima dos óculos.

— Apocalipses? — Luan colocou o copo dele ao lado do de Clara. — No plural?

— Sim. O mundo está acabando, garotos. Enquanto conversamos, um meteoro está se aproximando da Lua. Ela não vai sobreviver ao impacto, nem nós às consequências dele. Ultimamente, pelo menos uma vez por mês, o mundo deveria acabar. Nosso trabalho aqui é, basicamente, evitar o fim do mundo. — Carlos ajustou o próprio aparelho antes

de concluir, apontando para a sirene e gritando o mais alto que conseguia sobre o som do alarme que rugia. — TODOS ELES! INCLUINDO O QUE ESTÁ FAZENDO ESSE ALARME TOCAR!

Futurotil
Saccharomyces videntinii

Apresentação: Embalagem contendo 1 cápsula de gelatina.
USO ORAL E EXCLUSIVO DE VIDENTES.

1. Para quê esse medicamento é indicado?

Futurotil é indicado para restaurar a flora intestinal mágica de videntes após eventos graves de diarreia, em especial os decorrentes de premonições particularmente assustadoras (vulgarmente conhecidos como *cagaços*).

2. Como esse medicamento funciona?

A substância ativa do Futurotil é um micro-organismo previótico que, quando administrado adequadamente, permite que o paciente recupere seu poder de realizar previsões.

3. Quando não devo usar esse medicamento?

Futurotil não deve ser usado por pessoas não videntes, podendo causar alucinações e fezes em formatos premonitórios.

4. O que devo saber antes de usar esse medicamento?

Interações medicamentosas: não tomar esse medicamento com álcool, pois pode causar amnésia (né?).

5. Onde, como e por quanto tempo posso guardar esse medicamento?

Futurotil deve ser consumido em no máximo 24 horas após sua fabricação. O *Saccharomyces videntinii* é um organismo muito dependente e pode ficar #chateado se ficar

fora de um hospedeiro por longos períodos. Caso você tome Futurotil após sua expiração, ingira chocolate, faça um banho de assento com óleos essenciais e acaricie sua barriga.

6. Como devo usar esse medicamento?

Ingira a cápsula sem mastigar (SEM MASTIGAR). A contaminação da mucosa bucal por flora intestinal mágica causar mau hálito intenso e um impulso incontrolável de gritar o futuro na cara das pessoas com quem cruzar na rua.

7. O que devo fazer quando eu me esquecer de usar esse medicamento?

Desistir da profissão.

8. Quais os males que esse medicamento pode me causar?

Reação comum: Sofrimento por antecipação e visões mais frequentes que o usual.

Reação incomum: confusão e insônia.

Reação rara: novo cagaço.

9. O que fazer se alguém usar uma quantidade maior do que a indicada desse medicamento?

Em caso de ingestão concomitante de três ou mais cápsulas, ligue para o número de emergência. Você ficará confuso em relação a eventos presentes e futuros, por isso é importante garantir que você realmente tenha ligado e não apenas previsto que ligaria. Ligou? Ligou mesmo ou viu que ia ligar e achou que já tinha ligado? Na dúvida, ligue de novo.

Fabricado e embalado por: Vejabem Famagicêutica Ltda. ●

ISA PROSPERO - Autoria

Isa Prospero é tradutora e revisora. Escreve no blog literário *Sem Serifa*, é coautora do romance juvenil *Volto quando puder* (2016) e publicou histórias de ficção especulativa na antologia *Mitografias*, na *Superinteressante* e na revista *The Fantasist*, entre outros.

BÁRBARA PRINCE - Edição

Bárbara Prince é formada em Editoração pela ECA-USP e atua há oito anos no mercado editorial. Atualmente, é editora na Aleph, onde trabalha com obras de ficção científica, fantasia e cultura pop. Fala sobre cultura nerd no canal Invasão Bárbara no YouTube e sobre literatura no blog *Sem Serifa*.

DANTE LUIZ - Ilustrações

Dante Luiz é um artista ilhéu que escreve de vez em quando. Ilustrou a capa e os contos da coletânea brasileira *Cantigas no Escuro*, e publicou vários quadrinhos em lugares da gringa, como *Wayward Sisters*, *Gothic Tales of Haunted Love* e *Dates vol. I e II*. Se quiser contatá-lo, é só dar um oi no Twitter: @dntlz.

JARRA

Há uma rua na cidade de São Paulo que concentra lojas de antiguidades. Talvez você a conheça. Se a descer de carro num dia de semana atribulado ou num sábado tranquilo com a família, encontrará lojas grandes e pequenas, moderninhas e antiquadas, com atendentes universitários ou senhores que herdaram o trabalho de pais e avós. Seus clientes incluem jovens em busca de uma decoração vintage para seu apartamento compartilhado e socialites de meia-idade em

busca de móveis elegantes para suas mansões nos bairros nobres da cidade.

Mas uma das lojas é especial. Uma das lojas é diferente.

A casa onde se encontra é um sobrado separado da rua por um portãozinho de ferro e um jardim um tanto selvagem. Nada indica que é uma loja em vez de uma casa — embora seja, de fato, também uma residência. Do outro lado da rua, um mercadinho e um ponto de ônibus agregam um zunzunir de vozes, enquanto um camelô empolgado em sua banquinha vende fones de ouvido, bolsas, brinquedos e chips de todas as operadoras por apenas cinco reais. Em dias quentes, quando a fumaça dos ônibus varre as calçadas e as buzinas dos carros preenche o ar, poucos observam a porta aberta atrás da qual se entrevê uma quantidade incomensurável — quase impossível — de objetos. Alguns passantes sentem a cabeça virar como que por vontade própria em direção à casa, arrebatados por uma vontade quase irresistível de entrar nela. Geralmente são puxados adiante por seus compromissos ou companheiros. Quando arriscam abrir o portãozinho e subir os degraus até a porta, descobrem que estão com uma dor de cabeça que os faz querer voltar para a rua o quanto antes.

O que não quer dizer que o lugar não tenha clientes. Pelo contrário: eles são muitos, e muito diversos, e muito assíduos.

Já sabem da existência da loja. Às vezes vêm de muito longe para conhecê-la, e não raro passam dias inteiros investigando sua coleção. Alguns esperam levar algo dela, outros trazem objetos para deixar — em troca de fortunas ou algo mais valioso. Um inventário dos dois andares e do subsolo incluiria cadeiras, poltronas, aparadores, criados-mudos e mesas; gaveteiros, tinteiros, floreiros, faqueiros, açucareiros, paliteiros, cinzeiros, saleiros e revisteiros; penteadeiras, namoradeiras, chapeleiras, cigarreiras, saboneteiras, floreiras, fruteiras, biscoiteiras, leiteiras, licoreiras, molheiras, cafeteiras e queijeiras; porta-retratos, porta-joias, porta-bengalas, porta-canetas, porta-moedas,

porta-chaves, porta-grilos e algumas portas; relógios de pulso, de mesa, de bolso e de sol; samovares russos, estatuetas egípcias, bules marroquinos, máscaras congolesas, ânforas gregas, moedas romanas, vasos venezianos, calendários maias, mantos tupinambá, cômodas portuguesas, taças tchecas, espadas árabes, xícaras inglesas e incensários japoneses; bustos de marfim, bules de faiança, esculturas de terracota, de bronze patinado ou de madeira trabalhada, entalhada e lavrada; bonecas de porcelana; sombrinhas de seda; camafeus em concha de caramujo; urnas lavradas em jade; balanças de bronze; bandejas de metal laqueado; astrolábios de ferro; castiçais de prata repuxada; varinhas de mogno; bengalas com castão em marfim; alfinetes de ouro; espelhos de cristal; joias incrustadas com pérolas, esmeraldas, rubis ou diamantes; e alguns livros.

A bem da verdade, muitos livros.

Os objetos se empilham uns sobre os outros, formando paredes labirínticas que dão a impressão de que a casa deve ser muito maior do que aparenta de fora. As janelas permanecem fechadas: a iluminação irregular é feita pelas luminárias à venda e assim muda constantemente, ao sabor dos negócios, criando uma atmosfera baça onde as sombras brincam de imitar formas e floreios.

Em meio à penumbra delirante, o visitante encontrará uma mulher. Sua pele é do dourado escuro de uma lâmpada mágica, seus olhos negros como pedras de ônix. Quando é obrigada a sair para a rua e ir até o mercadinho, os olhares pousam nela como se tentando desvendar uma mistura étnica indefinível. À primeira vista, parece ser jovem, mas às vezes, sob a luz tremeluzente dos lustres, o visitante pensa ver a idade assentar-se pesadamente naquele rosto. E se tem o costume de visitar a mulher e encarar aqueles olhos com atenção, percebe que eles, pelo menos, são tão jovens quanto um buraco negro. Mas então a mulher sorri e começa a negociar, e o cliente logo abandona suas divagações, porque sabe que existem muitas coisas

estranhas neste mundo e algumas delas é melhor deixar quietas.

O expediente da loja nunca acaba. Tem sido assim por muito tempo. Clientes chegam de manhã, de tarde, de noite e de madrugada. A mulher passa a maior parte de seu tempo esperando. Pelo próximo cliente, pelo próximo item. Ela não se importa em esperar.

Anda pelos corredores. Sabe que alguns clientes acham a atmosfera da loja opressiva, excessivamente escura — os brasileiros, em especial, preferem espaços abertos e ensolarados. Uma vez lhe disseram que todos aqueles tesouros reunidos lembravam a tumba de um faraó. Uma observação certeira, comentou a mulher. Mas seria ela a rainha ou apenas uma das relíquias?

Quando não há clientes, ela pode ser encontrada com um livro na mão, ou um instrumento, ou um pincel, ou então sentada numa poltrona seiscentista diante da TV. A internet é captada por um sistema complexo de fios e antenas que é metade gato, metade magia. Às vezes assiste a filmes históricos, comentando acidamente consigo mesma sobre os anacronismos; às vezes, isso a deprime, e ela procura um drama médico, uma comédia adolescente ou uma ficção científica em que humanos bem resolvidos exploram as galáxias. Os objetos também dão trabalho: é preciso polir e lixar e limpar; às vezes tranquilizar uma estátua, às vezes afastar um espelho e um bule que não se dão bem.

É uma vida tranquila. Inan gosta dela.

Mas então, pergunta-se às vezes, por que gosta tanto quando alguém vem perturbá-la?

***

— Inan!

O grito ressoa no peito como um desfibrilador. Ela se ergue do chão, larga o pano sobre uma mesa e ajeita o cabelo. Está usando uma calça velha e uma regata puída. Escuta o grito de novo e seu estômago dá uma cambalhota. Gaia.

Ela envereda pelos corredores de antiguidades até virar um canto e dar de cara com a maga, sua silhueta emoldurada pela luz da porta da frente. Se Inan está um tanto desleixada, a aparência de Gaia só pode ser descrita como apocalíptica. As botas de escalada e a calça larga estão enlameadas até os joelhos. A regata está chamuscada ao lado do corpo e arranhões mancham de vermelho o tecido branco, como se ela tivesse atravessado um espinheiro. Os braços escuros estão cobertos de uma fina poeira branca, e fios rebeldes do cabelo crespo escapam do rabo de cavalo. A expressão naquele rosto forte e bonito e querido é decididamente sombria.

— Bom dia — diz Gaia com um sorriso torto. — Estão tentando me matar.

— Ah — Inan comenta. As cambalhotas no estômago estão mais ousadas agora, buscando uma classificação olímpica. — Aceita um café?

Gaia tira a mochila das costas — uma mochila que Inan conhece bem, e que já lhe trouxe itens curiosos de várias partes do mundo — e a empurra para os braços da lojista, antes de se embrenhar para dentro.

— Talvez algo mais forte.

— Jet lag? — Inan pergunta, indo atrás.

— Não exatamente. — Então Gaia para de chofre e segura seu braço. O toque é gentil, bem como a voz, e ambos mantêm Inan imóvel. — Eu… acho que desta vez estou com problemas de verdade.

Inan não consegue evitar um sorriso.

— Ao contrário de todas as outras vezes que estava com problemas de verdade?

Gaia é uma caçadora: procura, adquire e comercializa objetos mágicos — nem sempre com o consentimento dos antigos donos. É um trabalho que com frequência a faz deparar com magos ambiciosos e proprietários traídos. Inan se preocupa, pois não consegue não se preocupar, mas tem consciência de que Gaia sabe se virar como poucas pessoas no mundo.

Mas o rosto da sua cliente preferida e talvez amiga não se abre no sorriso convencido que ela está esperando. O estômago salta de um precipício. O que você fez?

— Vamos sentar — Inan sugere — e você me conta do começo.

***

— Começou na Turquia.

Gaia está acomodada numa cadeira tanzaniana de espaldar alto. Uma figura feminina esculpida no topo da madeira escura parece protegê-la de cima. Apesar da sujeira cobrindo o corpo, a visitante parece uma rainha. Agora que tem uma xícara nas mãos, com cafeína e um golinho de um licor que os vitorianos acreditavam ser capaz de reviver os mortos, ela está com uma cara mais familiar. Inan, da poltrona funda que puxou para si, tenta não encarar muito obviamente.

— Turquia?

— Tenho uma conhecida numa escavação lá, quase na fronteira com a Armênia. Um dos meus… contatos. Como você sabe, eles me avisam quando desenterram qualquer coisa interessante. — E por interessante, ela quer dizer mágica. Gaia tem vários contatos pelo mundo, mas a maioria não são magos no sentido estrito da palavra: só arqueólogos, museólogos e pesquisadores com a habilidade de reconhecer um objeto poderoso. — Pois bem, eu tinha acabado de chegar do último serviço. Fui comer um pastel com um amigo, determinada a não pensar em magia por um fim de semana inteiro. Juro pra você! Mas daí ela me liga. Nem mandou mensagem, veja bem. E você sabe o que eu acho de ligações.

— Sei?

— Elas são estressantes, Inan. Você tem que decidir de imediato se quer aquele problema ou não. Mas pensei: tudo bem, ela sempre me deu boas dicas! Então atendi e ela disse que tinha algo pra mim. Urgente. Eu disse que iria o quanto

antes, mas ela disse que eu tinha que ir imediatamente, porque não sabia quanto tempo conseguiria manter o troço escondido.

— Por quê?

— Porque, nas palavras dela, "o negócio é como um farol e os outros membros da equipe sabem que estou escondendo algo".

— Ela tem outros magos na equipe?

— Não.

Inan ergue uma sobrancelha. Gaia a encara por cima da xícara.

— Também fiquei impressionada. Devia ser algo absurdamente poderoso, se pessoas comuns estavam sentindo a presença do negócio. Suspeitei que seria cilada. — Gaia suspira. — Devia ter confiado no instinto.

— Em vez disso — diz Inan, sabendo que o instinto de Gaia na verdade sempre lhe diz para perseguir o perigo —, você foi até lá.

— Peguei o primeiro voo. Agora estava curiosa, né? E foi incrível, Inan. — Gaia apoia a xícara numa mesinha, a voz assumindo um tom sonhador. Seus olhos encaram um ponto distante em outro continente. — Assim que pousei em Istambul senti alguma coisa no ar. Uma… eletricidade. E a escavação ficava a centenas de quilômetros dali. Quando finalmente cheguei ao local, era como se estivesse drogada. — Os olhos se focam de novo e ela emenda: — Não que eu saiba como é isso.

— Algo tão poderoso poderia atrair a atenção de um mago nas vizinhanças — sugere Inan.

— Ah, já vamos chegar lá. Bom, como ela tinha me contado que o negócio era potente, eu levei um abafador. — Inan assentiu. Abafadores camuflavam a presença de um objeto mágico; caçadores como Gaia os usavam para evitar competição. — Não queria correr o risco de que alguém no caminho reconhecesse que eu levava algo de valor. Esse povo não tem o menor respeito pelo direito de encontro.

— Você estava roubando uma relíquia arqueológica…

— Para o bem da própria equipe de escavação e de todas as outras pessoas que poderiam se machucar. E por mim, claro, que ia tirar de você um belo preço por ela — diz Gaia com um sorriso. Então o rosto se anuvia, e ela solta o ar com força. — Mas a questão é que eu vi na hora que mesmo o abafador teria dificuldade em mascarar o negócio. Era mesmo como um farol. Minha cabeça doía quando eu ficava perto dele, mas ao mesmo tempo eu sentia o coração acelerado, como se tivesse tomado vinte xícaras de café. Não — ela emenda outra vez — que eu saiba como é isso.

— E você usou o abafador?

— Sim. Ajudou, embora eu ainda sentisse um rastro do negócio.

— E o que era?

Gaia inclina a cabeça para a mochila aos pés de Inan.

— Fique à vontade.

Inan abre a mochila e extrai dela uma caixa de madeira entalhada com símbolos. A escrita está um pouco desgastada, numa língua que Inan lembra-se vagamente de ter aprendido antes que desaparecesse nas areias do tempo.

Ela põe o abafador no colo e percebe, com um choque, que os nós que sentiu no estômago na verdade são causados por aquela caixa.

Ela achou que era só… bem, Gaia.

Mas ninguém precisa saber disso.

Ela abre o abafador e inspira fundo. Gaia solta um grunhido e esfrega os dedos nas têmporas. Há uma jarra ali. Uma simples jarra de cerâmica de duas alças, sem qualquer marcação. É selada com um tampão do mesmo material, embora o que realmente a esteja mantendo fechada é algum feitiço poderoso.

Inan não pratica magia. Reconhece a magia, porque não pode evitar, e porque é necessário para fazer seu trabalho,

mas jamais a usa. Mesmo assim, o poder preso naquela jarra perfura sua cabeça, seu controle e sua vontade. A mensagem é clara como se as palavras estivessem sendo berradas no ouvido dela.

Abra-me.

Ela fecha o abafador com um baque surdo, a pressão imediatamente amainando.

— Diga — ela pede a Gaia — que você não tentou abri-la.

— Claro que não — responde a caçadora. — Não sou bruxa de primeiro feitiço. Não quis fazer nada com ela até chegar num ambiente controlado, talvez até chamar uns amigos. Isso aqui não é Aladim. Quando um objeto te diz para abri-lo, provavelmente quer te matar.

Inan segura uma risada nervosa. Os dedos encostados sobre as arestas do abafador estão formigando.

— Bons instintos — ela sussurra. — Isto é antigo, Gaia. Muito, muito antigo. — Tão antigo que as memórias de Inan, tão cuidadosamente guardadas, começam a se revirar como água num redemoinho. Quando se tem lembranças em excesso, as mais antigas ficam dormentes, sonhos que o consciente considera inúteis e abandona em algum canto. Agora esses sonhos abrem um olho devagar, espreguiçando-se e trazendo à tona épocas remotas. Imagens incongruentes com a vida cotidiana lá fora, os ônibus e vendedores e trabalhadores: trirremes singrando o mar, deuses e escravos, montanhas e desertos. E ao longo de tudo isso, uma outra pessoa, a única pessoa que a acompanhou ao longo de sua longa, longa vida. Ela engole em seco. — Você disse que estava sendo perseguida.

— Sim. Começou quando eu ainda estava lá. Depois que a jarra estava no abafador, eu consegui… senti-lo. Acho que o poder na jarra estava bloqueando minha percepção antes.

— Senti-lo?

Gaia a encara em silêncio por um momento. Seus olhos adquirem um foco intenso e perscrutador.

— Ele é como você.

Inan sente o mundo girar. Une as mãos suadas. Tenta controlar a voz antes de repetir as palavras de Gaia mais uma vez:

— Como eu.

— Primeiro, achei que fosse você — Gaia diz. — Porque nunca senti nada parecido vindo de outra pessoa. Mas daí percebi que era improvável você ter saído da loja. O que significava que havia outra pessoa, alguém que também era… diferente. — Ela abre as mãos num gesto pacificador. — Não sei quem você é, Inan. O que você é. Mas sempre me pareceu como um dos seus objetos, emanando algum poder desconhecido e antigo. E o homem que está me perseguindo emana a mesma energia.

Inan suspira. Este é um momento de virada, e ela não gosta de momentos de virada. As coisas permanecem iguais por tanto tempo, até você se acostumar com elas, até ficar confortável, e de repente tudo é jogado para o alto e a segurança que você preza desaparece. Mas se ele está atrás de Gaia…

— Seu nome — diz Inan — é Enli.

Gaia balança a cabeça devagar e apoia os cotovelos nos joelhos, inclinando-se para a frente.

— Quem são vocês? — questiona.

— Essa é uma pergunta que eu e ele estamos tentando responder há um longo tempo.

— Sei que é deselegante perguntar a uma dama, mas quão longo?

— Dez mil anos. Mais ou menos.

Gaia solta um assobio longo e baixo. Inan a encara com receio. Não é todo dia que ela tem essa conversa. A última vez já faz uns bons séculos e desde então ela tem evitado ao máximo. A ideia de imortalidade atrai, mas também aterroriza os humanos. Ela olha para Gaia e imagina nunca mais a ver, e

a dor antecipada da perda lhe dá uma pontada no coração.

Então Gaia ri e se encosta no assento de novo.

— Agora eu sei como você juntou toda essa tralha.

— Eu não sei bem o que somos — Inan balbucia. — Mas só existimos nós dois. Pelo menos nunca encontramos ninguém como nós, em todo esse tempo. E eu vivi em vários lugares.

— Quando você veio pra cá?

— Anos quarenta. A guerra — ela explica. — Era perigoso manter tudo isso — ela faz um gesto englobando a loja — onde poderia ser roubado e usado como arma. Como muitos outros, eu fugi para as Américas. E estou aqui desde então.

Gaia assente devagar a cada nova informação, os olhos faiscando de curiosidade como quando encontra algo novo na loja. Inan deveria saber: a caçadora ama o desconhecido mais que tudo. É claro que acharia isso fascinante.

Gaia diz, convite e promessa:

— Quando a gente der um jeito no meu stalker imortal, você vai me contar tantas histórias. O jantar é por minha conta.

Inan limpa a garganta.

— Hã, bem, falando no seu stalker…

— Ah, sim. — A outra recupera o foco, voltando ao seu tom de negócios. — Sei quando estou sendo seguida, e ele estava rondando. Tentei encontrá-lo ou identificá-lo, mas nada funcionava, então imaginei que era um mago e estava combatendo minhas tentativas. Eu precisava esperar até o dia seguinte para voltar para Istambul, então fiquei na tenda da minha amiga. Acordei no meio da noite e vi uma figura ao pé do saco de dormir. Ele estava atrás da jarra, e não estava a fim de negociar. Vou te poupar os detalhes, mas… — Ela gesticula para si mesma, as roupas rasgadas e sujas. — Foram momentos intensos. Resolvi que não ficaria pra conversar, então agarrei a mochila e o abafador e me transportei para casa.

Depois vim direto pra cá.

As sobrancelhas de Inan sobem para o meio da testa.

— Você tem um transportador?

— Novidade fresquinha — Gaia sorri. — Depois te conto os detalhes. O que eu quero saber é: o que é esse negócio e por que esse cara quer roubá-lo?

Inan olha para o abafador fechado. Resquícios do poder da jarra se insinuam em sua mente, o comando claro, uma pressão nas têmporas. Abra-me.

Poderia ser uma infinidade de coisas, é claro. Antiquários se treinam para não olhar para qualquer espada e pensar que encontraram Excalibur. Mas ela não é qualquer antiquário, e definitivamente não queria ter encontrado esta jarra. Seu corpo inteiro se arrepia; uma náusea terrível ameaça dominá-la.

Ela respira fundo e se reclina na poltrona.

— O que você sabe sobre a Caixa de Pandora?

Gaia a encara sem expressão.

— Que é uma caixa.

— Erro de tradução — explica Inan. — O termo grego era pythos, que se refere a um jarro, e no século dezesseis acabou virando pyxis, ou caixa. Um pythos era um jarro grande, na verdade, mas as coisas são facilmente exageradas na recontagem e… bem, você não está interessada na etimologia.

Normalmente Gaia ouviria todo o discurso, guardando as informações num canto da memória, mas agora só balança a cabeça devagar, de um jeito quase inconsciente.

— Eu conheço a lenda, Inan. Uma caixa com todos os males do mundo, que nossa amiga Pandora abriu por curiosidade. E é por isso que estamos ferrados até hoje.

— Você também sabe que as lendas raramente são consenso. Há mais de uma versão da lenda de Pandora.

— Claro que há — suspira Gaia.

— Eu me lembro de uma mais antiga. — Inan fecha os olhos. A história era um rumor, mesmo na época.

Contada ao redor de fogueiras. Sussurrada em noites de tempestade. — Ela contava sobre demônios muito antigos, forças destrutivas de enorme poder capazes de assolar a humanidade. E, por um tempo, assolaram. Há épocas obscurecidas na história, que até hoje as pessoas tentam entender sem sucesso. Bom, Pandora recebeu, ou talvez já tivesse, poderes mágicos. Ela prendeu os demônios e os selou com esses poderes, num esforço que tirou sua vida. A jarra foi escondida, ou perdida, ou passada de mão em mão, dependendo de quem contasse a história. E, com o tempo, a lenda se modificou. Como a humanidade ainda sofria de males, as pessoas precisavam culpar alguém. Não se lembravam que já havia sido muito pior, que por pouco a espécie humana não fora extinta quase antes de começar. Na época, quem estava no comando achava desconfortável a ideia de uma mulher salvando a humanidade. Era muito mais fácil argumentar o contrário… e assim ela ficou lembrada.

— Você está me dizendo que um bando de homens resolveu culpar a salvadora do mundo só porque ela era mu… ah, quer saber? Eu acredito. Eles fariam isso. — Gaia se levanta de repente e dá algumas voltas em silêncio. As mãos roçam o braço de uma cadeira, dedilham o tampo de vidro de uma mesa, batem num vaso produzindo um tinido.

— Gaia?

A maga lança um olhar venenoso para o abafador.

— A jarrinha de cerâmica de Pandora, hein? Eu sabia que era cilada. — Então ela estreita os olhos para Inan. — E o tal do Enli quer a jarra. Por quê?

Inan suspira. Momentos de virada. Como muitas outras vezes na vida, ela deseja desesperadamente que viagem no tempo fosse possível: voltaria só meia hora atrás, para quando as coisas eram muito mais simples.

— Ele só pode querer uma coisa — ela diz, por fim. — Abrir a jarra e deixar que os demônios cumpram seu

propósito de destruir a humanidade.

— E esse — diz uma terceira voz — seria um bom palpite.

Inan se ergue veloz como um raio. Atrás dela, entre duas paredes de antiguidades, está Enli.

Despertar… consciência… sou UM.

Mudanças ocorrem… uma mente se torna muitas. Não somos mais Um.

Nossas mentes se dispersam e tateiam perto e longe, nossa casa e no infinito.

Uma responde sobre a luz, outra sobre a gravidade, outra, magnetismo. Outras ainda buscam.

Luz… gravidade… um acréscimo ínfimo nos despertou.

Neutrinos, múons, mais e mais dados pentadimensionais. Começamos a elaborar um mapa.

Alguns de nós começam a armazenar luz, outros gravidade. Outros ainda coletam átomos do vento dessa estrela laranja, não muito velha, solitária. Repondo nossas perdas no Grande Vazio.

Nosso desgaste foi pouco e, antes que aumente com o vento local, nos protegemos com projeções nos cercando completamente. Algumas poucas mentes se dedicam a isso.

Análise do sistema: Estrela classe M, nove planetas, um cinturão de asteroides interno, um cinturão externo de escombros e cometas. Análise espectral revela elementos pesados, hidrogênio, nitrogênio, muito metano e água em relativa abundância.

Poeira e restos de outra estrela anterior.

Começamos a mapear o perfil gravitacional do sistema, buscando a melhor aceleração e calculando nossa melhor trajetória. Passaremos longe de quaisquer obstáculos e seguiremos adiante.

Conforme nossa consciência se expande, notamos fragmentos de gelo e pó, atrás de nós, da idade da estrela. Além deles, um sinal fraco! Rádio simples, sem consciência.

Alerta! Alguns de nós concentram-se atrás, analisando o

emissor. Apenas um ser artificial, metais e outros elementos, muito simples. Mas um sinal de vida!

Nos concentramos intensamente à frente e nos arredores. Círculos e círculos, mais e mais distantes, nossas mentes tateiam mais e mais longe, com cuidado. Outras emissões, são detectadas, todas automatizadas — exceto uma fonte, difusa, não dirigida a nós. Ondas de rádio lentas e simples, simultâneas, sem direção, se originando e destinadas ao terceiro planeta.

Sinais inequívocos de vida.

Alguns de nós se unem para decodificar. Iniciamos busca por outras naves no sistema, mas não achamos nada ou estão se ocultando. Mapeamento detalhado gravitacional não revela nada se movendo irregularmente. Mapeamento supradimensional detecta pequenos sinais regulares vindos do quarto planeta, dos arredores do planeta gasoso maior e há outros sinais simples dispersos pelo sistema. Isso sugere objetos sensores espalhados, mas ainda não percebemos o tipo de sensores.

Aparentemente o centro dessa civilização fica no terceiro planeta.

Focamos todos os nossos sensores em direção ao terceiro planeta.

Rochoso, como nós. Possui metais, como nós. Mas somos vermelhos e eles azuis. Será uma raça irmã? Uma colônia antiga?

Nitrogênio, Oxigênio e outros gases na atmosfera. Irrelevante. Superfície com rochas e água com sais de sódio.

Deciframos algumas das linguagens usadas nesse mundo. Já podemos tentar comunicação, usando suas palavras, ideias e nomes.

Conforme aumentamos nossa atenção, detectamos e iniciamos contato com a forma de vida mais antiga do planeta, sem sucesso. Apesar das tentativas, não houve resposta. Nem nenhum dos outros similares a ela. São formas de vida baseadas em carbono, com estruturas feitas de celulose, com alturas variadas e aparentemente imóveis.

Então tentamos contato com a forma de vida dominante, amplamente difundida por todo o globo, virtualmente em toda parte. Apesar de simples biologicamente, achamos que talvez possuísse uma mente coletiva. Chamadas bactérias, são pequenas unidades espalhadas aos trilhões por todo o planeta, em todos os ecossistemas. Sem resposta.

Detectamos então que a forma que utiliza diversos idiomas é feita a partir de entidades similares às bactérias, porém unidas em grupamentos com cerca de 30 bilhões de unidades. Um coletivo!

Antes de tentarmos outro contato, percebemos conflitos variados, intensa destruição e modificação no planeta. Os seres mais antigos são mortos e seus corpos utilizados pelos humanos. O mesmo ocorre com as diferentes espécies que analisamos. Mais do que mera sobrevivência, há destruição gratuita. Não há uma união nessa espécie. Não agem como grupo.

Vemos lentamente as condições do planeta se modificando de forma a prejudicar a imensa maioria das espécies. Não entendemos o porquê.

Somos muitos e somos Um. Se algum de nós não existisse mais, seríamos menos.

Menos capazes, menos eficientes.

Decidimos não continuar com as tentativas de contato.

Pelas transmissões que recebemos, percebemos que fomos detectados passivamente, analisados com a tecnologia primitiva dos seres e descartados como um asteroide. Vindo de fora do sistema solar.

Somos uma curiosidade apenas. ●

MICHEL PERES - Autoria

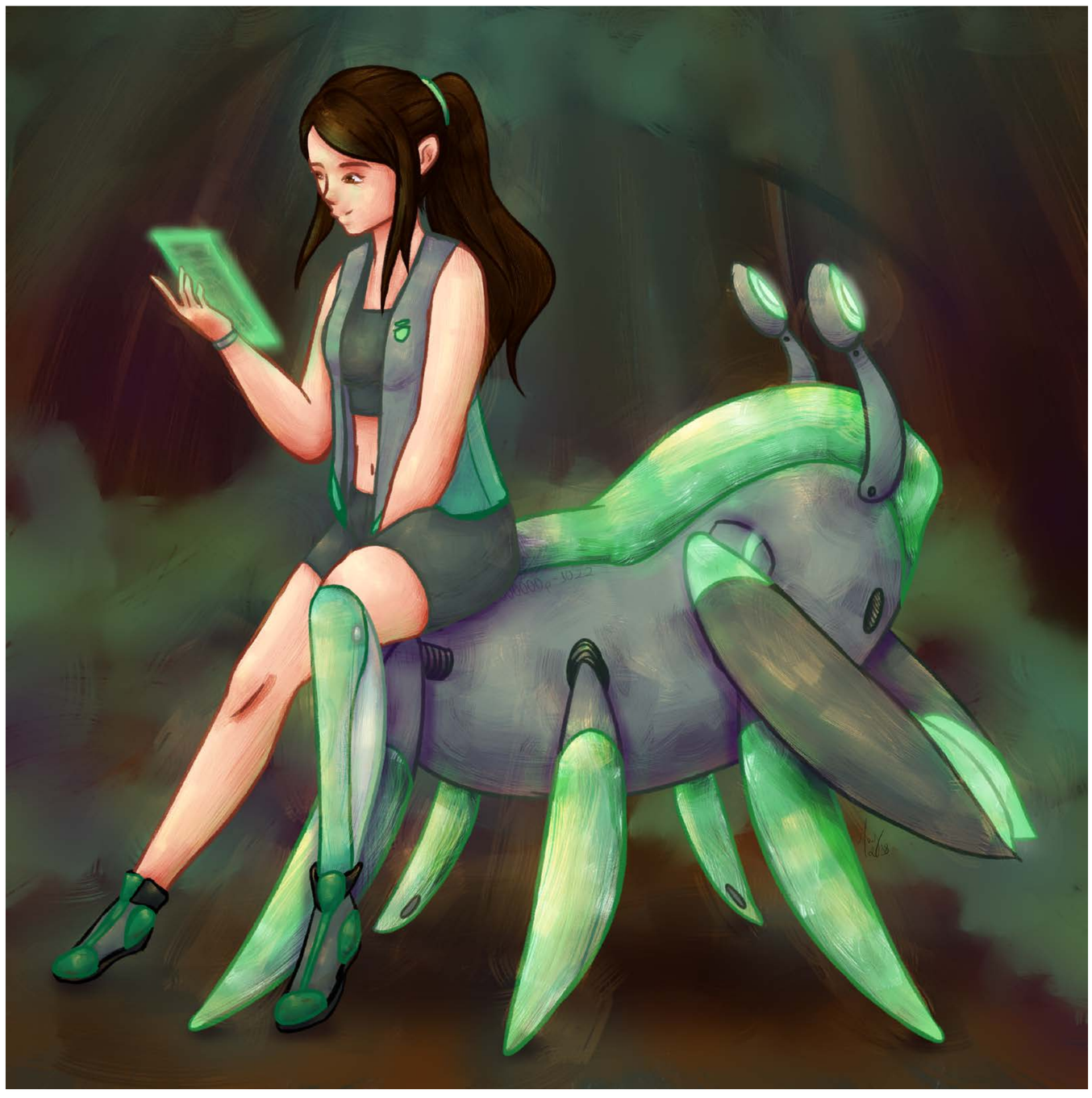
Michel Peres é professor, leitor e escritor. Natural de Matozinhos (MG), escreveu poesias que nunca passaram pelo crivo da gaveta e vive a desenvolver a sua mitologia pessoal (divertindo-se bastante com isso). Escreveu para o site *Obvious* e já teve contos publicados no site *Leitor Cabuloso*, *Mitografias* e nas revistas *Trasgo* e *Somnium*.

RODRIGO RAHMATI - Edição

Rodrigo Rahmati nasceu em Uberaba, mas mora em Sorocaba. É revisor e escritor desde 2006 e publicado pela primeira vez em 2016, com contos pela editora Draco e seu primeiro romance *O Arquivo dos Sonhos Perdidos*. Tem vários contos espalhados por aí, em todos os gêneros; coeditor dos contos do site *Leitor Cabuloso* e coorganizador da coletânea anual *Realidades Cabulosas*. Lançou seu segundo romance em 2017, *Nefelibata ou O Fotógrafo*, e pretende viver de literatura (ou ao menos não morrer por causa dela). Revisou o romance *O Templo dos Ventos*, de Marcelo Zaniolo, e a *Antologia Mitografias: Mitos Modernos*.

MAYARA BARROS - Ilustrações

Mayara Barros nasceu em 1992, no Rio de Janeiro. Formada em Jornalismo pela Uerj, é Mestre em Comunicação. Publicou *Caleidoscópio*, pela Editora Illuminare, e os contos *Crystalline* e *Preferida*, como ebook na Amazon. Participou das antologias *Contos de Fada*, *Anjos e Demônios*, ambas da Illuminare; *Valquírias*, da Darda Editora, e Momentum, organizada e editada por Gabriela Martins. Atua como editora-chefe na Revista Avessa desde 2014 e mantém um blog pessoal, *Naive Heart*, desde 2011.



O mosquito fez seu último voo antes de pousar no braço de Filipa e esturricar como um galho seco.

Ela olhou para o braço. Pressionou o indicador na ponta do dedão e expulsou o inseto com um piparote, lançando-o na correnteza do rio. Seu primeiro dia subindo o Javari e ela já perdera a conta de quantos mosquitos fritara. Vinte? Quarenta? Não fazia ideia. Sorte sua ter trazido uma pulseira repelente.

Uma voz cortou por entre o gemido do barco.

— Quê? — ela gritou, como a despertar.

O capitão do barco dizia alguma coisa. Era um homem

pequeno, de nariz bulboso e a cor de sua pele lembrava mel da Lousã. Filipa o conheceu no porto. Ela havia acabado de pousar em Tabatinga e procurava alguém que pudesse conduzi-la rio acima.

— Cuidado com os galho — ele disse, por trás das bagagens e caixas.

— O droide já está a cuidar disso — ela respondeu, balançando a camisa para afastar o calor. — Já alguma vez viste os insetos que estou a procurar?

— Tá falando das mariposa-cavalo?

— Exato.

Ele franziu o nariz. Era mesmo um nariz horroroso.

— Algumas vezes…

— Onde?

— Perto donde eu falei. Javari acima, lá depois de Atalaia do Norte.

— Com os mayorunas…

O homem escarrou no rio e assentiu.

— Eles são perigosos?

— Dizem que o chefe deles convoca espírito — ele falou — que faz a floresta gritar.

Filipa fez um muxoxo.

— E achas que vão colaborar?

— Depende…

— Depende do quê?

— Se eles vão ou não se assustar com aquilo — ele disse, apontando pra frente do barco.

Ela virou-se. O droide cortava um galho.

— Zi? — ela perguntou. — Não te preocupes. Ele não vai magoar ninguém.

A menos que seja necessário.

Filipa sabia que a floresta em si não representava perigo. Claro, havia sempre a possibilidade de se perder no meio

da mata, mas ela era uma profissional. Como coletora da Fundação Zacuto, já tinha viajado para diversas regiões, da floresta de Chiang Mai às tundras em Storskog. Climas e lugares diferentes representavam pouco mais que uma leve alteração em sua rotina. O verdadeiro perigo era mesmo os bandidos, e eles estavam em todo lugar: em Fujian, eram os *Shétóu*, conhecidos contrabandistas de pessoas; no pântano de Manchac, os *cristalnecks*, que matavam turistas para destilar adrenocromo. E aqui, no meio da Amazônia, o problema eram os traficantes da *Trocha Oscura*, conhecidos por atuar na rota do rio Javari e por serem mais territoriais que hipopótamos. Ela havia pesquisado antes. Por isso havia levado Zi, o droide.

Z0x0.000000p-1022 era o código do droide na Fundação. Z0x0.000000p-1022 era dotado de uma carapaça caranguejesca de aço austenítico apropriada para mergulhos, além de possuir mecanismos de caça e pesca, fazendo dele um excelente acompanhante para quem iria se embrenhar numa floresta. Z0x0.000000p-1022 rodava a partir de um SO IA6, que o capacitava a manter diálogos de baixa a média complexidade. E como Z0x0.000000p-1022 era um nome difícil de guardar, Filipa optou por chamá-lo simplesmente de Zi.

{O que são esses elementos verdes sob a água?} o droide perguntou em uma voz suave, uma de suas câmeras encarando Filipa.

— São as copas das árvores, Zi.

{Árvores?} O droide se apoiou nas pinças. {Pensei que elas ficassem acima da terra.}

— E ficam. Essas foram inundadas pelo rio — ela respondeu, tirando uma garrafa de água do cooler.

Além do cooler, Filipa havia levado caixas com enlatados e comida desidratada, provisão suficiente para pelo menos uma semana. Chico achou um exagero. Havia garantido que chegariam aos mayorunas em dois dias, mas Filipa preferiu não correr o risco de ficar sem mantimentos. Sabia que as coisas ficavam estranhas sem eles.

Deu um gole na água. Que sol terrível. Mesmo protegida pelo toldo do barco, um teto improvisado com palha e lona, ela sentia as roupas ensopadas. Como um organismo vivo, a floresta soprava um hálito quente sobre o rio. Uma gota de suor escorreu pela coxa dela, parando na junção onde a carne se encontrava com a prótese de magnésio. Fazia um calor infernal, e usar bermuda não estava ajudando.

Ela pensou em pedir ao capitão que parasse o barco, assim poderia dar um mergulho no rio. Apoiou o cotovelo na ripa de madeira que sustentava o toldo e olhou para a água. Um véu marrom ocultava a visão e a ideia logo lhe pareceu estúpida. Aquelas águas estavam infestadas de candirus, piranhas, jacarés, poraquês, anacondas, tubarões, arapaimas, pirandirás, ariranhas, pacus e mais uma infinidade de outros demônios aquáticos que devorariam sua perna em minutos. Chico disse que avisaria assim que encontrassem um local seguro para um banho. *Melhor esperar*, Filipa pensou, tirando o diário da mochila.

— Dona…

— Sim?

— Pode fazer uma pergunta?

Filipa virou o rosto, já imaginando do que se tratava.

— Sim.

— Que houve com sua perna?

Ela olhou sonhadora para a prótese e depois para Chico.

— Choque em cadeia.

— Quê?

— Choque em cadeia… de carros — ela respondeu, batendo os punhos um contra o outro.

Chico ergueu as sobrancelhas, finalmente compreendendo.

— Ah — ele disse, sem graça. — Sinto muito.

— Não te preocupes — ela falou e voltou para o diário.

Filipa mentiu, mas o que mais poderia fazer diante de um estranho? Abrir-se e dizer que desde menina era obcecada por

próteses? Que costumava subir a ladeira do Hospital de Santo Antônio dos Capuchos mancando, apenas para fingir que era deficiente? Ou explicar como ela mesma planejou o ato que levou sua perna esquerda a ser amputada? Melhor não. As pessoas não reagiam muito bem ao ouvir essas histórias. Era mais fácil empurrar a balela do choque em cadeia. Tragédias tinham esse poder de impressionar e calar.

{Não seria bom a gente procurar outras espécies?}

Ela ergueu os olhos do diário, levemente irritada. Por que essas IA6 vinham configuradas apenas com português do Brasil?

— O que estás a dizer, Zi?

{A gente veio em busca das mariposas-cavalos, mas existem outras espécies que podem interessar ao banco da Fundação.}

Ela assentiu.

— Tens razão, Zi…

Guardou o diário na mochila e pegou um tablet. Acessou o banco de dados de espécies e fez uma query com um filtro para região, outro para classe e outro para tamanho, escolhendo Vale do Javari, mamífero e pequeno porte. O mapa exibiu na tela todas as espécies de mamíferos de pequeno porte que havia por perto, indicando em gráficos a probabilidade de encontrar cada um. Ela acessou um dos perfis. Havia uma espécie rara de tamanduaí que vivia a poucos metros de onde estavam. Filipa verificou que não havia amostras de DNA dessa espécie nem no banco da Fundação, nem nos bancos das instituições parceiras.

— Precisamos parar — ela disse, pegando o rifle de extração.

— Por quê? — Chico perguntou.

— Porque vou fazer uma colheita.

Ele franziu a testa enrugada.

— Tu vai trazer bicho pro meu barco?

— Não! Só preciso do ADN.

Chico fez uma expressão de dúvida.

Ela soltou um suspiro. Pegou o rifle e mostrou para o homem.

— Estás a ver a arma? Esta arma dispara apenas um chip. O chip lê o ADN do animal e o envia para meu telemóvel. Não é uma arma mortífera.

{E os chips são totalmente absorvíveis}, Zi completou.

Chico cuspiu no rio.

— Tô preocupado com isso não. Tô falando que nós vamo atrasar.

— Vai ser rápido.

O homem resmungou, mas obedeceu.

Enquanto ele manobrava o barco até a margem, Filipa carregou o rifle e pegou os óculos, ajustando as lentes para o modo de visão térmica e análise de marcha, o que vinha a calhar: o perfil do tamanduaí indicava essa espécie possuía uma maneira peculiar de se mover.

— Zi — ela colocou um revólver na cintura. —Você vem comigo.

{Animais perigosos?}

Ela riu, pensando nos traficantes.

— É, Zi… Animais perigosos…

Uma espiral de borboletas amarelas dançava sobre a terra quando eles encostaram na margem. Com o rifle em mãos, Filipa saltou do barco. Zi a acompanhou, gingando o corpo como um siri mecânico.

— Vou ficar vigiando — Chico alertou, coçando o nariz bulboso. — Mas se eu ver alguma coisa esquisita, deixo vocês aí.

— Já disse que não vou demorar — Filipa respondeu, fitando a terra molhada.

Ela seguiu em frente. A floresta era densa. Árvores e cipós por todo lado formavam uma verdadeira teia vegetal. Zi abriu caminho com as lâminas que se projetavam de suas articulações, obrigando Filipa a se abaixar sempre que um galho cortado vinha em sua direção. Sua prótese afundou na

terra molhada e mole. Ela parou e puxou devagar a perna pra fora; o acúmulo de folhas, frutas e animais mortos transformava o chão numa pasta em decomposição eterna.

Ela apontou a mira para a copa das árvores; reconheceu o vulto de aves e lagartos, mas nenhum tamanduaí. Ao longe, um urro pré-histórico fez-se ouvir, o barulho como uma gigantesca porta rangendo na floresta.

Pelos binóculos, Filipa reconheceu um bugio vermelho, os braços peludos apoiados no galho de uma sequoia. Seus pequeninos olhos a seguiam com a precisão de câmeras de segurança. Do outro lado, na mesma árvore, um tamanduaí esgueirava-se lentamente, envolvendo o rabo nos galhos mais finos.

— Zi, quieto…

O droide obedeceu, entrando em modo de espera.

Ela abaixou os binóculos devagar. Agarrou o rifle e buscou o tamanduaí com a mira. Ele a encarou com curiosidade, levando a garra prateada para perto do focinho. Filipa colou o antebraço ao corpo, a respiração silenciando enquanto o indicador tocava gentilmente o gatilho. Ia dar um passo para frente, mas seu pé prendeu em alguma coisa e ela foi ao chão. O tiro atingiu o topo das árvores e o som fez os animais desaparecerem em gritos pela floresta.

Desnorteada, ela se agitou na terra e pegou os binóculos. O tamanduaí havia sumido.

— Merda!

{Está bem?} o droide perguntou.

Ela colocou-se de pé.

— Estou. Mas perdemos nosso alvo.

{O que houve?}

— Tropecei em alguma coisa — ela disse, tirando os óculos e olhando para o chão.

Ela agachou e procurou pelo objeto que a fizera tropeçar. Afastou a terra e folhas. Sentiu algo duro sob a palma das suas

mãos. Ela forçou e o objeto fez um rangido. Tirou mais folhas e viu uma placa de madeira com entalhe nas laterais, um pedaço de corda amarrado de cada lado. Ela puxou as cordas, e o objeto se soltou com um rangido. Havia uma abertura logo abaixo, uma abertura quadrada e estreita.

Apoiando os braços no joelho, Filipa olhou intrigada. A abertura dava para um buraco com cerca de um metro de profundidade. Ela enfiou a cabeça e reconheceu o que parecia ser um túnel. *Para onde diabos isso vai*?

Voltou para fora. O droide estava logo atrás, sua figura se assemelhando a um ídolo esquecido.

— Zi, esperas por mim aqui — ela falou e puxou o revólver da cintura.

{Vai entrar aí?}

— Vou.

{Talvez seja melhor levar isso.} Um compartimento abriu na lateral da carapaça, projetando uma lanterna para fora.

Filipa pegou a lanterna e olhou para o droide. Sua cabeça girava lentamente, como a escanear a floresta.

Colocando as pernas no buraco, ela desceu; sentiu a terra abaixo dos pés, dando pisadelas para testar a firmeza do solo. Como a abertura era estreita, precisou erguer os braços para poder entrar. Ajoelhou no espaço que, mesmo apertado, tinha espaço suficiente para se caminhar agachada. Ela empunhou a lanterna e o revólver e se esgueirou pela passagem.

As paredes do túnel eram reforçadas com concreto e Filipa notou buraquinhos no alto, aberturas de ventilação por onde formigas entravam e saíam. A poucos centímetros do chão, fios acompanhavam as paredes, fios grossos e cobertos por um invólucro, talvez para impedir que animais os roessem. Ela se perguntou se algum animal viveria ali, mas logo afastou a ideia. Apontou a lanterna. Os fios continuavam após uma curva.

Aos poucos, a passagem começou a se alargar. Filipa seguiu adiante e terminou por atingir uma câmara ampla, com

espaço suficiente para ela ficar em pé.

Sondou o lugar com a lanterna. De paredes vermelhas, a câmara possuía uma estrutura circular, como se houvesse sido aberta por uma enorme broca. Mas, ao contrário do túnel por onde ela entrou, as paredes não eram reforçadas com concreto; pareciam obra de um processo natural, como uma caverna. Algo nelas chamou sua atenção.

Aproximando-se, Filipa levou o facho da lanterna. Havia marcas ali, descendo do teto ao chão como o fluxo irregular de um rio. Ela as observou por um tempo, até que as reconheceu. Eram marcas feitas por garras. Garras primitivas e enormes.

Vira algo semelhante em Yukon, no interior de uma toca escavada por preguiças-gigantes. Ela tocou a parede, sentindo na palma da mão o vestígio pré-histórico. Um zumbido fez-se ouvir à esquerda. Ela virou o rosto. Os fios seguiam para lá.

Cerca de dez metros depois, havia outra câmara. Um odor forte exalava dali, cheiro de química clandestina.

Havia diversas caixas de metal espalhadas ao redor, altas como impressoras de componentes eletrônicos. Elas estavam conectadas aos fios que percorriam o túnel. Havia quatro buracos na parede, provavelmente conduzindo a outros túneis.

Ela se aproximou de uma das caixas, o zumbido tornando-se mais intenso. Havia um tampo de vidro e era possível ver uma massa remexendo no interior, acompanhada por ruídos úmidos. Devagar, Filipa direcionou a lanterna e a massa ganhou forma.

Suspensos no ar, dezenas de sapos, patas e braços estendidos como se cada um estivesse preso a uma cruz de Santo André. Uma articulação se movia no interior e encostava um bocal sobre a pele gelatinosa dos animais, infernizando os pequenos mártires.

— *¿Quién eres tu?*

Ela virou o rosto. Um homem encurvado e troncudo a encarava, sobrancelhas grossas e crispadas. Nada amigável.

— *¿Quién eres tu?*

Antes que Filipa pudesse apontar o revólver, ele correu e agarrou-lhe o pescoço, apalpando músculos e veias como se dedilhasse um instrumento. Iria esganá-la, mas Filipa, devagar, ergueu o pé.

Girou o corpo pro lado, permitindo-lhe levantar a perna esquerda — a perna com a prótese. Em um rápido certeiro, a perna desceu, a lateral do pé atingindo em cheio a canela do troncudo.

Som de engasgo e osso partindo ecoou pelas paredes.

O homem desabou no chão, debatendo-se na poeira como em uma performance macabra. Aproveitando a oportunidade, Filipa abandonou a câmara, correndo de volta para o buraco por onde entrara.

Ao sair, deu de cara com Zi. Uma das câmeras moveu na direção dela.

{Encontrou?}

Ela olhou ofegante.

— Hã?

{O tamanduaí.}

— Tamanduaí? Não! Tu viste-o desaparecer atrás daque… — ela apontou pra sequoia. O bugio ainda estava ali, no mesmo galho. Ele inclinou a cabeça, encarando-a.

— Zi…

{Sim, Filipa?}

— Sabes se aquele macaco é o mesmo que estava ali antes?

{Aquele na árvore?}

— O próprio…

O droide girou uma câmera, ficando em silêncio por um momento.

{Sim, é o mesmo.}

— Estais certo?

{Estou. Algum problema?}

— Não… — ela disse, dando tapinhas na sua carapaça. — Vens comigo.

Quando chegaram ao barco, o capitão fumava um cigarro.

— Achou o bicho?

— Não — ela respondeu, jogando o rifle e os binóculos dentro barco. — Vamos?

— Por que a pressa?

— Já sabes onde é que vamos passar a noite? — ela falou, esquivando-se da pergunta.

— Tem uma comunidade aqui perto. A gente encontra abrigo por lá.

Filipa assentiu, pressionando as mãos contra o joelho sintético.

— Tá bem?

— Absolutamente. Por que perguntas?

— Tá pálida…

— Impressão tua — ela disse. — Vamos, antes que anoiteça.

— Pra já, capitã — ele falou, assumindo sua posição na popa. Deu a partida e afastou o barco da margem, a água ao redor agitando como um lençol ao vento.

Filipa olhou por cima do ombro. O céu assumia tons rosados e a floresta parecia ter se tornado mais escura e compacta, como se as árvores se inclinassem para observar a partida deles.

As batatas já cozinhavam e o jantar logo estaria pronto. A minha sombra se projetava na parede sempre que eu me virava para o fogão e jogava o cheiro verde na panela de sopa, que borbulhava e não tinha aroma algum. Vi aquela forma e pensei que minha corcunda parecia maior a cada dia. Me sentia inquieta, algumas penas caíam por debaixo da roupa. Que vontade eu tinha de ficar nua e abrir minhas asas, livrar-me de saias e chinelos, mover minhas asas como movia a colher da sopa. Eu poderia girar e flutuar, ser um pássaro por um instante que fosse, mas ele poderia chegar. Sabe-se lá o que faria com minhas penas, sabe-se lá o que faria comigo.

Provei a sopa e vi que faltava sal. "Não vou pôr mais nada, que fique insossa, seja igual a cozinheira". O relógio já marcava mais de dez. A novela já havia começado. Havia naquela história alguém com quem me identificava. Ele tinha uma corcunda e parecia esconder de todos algo que movia minha mente. Havia mulheres que explodiam e homens que viravam bichos, mas ninguém naquela história me marcava tanto quanto aquele homem corcunda. Era retraído, uma vontade louca de falar algo, não sei por que via tudo aquilo nele. Ele era igual a mim. Éramos diferentes.

Liguei a televisão. O sinal estava ruim. Tratei de mexer no Bombril que estava na ponta da antena e a imagem ficou melhor. Ouvi um furdunço do lado de fora, curiei pela fresta da janela e vi que alguém encostava a bicicleta no poste. Ao longe, vi umas crianças subindo o morro. O carro da polícia passou em seguida. Algumas batidas na porta me tiraram atenção da fresta da janela. A porta estava sendo destrancada. Ele havia chegado.

— Suas penas tão valendo cada vez menos — ele parecia aborrecido ao entrar.

— Quanto conseguiu?

— Poucos cruzeiros. Desde que Cazuza, aquele do armazém da esquina, parou de comprar suas penas, nenhuma loja de tecidos dá um valor maior que ele. Tem penas de passarinho melhores que as suas para travesseiro, Rosita. Por que não nasceu com penas de ganso?

— Por que não sou ganso, sou gente. Que seja trabalho dos gansos darem penas. Não nasci para isso. Minhas costas latejam a cada pena que tu arranca.

— E para que mais essas porcarias que tu carrega nas costas servem? Por acaso acha bonito sua corcunda?

Ele falava como meu pai. Me escondia como minha mãe.

— Não estou dizendo que acho bonito. Apenas digo que dói.

— Como também diz toda vida que te arrasto pro quarto. Se não pode me dar um filho, pois que me dê dinheiro.

"Sabe-se lá quantos filhos têm no mundo com pais como você. Sabe-se lá quantos filhos tu tem". Como eu queria falar aquilo. Tratei de lavar a louça suja e ficar livre para deitar na rede e ver minha novela. Parecia ter acontecido tanta coisa e eu ainda não havia assistido cena alguma. Seria possível que depois de ver todas as novelas do dia, eu perderia justamente o último capítulo daquela? Era minha preferida. O homem da novela devia ter algo a dizer. Éramos diferentes.

— Sopa de novo? — Ele mexia a panela com cara de nojo.

— O que poderia fazer além de sopa?

— Por que tu não coloca umas penas? Deve conseguir fazer algo pior assim.

A faca que eu lavava na pia parecia mais brilhante agora. Apertei o cabo ao passo que minhas mãos tremiam. Sentia vontade de fazer algo diferente na minha vida.

— Essa novela tá acabando hoje?

— Sim.

— Eu nunca entendi a porra dessa história.

— Tu nunca assistiu.

Nunca havia vivido nada daquilo.

Uma canção tocou e reconheci aquela letra que ouvi nos últimos meses. Soltei a faca que lavava e corri em direção à televisão enquanto enxugava as mãos. Aquele homem havia aberto suas asas. Eu via o sorriso no rosto dele, o mesmo sorriso que eu desejava exibir um dia com um bater de asas. Minha corcunda estava inquieta. Eu não parava de sorrir e fazer nós no meu vestido de remendos com os dedos estalando. Aquele homem voava diante dos meus olhos. A corcunda dele também escondia um par de asas! Como eu queria chorar.

— A sopa tá queimando. Para de olhar para essa televisão. Tu não aprende nunca, Rosita.

Enxuguei minha lágrima e olhei para ele. Queria que ele carregasse um par de asas. Seríamos diferentes de todo mundo e iguais um pro outro. Ou talvez eu continuasse diferente… as asas não seriam suficientes para provar minha igualdade diante dele, seria? Lembrei toda a liberdade que sonhei em ter quando fugi da casa dos meus pais, mas minha gaiola apenas mudou de endereço em nome de travesseiros alheios. Fui tola.

— A sopa, Rosita!

Corri para apagar o fogo. Peguei um prato e o enxuguei com a barra da saia. Alcancei minha concha de cabo quebrado.

— Precisamos comprar umas coisas novas aqui para casa: colher, concha, panela.

— Enquanto essa não furar, tu vai cozinhar nela.

Fui enchendo aquele prato cheio de manchas. Tive vontade de derramar toda aquela sopa sem cheiro algum e pedi-lo para limpar o chão de terra batida. Queria pegar as chaves da casa e trancá-lo ali. Era o que eu vivia todos os dias. Enquanto eu mexia minhas asas, sentia uma vontade de voar como nunca. Aquele homem havia voado e eu poderia alçar voo. Como queria voar, mas seria melhor não fazer isso. Iriam me ver pelos céus, e pior, iriam me ver deixá-lo. Eu seria um pássaro que voava só. Aquele homem da televisão havia voado

e eu, com certeza, jamais voaria. Éramos diferentes.

Servi a sopa, peguei a colher na gaveta e dei a ele. A fumaça subiu à medida que ele mexia a gororoba. Ele olhou para aquele prato de sopa transparente. Soprou um pouco, pôs aquela água na boca. Minhas costas se mexeram. Como queria voar.

— Sem sal. — Ele entortou a boca.

— Como a cozinheira. — Minhas costas se aquietaram. ●

SÉRGIO MOTTA - Autoria

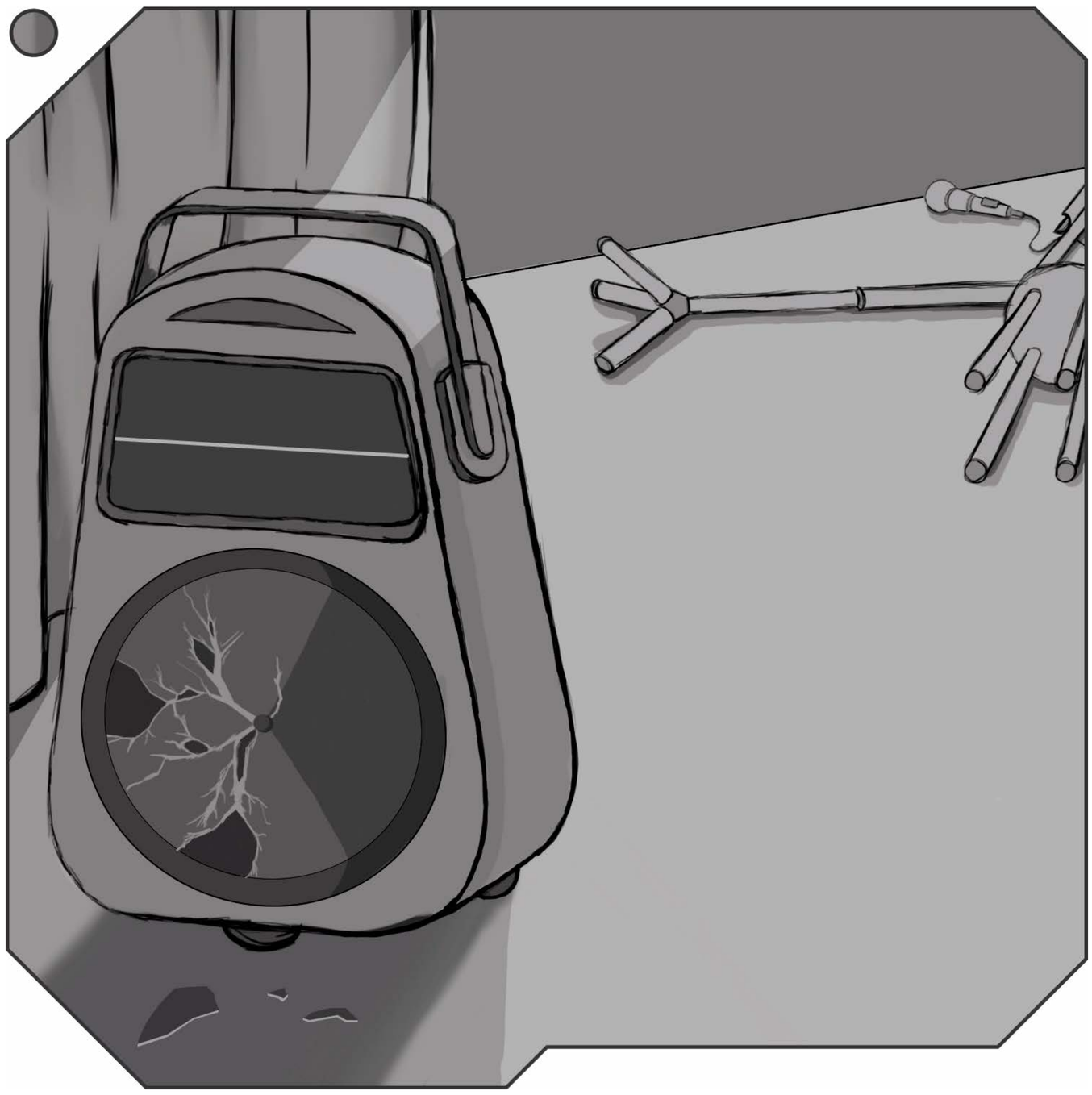
Sérgio Motta, nascido no Star Wars Day e destinado à nerdice, é designer, contista e coffee lover. O design lhe ensinou a identificar problemas do mundo e propor soluções; a literatura, a criar mundos e transformar problemas em reflexões; e o café, que a vida tem um gostinho bom. É autor do *20 Contos*, onde escreveu vinte histórias em um ano. Também tem contos em antologias e a noveleta independente *Aline na Avenida das Paulistas*. Gasta as (raras) horas vagas assistindo a tretas no Twitter, maratonando podcasts, mochilando pela galáxia e provando por A + B que Bentinho foi quem pegou Escobar.

ANDRÉ CANIATO - Edição

André Caniato lê, escreve, traduz, edita e canta no banho. Além de *uma publicação independente* na Amazon, tem contos na *Trasgo #16* e no *Wattpad*, com mais a caminho, planejados ainda para 2018. É criador e editor da *Plutão Livros*, editora brasileira de e-books de ficção científica, e tem como maiores sonhos a queda do capitalismo e a subsequente paz mundial — é também um grande iludido, portanto.

ALEFF SANTOS - Ilustrações

Aleff Santos é um designer digital e ilustrador de 24 anos. Trabalha como designer nos últimos seis, mas ilustra… desde pequeno. Entusiasta de ficção, da fantástica à científica, acredita que vida e arte dançam enquanto revezam na condução. No design, aprendeu a pensar em equipe e a buscar referências, habilidades valiosas nos bloqueios solitários de ilustrador. Usa o blog pessoal para satisfazer o TOC de categorizar ilustrações, além de para compartilhar os árduos resultados do Inktober. Durante as viagens interdimensionais do cotidiano, decide em qual série/anime vai ficar menos atrasado, em qual jogo da Blizzard vai "grindar" ou qual história do Gaiman vai reler.



NÃO PERCA!

Franz Delegarza estreia a turnê de seu novo álbum, "Voz, violão e um banquinho".

Neste sábado, 16 de setembro, às 20h. No San Paolo Cantine!

***

Extraordinários da Semana!!! - 17 de setembro - 21h46

— Franz Delegarza: cantor, compositor e… assassino!? — Dimas Gomes degusta cada palavra da manchete. Somam-se

o tom de jornalista com moral e a vinheta urgente ao fundo, e a polêmica está criada. — O primeiro show da nova turnê do artista estava para acontecer na noite de ontem, sábado, mas foi interrompido quando Delegarza foi levado sob custódia pela polícia, acusado de matar uma Bizz, aos olhos de milhares de testemunhas: seu próprio público.

O âncora do Extraordinários da Semana!!! ocupa o meio das salas, quartos, cozinhas e até banheiros dos trinta e tantos pontos do IBOPE em omnitelas pelo Brasil. Dimas é um quarentão bronzeado de cabelos só nas sobrancelhas, cavanhaque e braços. Suas roupas combinam nos tons sem graça: camisa polo amarela dentro das calças beges terminando nos sapatos de camurça, cor feia.

— O que deveria ser uma apresentação, virou confusão generalizada. Representantes do SIAC protestaram, e os fãs defendem o artista. O julgamento acontecerá na próxima terça. Tudo sobre a Tripla Exclamação desta edição em um minuto.

A música sobe, Dimas deixa os cômodos onde agora projetam-se nuvens nas paredes e cidades vistas de cima no chão. Os omnespectadores cariocas flutuam sobre o Corcovado, enquanto os baianos viajam pela orla soteropolitana. Já os amazonenses veem do alto os navios chegando ao Porto de Manaus, e assim por diante. As vinhetas — uma por estado, somente capitais, nos ângulos mais utópicos — mostram o Brasil que deu certo. Depois disso, as paredes são tingidas por um gradiente do dourado ao roxo e, em caixa alta e fonte tridimensional, mostram o título flutuante do programa.

EXTRAORDINÁRIOS DA SEMANA!!!

Pam pam. A música termina.

***

Numa casa ou outra, uma mesa de café da manhã aparece, e uma família fictícia de modelos sorridentes e sarados recebem torradas integrais com creme de ricota light e ervas finas de uma unidade CH/EF. O robô de seis braços, com talheres e apetrechos culinários no lugar das mãos e cabeça cilíndrica alongada como um chapéu de cozinheiro, diz aos omnespectadores:

— Ricota da Tia, a melhor ricota para começar o dia!

Pam Pam. A música termina.

Em outras casas, quem aparece é um modelo sorridente sarado e vestido de mecânico em frente a um carro erguido por um elevador autômato. O elevador, além de elevar, também faz manutenção no veículo. O modelo, por sua vez, só modela, e termina dizendo a frase de efeito da Qualquer-Coisa Motors. Pam pam. A música termina. Em algumas, os omnespectadores ainda veem o chão de suas casas cheio de areia. Um robô pagodeiro toca um tecnosamba enquanto uma trupe de modelos sorridentes e sarados — e seminus — vira a cerveja em câmera lenta. Um locutor locuta, como se espera. No final, o robô diz:

— Pedi pra parar!

Pam pam. A música termina.

Um novo sobrevoo acontece pelas respectivas capitais, e volta o *"Extraordinários da Semana!!!* Sua omnirrevista das noites de domingo", como anunciado pela locutora.

Dimas Gomes volta a invadir as casas brasileiras.

***

— [MEU||MINHA] [CARO||CARA] [NOME DE CADASTRO] — diz uma versão sintetizada da voz de Dimas. A transmissão dá alguns soluços, deixando os movimentos faciais do âncora picotados. — Certamente você conhece a voz de Franz Delegarza — ele continua com naturalidade, com uma dose de poesia nem tão natural. — Goste ou não, a música dele tem

um sentimento ímpar de nostalgia e deixa um quentinho em nossos corações.

Um sujeito adentra descalço as residências do país, com *dreads* nos ombros, barba falha, camisa florida e calças capri. Um banquinho numa mão e um violão na outra. É Franz Delegarza, um Dimas Gomes virado do avesso. Ele se senta, começa a tocar o violão e cantar com uma voz áspera que faz cosquinhas no ouvido interno dos fãs. Ao lado dele, aparece um texto flutuante com o nome da música, *Um quentinho em nossos corações*, e, embaixo, o álbum, *Nostalgia*.

***

— O cantor atingiu o topo dos trendings mundiais três vezes nos últimos cinco anos e, por isso, virou um dos poucos nomes brasileiros no Ranking A- da rede Aura — conta Dimas quando a voz e o violão de Delegarza perdem volume depois do primeiro refrão. — A primeira marcou Delegarza na história da música ao fazer o primeiro acústico em mais de cem anos. Caso nunca tenha visto um acústico, `[NOME_DE_CADASTRO]` — a transmissão pigarreia —, não é aqui, em uma omnitela, que verá. Diferente de um show normal, acústicos só podem ser vistos presencialmente. E mais! Tudo é feito ao vivo e sem efeitos! E, assim, Delegarza criou sua identidade. — Dimas olha para o cantor. — Apenas voz, violão e um banquinho.

Pam pam. A música termina. Delegarza faz uma reverência e engata na próxima. As palavras flutuantes mudam: música *Identidade* do álbum *Voz, violão e um banquinho*.

***

Após o primeiro refrão, a música vira fundo para Dimas Gomes.

— Caso desejasse apreciar um acústico de Delegarza, você precisaria ir ao local de apresentação. — O âncora engrossa as sobrancelhas já grossas, encarando o músico, e

enfatiza: — *Precisaria*…

Pam blem. A música é terminada. O músico levanta, pega seu banquinho e sai de mansinho.

— Depois de quase três anos, Delegarza lançaria seu terceiro álbum — Dimas continua sozinho. — As músicas inéditas seriam apresentadas na noite de ontem, na *San Paolo*, cantine localizada em Pinheiros, bairro da zona oeste paulista. Mas as coisas não saíram como o músico e seus fãs planejaram…

***

Uma multidão invade salas, quartos, cozinhas e até banheiros pelo Brasil. Casas, antes de morar, agora eram de show. Projeta-se também um palcozinho xexelento: um tablado de madeira a meio metro do chão. O ambiente é mal iluminado e pequeno o suficiente para caber em banheiros, mas a entrada era cara a danar. Ainda assim, os murmúrios pescados no público não diziam "nossa, tá muito escuro", "isso tá apertado!" ou "meu, que facada!", mas sim "cantine intimista, né?" — uma tendência estabelecida no século anterior, com o surgimento de flats e bistrôs: lugar ruim, caro, mas com nome gringo. No centro do tablado, o violão apoiado num suporte, o microfone no pedestal e o banquinho de sempre aguardavam Delegarza. E o aglomerado de *hipsters* também.

— Diferente do que se deve concluir — diz de supetão Dimas Gomes, que surge do meio do público — nem só de pessoas a multidão era formada. Havia também robôs da série Composer Secondo em nome do SIAC. — Um novo texto flutuante diz *"Sindicato das Inteligências Artificiais Civis"* ao lado de meia dúzia de baldes de lixo, num canto.

À primeira vista. Na segunda, é meia dúzia de robôs que parecem baldes de lixo, mas sem entrada para o descarte. E com braços. Nas extremidades, há hastes no lugar de mãos, que servem como pino de áudio, caneta e batuta. O pino está obsoleto. A caneta também, bem como a batuta. Pernas, porém, não têm. Deslocam-se por rodinhas (tão obsoletas

quanto pinos, canetas e batutas).

— As Composers não estavam lá para ouvir Delegarza, mas para serem ouvidas — explica Dimas, e uma das unidades vira-se para o omnespectador.

— Por causa de sua Aura, os humanos esquecem muito rápido o que Delegarza fez e faz. Nós jamais nos esqueceremos — a voz de tenor da Composer corrobora com a melancolia que Dimas tenta performar. Em seguida, une-se a vaia em coro harmônico às ovações humanas — estas, fora de tom.

— A Composer refere-se à segunda vez que Delegarza chegou aos *trendings* mundiais — conta o âncora —, há dois meses, quando anunciou o terceiro álbum. Mas, desta vez, não foi pelo estilo saudosista, mas por um grande escândalo…

***

A multidão se dispersa, o palcozinho some. As salas, quartos, cozinhas e até banheiros ganham um novo sofá, onde está sentada uma mulher bronzeada de cabelos amarelados e vestido sem graça. Uma Dimas Gomes. É Sofia Rodolfa, apresentadora do *Bom Dia Com Sofia* ⁕. Delegarza também está lá, mas seu lugar no sofá está vago — senta-se no banquinho, como de praxe.

— Quase três anos para o novo álbum, não é, querido? — Sofia puxa o assunto feliz toda vida; afinal, é paga para fazê-lo. — Por que tanto tempo? Artistas populares costumam lançar de oito a dez álbuns por ano!

— Composições genéricas, escritas por robôs. Palavras jogadas, rimas pobres…

Delegarza fala pouco e com o ar passivo-agressivo de sempre. Existe, contudo, um filtro nas omnitelas que o passivo não consegue atravessar, e o público só ouve o agressivo.

— Quer dizer que as canções populares são de Composers Prima? — Sofia bota lenha. — É uma acusação grave, Franz. Estamos falando de cantores que costumam

assinar as composições.

— Basta ouvir; são todas iguais. Não têm alma. Composers estão mais pra composteiras do que compositores. A merda que escrevem só servem para adubo… — o cantor filtra o passivo por conta própria.

Sofia se apressa para fazer uma chamada gaga aos "co-co-comerciais".

***

No lugar dos comerciais, é Dimas Gomes que retoma o cômodo. E faz a ponte:

— Os artistas se pronunciaram…

— Delegarza tá de sacanagem, mano! Minhas músicas são minhas, tá ligado? — Alfa Lins, uma das divas da década, entra e se pronuncia.

— Delegarza é um falso! Compus todas as minhas músicas. Dizem muito sobre euzinha — Julio B., cantor de hip pop, é o próximo.

— Delegarza é um embuste! Minhas músicas, minha história, tendeu? — diz Rosélia Sant'anna, rainha do tecnosamba.

Enquanto cada um fala, um trecho de suas respectivas músicas toca ao fundo. Alfa Lins canta em agudos:

Não sou nada sem ela,
Não tenho o que pensar,
Não tenho quem amar,
Preciso da minha donzela.

Em seguida, Julio faz as rimas:

Sem você não vivo,
Você é meu amor, minha razão,

Nosso amor é intensivo,
Preciso do seu coração.

Por fim, Rosélia segue o pandeiro eletrônico:

Minha paixão é você,
Meu bem querer,
Minha razão de viver,
Preciso de você.

Pam pam. As músicas terminam.

***

— Na semana seguinte, veio a público o chamado Escândalo da Composteira, que você acompanhou aqui na *Tripla Exclamação* — Dimas retoma quando os artistas deixam o ambiente. — A fabricante Maestro admitiu que as Composers Prima montavam músicas genéricas e iguais, usando um banco de sinônimos. E, sim, milhares de artistas as compraram. Inclusive aqueles que se manifestaram contra Delegarza.

O próximo invasor holográfico de casas é um rapaz italiano boa pinta, mas engomadinho demais. Um Dimas Gomes jovem. Surge mais um texto flutuante que diz "Matteo Gatto", e, embaixo, "Ex-presidente da Maestro Tech". O sotaque e trejeitos italianos estão dois séculos atrasados:

— Não, não tinha inteligência nenhuma — Matteo assume. — Apenas um banco de músicas genéricas dos últimos duzentos anos e um algoritmo para combinar versos aleatórios. Um computador não pode criar uma música de verdade. — Fazendo a mão (e a cara e a voz e a postura) de coxinha, ele berra: — Não há alma, *cazzo*!

— A Maestro faliu — Dimas Gomes conclui. — Seu ex-presidente responde a milhares de processos de ex-artistas, que respondem a milhares de processos de ex-fãs. Todas as

Composers Prima foram jogadas fora. E é aqui que o SIAC entra na história: o sindicato tenta provar de qualquer modo que IAs são vivas. Resgataram as carcaças das Composers e criaram suas primas, Composers Secondo, inteligências artificiais verdadeiras para compor músicas de verdade e verdadeiramente boas. Perguntado sobre o novo modelo, Delegarza disse…

Franz Delegarza entra no cômodo.

— Mesma merda.

E sai do cômodo.

***

A casa de shows volta a ser cenário, e o contexto é o mesmo: ripongas clamam por Delegarza, enquanto as Composers Secondo cantam vaias. A luz tosca do palco se apaga em seguida. A multidão aplaude a entrada de Delegarza, mas, no lugar dele, começa uma *fox-trot-mix*, e o ambiente, antes escuro, ganha um espetáculo holográfico que projeta diferentes formas e cores por todo o ambiente.

Alguns omnespectadores se sentem reduzidos a uma célula, enquanto outros ficam perdidos na vastidão do universo. Alguns fãs se aquietam, outros xingam, outros vomitam; é vertiginosamente lindo. E todos os presentes sabem: poucas coisas incomodam Delegarza como psicodelias não psicotrópicas, mesmo que bonitas.

A mesma unidade que se pronunciara antes volta a "quebrar a quarta parede" (termo obsoleto para omnidispositivos, embora ainda popular; "achar o elefante no meio da sala" era mais propício e foi ressignificado, mas omnespectadores preocupados com a balança se ofenderam).

— Delegarza entrou no palco bem agressivo — diz a unidade Composer. — Claramente chapado…

Ao lado, Liana Sabatina, uma humana vestida de estampa de tapete — os panos e couros em formato de pulseiras,

colares, bandanas, saia e blusa têm padrões xadrezes entre vinho e bege, além de muitas sobras; uma Dimas Gomes virada do avesso. A garota discorda do robô:

— Franz entrou no palco bem passivo — e, então, concorda: — Claramente chapado…

De rabo de olho, os omnespectadores podem ver uma manchinha no chão, ao lado de seus pés. Liana Sabatina também vê, encara-a e depois some na multidão.

***

— Claramente chapado… — reforça a Composer Secondo, pedindo a atenção para si — e bem agressivo.

O Delegarza agressivo invade o palco como um touro de saco apertado. Passa por pessoas e as derruba, então por mesas e as derruba, até subir no tablado e derrubar o violão e o banquinho. Só o microfone e um troço que lembra uma caixa de som se mantém em pé.

— QUE P… — ele berra no microfone, que o trai e abafa o berro com um assovio — …É ESSA? PAREM COM ESSA BARULHEIRA DO C…! — O aparelho solta outra microfonia conveniente. — QUEM É O FILHO DA P… — mais um pi — QUE TÁ TOCANDO ESSA M…? — e outro. — PAREM AGORA!

Ele bica o pedestal do microfone para longe com a ponta de ferro do coturno. O microfone solta uns pipocos e, então, pia pela última vez. O chilique não adianta, e o show eletrônico continua. O cantor tem um novo alvo: o troço que lembra uma caixa de som; mas não é.

Ele tem, em volta, um treco que parece fones de ouvido; não é. No meio, gira um cacareco igual a um disco de vinil; não é não. E, em cima, uma joça que dá a ideia de um monitor; o que não é. Nela, passa uma linha ziguezagueada, como fosse a frequência sonora; também não é.

— Embora lembre uma caixa de som com *headphones*,

tela de frequência sonora e um vinil no meio, não é nada disso: aquela é uma Bizz — explica Dimas. O ambiente volta a ser uma casa sem shows, e somente o próprio âncora e a Bizz sobrevivem à mudança de cenário. — Caso não saiba, essa IA é responsável pela experiência que você, `[NOME_CADASTRADO]`, tem ao assistir um show de `[ÚLTIMO_SHOW_ASSISTIDO]`.

A transmissão pigarreia duas vezes.

— Bizz é uma produtora de eventos autossuficiente, responsável por tornar os shows pervasivos e interativos — Dimas faz uma sopa de letrinhas, enquanto a Bizz quadruplica de tamanho, deixando de ser caixa de som para ser geladeira. Preenche o cômodo e causa incômodo. — Delegarza jamais usou uma. Para acústicos, é inútil. A principal função de uma Bizz é conectar os instrumentos e moduladores de voz ao palco virtual e, assim, produzir efeitos especiais e práticos sincronizados com o ritmo e vibração das músicas. Ela também cuida da afinação e do nivelamento do som tridimensional, e até da temperatura para uma experiência perfeita em seu omnidispositivo; tudo isso é feito virtualmente. Já o disco tem outro propósito: quanto mais elementos e velocidade a música tem, mais rápido ele gira e alimenta a própria bateria, enquanto a tela mostra graficamente a performance da Bizz. Mas a função principal de ambos é a mesma da alça que lembra um fone de ouvido: enfeite.

***

A multidão e o palco voltam ao cômodo, junto com a música eletrônica indesejada. Omnespectadores que cochilavam com a palestra de Dimas dão um salto do sofá, cadeira, cama e até privada.

— Se você gosta de um bom show, e não falo dessa baboseira de acústico; um verdadeiro espetáculo, você deveria agradecer à Bizz — diz a Composer Secondo — e não fazer o que Delegarza fará.

No palco, o Delegarza agressivo bica a Bizz como havia feito com o pedestal do microfone. Bem no disco de não-vinil. Duas vezes. Três. Quatro e cinco. O disco se estraçalha.

Pam pam blem nhéu traca pau. A música é exterminada.

No não-visor, a Bizz mostra uma linha horizontal.
A plateia fica dividida entre horror, alívio e celebração. Seguranças brutamontes pulam no palco, jogam o cantor no chão, mas ele continua agressivo. Debate-se, xinga a torto e a direito até ser algemado e arrastado para fora do palcozinho.

***

Quando aquela manchinha apareceu no chão, uma parcela do público pensou "foda-se". Já outra, deve ter pensado "limpo depois". Uma muito menor conseguiu distinguir que não era uma sujeira, mas um textículo em letrinhas miúdas como os dados com nome do programa, data e hora, projetados no rodapé do cômodo. Uma parte destes ficou com preguiça de ler. Já outra, meteu a cara no chão e apertou os olhos, mas desistiu. Uma muito menor, leu. E destes, só um naco que mal encheria uma sala, cozinha, quarto ou até um banheiro, disse:

— Caso Delegarza: depoimento Sabatina.

O texto dizia:

```
AVISO: você está vendo uma simulação baseada no
depoimento de uma Composer Secondo. Para assistir
a versão do depoimento de Liana Sabatina, basta
dizer "Caso Delegarza: depoimento Sabatina".
```

***

Na versão Sabatina, não havia *fox-trot-mix*, mas um *ultratrance* a mais de oito mil compassos. As luzes e cores acompanhavam a música. Era vertiginoso e feio. E todos os presentes sabiam: a única coisa que incomoda mais Delegarza que psicodelias não psicotrópicas, são psicodelias não

psicotrópicas e feias. O Delegarza passivo, embora atordoado pela barulheira, flashes e drogas, alcança o palco tropeçando nas pessoas, nas mesas, no violão e no banquinho. Liana Sabatina observou que as Composers alternavam entre ha-ha-has e he-he-hes lentos, baixos e não toscos, como só robôs vingativos são capazes.

— Bizz, desligue! — Delegarza suplicou. Pam pam blem nhéu traca pau. A música é exterminada. O disco de não-vinil da Bizz foi de oito mil compassos a zero num instante e se despedaçou.

— Primeiro, o silêncio… — dramatizou Liana Sabatina. — Óbvio, o ultratrance acabou. Mas não só por isso. Franz instituiu o clima de merda quando mandou a IA desligar. É um daqueles tabus que todos fazem quando podem, mas não admitem em público, sabe? Até eu já passei por isso, quando falei pra uns amigos que gostava de enfiar uma piroca de um giga no c… — o microfone ainda tinha um suspiro sobrando na dimensão Sabatina — dos caras. E rolou o mesmo constrangimento, acredita? Por fim, as Composers Secondo agiram.

A trupe de compositores robôs avançou para o palco. Debatiam-se e xingavam a torto e a direito. Seguranças brutamontes subiram no palco e guiaram o Delegarza passivo para o camarim, enquanto outros tentavam parar as Composers.

— Virou um novo caos, briga generalizada! — contou Liana Sabatina. Dimas perguntou onde ela estava naquele momento. — Saí de lá com um cara. Mas ele foi embora logo, quando eu quis enfiar uma piroca de um giga no seu c…

Sem microfones para piar, a transmissão tem uma crise de soluços, pigarros, espirros, escarradas e tosses digitais.

***

A casa de shows some definitivamente. Somente Dimas Gomes diante dos omnespectadores. Então, a vinheta já

conhecida começa a subir, e o âncora faz a chamada:

— Franz Delegarza será julgado terça, às onze da manhã, por JUSTICE. Todos os detalhes do Caso Delegarza, no próximo domingo, aqui, no *Extraordinários da Semana!!!* Boa noite, `[NOME_DE_CADASTRO]`.

Pam pam. A música termina.

O cheiro que saltava do sujeito evidenciava o tempo em decomposição. Felizmente, apesar dos danos, os tendões permaneciam funcionais, o que possibilitava à detetive fazer sua análise a uma distância razoável. Ao menos até ser interrompida pela vibração insistente em seu bolso dianteiro.

— Fala, Júlio. — Ela atendeu o celular com a mão esquerda, enquanto a outra tremia, ainda apontada para o morto, e girava como se abrisse uma maçaneta.

— Pô, Valquíria, cadê você? Te liguei o dia todo.

— Naquela fazenda onde encontraram um cadáver. — Valquíria deu as costas ao corpo, já posicionado como se estivesse prestes a executar um passo de ballet, postura em que se encontrava na chegada da detetive. — Às margens da rodovia, a área aqui é uma merda.

— Outro em pose estranha?

— Do Master of Puppets, isso aí.

— Sério, Val, tu acha que o cara é um deus?

— Ou uma deusa.

— Que seja, precisamos conversar.

— Suponho que sim, já que ligou. Apareceu algo novo nesse caso?

— Bom, sim.

Valquíria mordeu os lábios. Não deu para ouvir do outro lado da linha, mas levou uns segundos para responder.

— Ok, o que foi que deixamos passar?

— Tem a ver contigo, na verdade. Mas escuta, vem pra cá. Deve ser um engano, ou coincidência, sei lá, só precisamos checar.

— Beleza, Júlio, tô indo.

Valquíria deu as costas para o corpo pela última vez e já estava às portas da delegacia quando seu telefone voltou a vibrar.

"E aí, rola algo essa noite?" A frase aparecia sob um número que ela não teve a preocupação de salvar. Valquíria ainda passou os dedos pelos cabelos cacheados antes de digitar: "Tô meio enrolada, mas se der, te aviso."

— E aí, Júlio. Qual foi a cagada?

— Assim, você não é só a melhor detetive daqui, eu realmente te considero minha amiga… — Júlio falou entre respirações profundas, olhos fixos na mesa vazia, onde papeis se acumulavam em meio a fotos repulsivas e sua pistola preta.

— *Master of Puppets, I'm pulling your strings* — ela cantarolou, enquanto ele falava.

— …mas, ontem o John trouxe uns resultados de perícia — ele continuou, sem dar sinal de ouvir.

— E nem falou nada!

— Parece que algo meio que moveu os corpos deste caso.

— "Meio" que moveu?

— É, eles…

Antes que Júlio terminasse a sentença, John, com marcas de suor sob as axilas, entrou na sala sem bater.

— Cacete, Júlio. Eu quase não encontro mais tua sala aqui embaixo.

— O silêncio compensa a distância.

— Tá, será que alguém pode me explicar o que houve? — Valquíria interveio.

— O negócio é o seguinte. — John se virou para ela. — Tu tens nos quebrado um galho enorme, até por isso tens toda a liberdade para ir e voltar dos locais de crime…

— Ok, e daí?

— Daí que alguma coisa moveu esses corpos. — John engoliu em seco. — Quero dizer, não tem digitais nem qualquer sinal de intervenção. Tecnicamente, pelos coágulos nas articulações, eles mesmos se moveram.

— John… — Júlio começou a falar. — Você realmente…

— Cara, peraí. — Valquíria interrompeu o delegado. —

Você está sugerindo que eu mexi nos cadáveres?

— Bem, são justamente os corpos que você investigou — Júlio falava novamente. — É bizarro, mas eu preciso ver contigo…

Valquíria deu um passo para longe de John, que bloqueava a porta, o que a fez encostar na mesa do delegado.

— Tá de brincadeira? Quem, por acaso, encontrou o número de telefone que estava em contato com todas as vítimas?

— Sim, Valquíria, foi você. — John tirou um papel amassado do bolso da camisa. — Por isso eu requeri um mandado para recolher seu celular, também tenho algumas perguntas…

— Estou sendo acusada? — Sua mão se fechou sobre a mesa do delegado.

— Investigada. Cenas de crime em que você esteve foram adulteradas, não tenho a puta ideia do que aconteceu, mas preciso checar.

— Beleza, garoto da perícia, cheque aí.

Júlio viu Valquíria entregar o telefone ao mesmo tempo em que sentiu estremecer a mesa e percebeu os nós dos dedos da mulher avermelhados — o que para ele, lembrava a ansiedade de uma presa encurralada.

Levantou a cabeça a tempo de enxergar as sobrancelhas de John se erguerem ao olhar o telefone. Um "clack" trouxe os olhos do delegado de volta para Valquíria, mas os do outro policial permaneceram no smartphone.

Com a pistola em mãos, não levou um segundo para que ela disparasse o estampido seco que ecoou pela sala e encharcou de sangue o peito de John.

— Porra!

Júlio se pôs de pé e sacou a pistola reserva, mas antes que pudesse mirar já encarava a arma de Valquíria.

— Júlio, sério, eu fui obrigada. — A mão direita de Valquíria gesticulava algo que para ele soou como um pedido de calma.

— Val… por quê? O que…? Meu deus.

— Me escuta, eu fui obrigada. Ele armou para mim. — Suas mãos giravam como quem abre uma torneira. —Achei que tava pirando, mas…

— Tu surtou? Seja o que for, não é motivo para meter uma bala na fuça.

— Sinto muito, Júlio, não tenho escolha. — Sua mão direita começou a tremer, mas a pistola se manteve firme na outra.

— Claro que teve, ele… — O olhar do delegado escorregou para os pés da porta, onde até então estava o corpo. — Onde…?

— Sério, Júlio, desculpa.

Antes de ouvir a última palavra, Júlio sentiu John agarrar seu braço. A pistola bateu no chão pouco após seu pulso se quebrar. Já com as mãos do colega em sua garganta, incapaz de gritar por socorro, só teve tempo de ver Valquíria abrir a porta antes de seus olhos se fecharem.

Os primeiros policiais a alcançarem a sala a encontraram trêmula e de cabeça baixa. Entre soluços, tentava explicar como John estrangulara Júlio.

— Eu atirei, peguei a arma da mesa, mas eles já estavam no chão, quando eu consegui acertar já era tarde, o Júlio não respondia mais… — Ela cobriu os olhos.

Os policiais ainda comparavam a cena do crime com a história de Valquíria. Quando ela pôs os pés para fora da delegacia, seus dedos deslizavam pelo celular.

"Conheço um lugar para irmos esta noite, meio fora da cidade, mas creio que será adequado." ●

ANNA FAGUNDES MARTINO - Autoria

Anna Fagundes Martino nasceu em São Paulo em 1981. Mestre em Relações Internacionais pela University of East Anglia (Inglaterra), teve trabalhos interpretados na Radio BBC World e publicados em revistas como a britânica *Litro* e a brasileira *Trasgo*. No Brasil, publicou *A Casa de Vidro* e *Um Berço de Heras*, ambos pela editora *Dame Blanche*, da qual é cofundadora. É tricoteira (especialista em suéteres e xales) e escreve semanalmente na *newsletter Anna Dixit*.

SORAYA COELHO - Edição

Soraya Coelho é natural de Fortaleza, mas mora em São Paulo há quatro anos. Pós-graduanda em Book Publishing pela Casa Educação, trabalha como analista de marketing digital na *editora Somos*. Além disso, é revisora na editora *Dame Blanche* e faz parte da equipe da *Revista Trasgo*. Especializada em revisão e preparação de ficção especulativa, escreve quinzenalmente na *newsletter Cortesia da Casa*.

VITOR CLEMENTE - Ilustrações

Vitor Clemente tem 23 anos, sagitariano, trabalha com design gráfico e fazendo ilustrações. Participou da primeira edição da Mafagafo com os desenhos do conto "Tons de Rosa", de Fernanda Castro. Adora descobrir uma saga de fantasia onde pode viajar para outros mundos. Seu livro favorito chama-se O Nome do Vento, sua animação favorita é Avatar, sua casa é a Corvinal e seu patrono é um golfinho (segundo o Pottermore, é claro). Pode ser encontrado no *Behance* e pelo Instagram: @vithxrcs.

UMA QUINTA-FEIRA QUALQUER

— Mas que tanto que esse guri fica olhando pras estantes?!
— Não me faz pergunta difícil num momento desses, Berê. Alguém aí já achou a professora?

Quinta-feira na Armarinhos Lika, uma loja de aviamentos em Pinheiros, lá para as bandas do famigerado Largo da Batata — onde a gentrificação do bairro estava começando a chegar a todo vapor, com toda a sorte de barzinhos esquisitos e clientela tão estranha quanto, lojas com vitrines de concreto queimado

e nomes estranhos, placas com arte caligráfica e oferta de produtos orgânicos, feitos à mão ou ambos.

O lugar tinha sido reformado por Vanessa, a filha da falecida Lika, após uma temporada no exterior pegando ideias enquanto lavava a louça em um bar de expatriados: além de vender fios para tricô e crochê e tecidos para bordado, agora a loja também tinha um café, alguns sofás confortáveis e professoras que vinham duas vezes por semana ensinar a clientela como fazer mantas em duas cores, gorrinhos para bebês e suéteres que pudessem acomodar confortavelmente barrigas de chope ou braços de biscoiteira.

Ou dois pares de braço ou mesmo duas cabeças, se as aulas caíssem numa quinta-feira, quando se reunia o Grupo das Arachnés. Se nesse dia um extraterrestre caísse na loja, ele seria prontamente recebido com uma xícara de chá, um par de agulhas e um novelinho de cortesia da loja, porque provavelmente fora para isso que ele viera: para a reunião semanal de seres de outras esferas que estivessem de passagem ou morando em definitivo em São Paulo.

Às quintas a professora Ifigênia, uma fada com doutorado em Artes Têxteis, atendia um grupo com problemas que as outras clientes da loja não entenderiam muito bem. Além de precisar alterar as receitas para as peculiaridades corporais de alguns dos membros do clube e dar conselhos sobre os materiais a serem utilizados — ela era veementemente contra algodão para suéteres de iaras, *o fio fica muito pesado depois que molha; tenta acrílico com lã ou linho* —, também carecia de ser a pessoa mais diplomática o mundo.

Afinal, trabalhar numa sala com alunas como uma lobisdama, uma vampira ou uma djinn aposentada, todas armadas com agulhas, poderia ser considerado um emprego perigoso, no mínimo… Mas, no fim das contas, as aulas eram divertidíssimas, a filha da Lika fazia um lucro bem grande com a quantidade de café, chá e bolo consumidos, e as peças tricotadas ficavam umas gracinhas mesmo quando davam errado.

Naquela quinta-feira, porém, ninguém estava falando sobre como adaptar receitas de almofadas para acomodar dragões ou como colocar quatro cavas em um suéter ao invés dos dois já esperados. A djinn residente da loja, que atendia pelo nome de Samira, estava praticamente fazendo barricada na porta do armarinho, tilintando feito a fada Sininho enquanto andava de um lado para o outro (alguém uma vez apostou que metade dos autodeclarados 120 quilos da djinn vinham do ouro que ela carregava no pescoço. Samira não desmentiu, mas também nunca confirmou a teoria). Já eram quase três da tarde e Ifigênia estava atrasada — logo ela que nunca se atrasava para nada. Como era possível que ainda não tivesse chegado para a aula?

— Nada dela ainda? — Berê apareceu de novo na porta, andando depressa e ajeitando o arranjo com as suas *box braids* novas no alto da cabeça. Ela trocara os fios de lã das tranças no dia anterior — púrpura ao invés do verde de sempre — e estava estranhando um pouco o resultado.

— Nada — Samira respondeu, esticando o pescoço gorducho para encarar Berê. A gaúcha grandalhona, com suas tatuagens e sua pele cor de caramelo, era uma figura chamativa por si só. Com as tranças novas e falando alto, ainda por cima, Samira conseguia até passar por discreta perto dela. — Ainda acho que a gente devia evacuar a loja. Não tô gostando nada, nada da situação. Quer dizer, temos aqui um probleminha…

E as duas olharam para o "probleminha": um rapaz fuçando nas estantes de lã merino. O diminutivo era mais modo de dizer do que qualquer outra coisa, porque o rapazinho era um desses varapaus que parecem montados em dois bambus quando vestem calças justas. Pelo que tinha informado à Flávia, balconista e responsável pelo caixa nas quintas-feiras, ele era funcionário da padaria artesanal logo em frente e estava aparecendo com frequência na loja atrás de novelos de lã — especificamente merino, que era o item mais caro do armarinho.

— A mãe dele deve ter mandado ele vir comprar — Samira comentou.

— Ele não tem cara de quem mora com a mamãe — Berê retrucou.

— Ah, é, ô Xeroque Rolmes? E adivinhou essa como? Olho mágico?

— Não, olhei pras meias mesmo. Que tipo de mãe ia deixar um galalau desses sair com aquele tipo de meias?

— Amor, eu não tive mãe, como vou lá saber essas coisas? — Samira deu de ombros, antes de se voltar para os fundos da loja, para uma senhorinha de traços nipônicos que se aproximava com passos curtos. — E aí? Algum sinal do teu lado, amor?

— Ela não atende ao telefone! — Rosemeire, uma das frequentadoras mais antigas da loja, respondeu à djinn. — E também não tá pegando chamada telepática. Não sei mais o que eu faço.

— No momento, senta e bebe alguma coisa que tu tá quase me caindo pelas tabelas de cansaço. — Berê pegou Rosemeire pelo braço, uma cena ridícula considerando que a dona dos *box braids*, com os saltos plataforma, tinha o dobro da altura da bruxa nipônica que agora era conduzida para a área do café. — E fala baixo, ô vivente, tem humano na loja!

— Ah, mas é só o Moisés!

— Eu sei que é só o Moisés, mas ele continua sendo um humano, não é?

— Ai, Berê, mas você é muito estressadinha. O menino nem presta atenção na gente. Um bando de velhinha tricotando, que é que tem pra ver? Ele vem por causa da Flávia, não percebeu? Ficam os dois de conversinha um tempão depois que ele paga a conta.

— Ô paquera que sai caro, hein? Com o preço dessa lã…

Rosemeire não retrucou, apenas sentou-se em sua poltrona preferida, observando o resto das colegas tentando

entrar em contato com Ifigênia por todos os métodos possíveis — do telefone ao pombo-correio na janela, passando por telepatia, aparição, bola de cristal disfarçada de berloque de chaveiro e outras técnicas que fariam algumas pessoas arregalarem os olhos ou desmaiarem de susto.

Quando o sino da porta da frente soou, as Arachnés se levantaram depressa. Não era Ifigênia, porém, mas uma moça miúda de cabelo crespo munida de uma sacola com estampa de nuvens, assobiando desafinada a introdução do "Ai Se Eu Te Pego". Moisés derrubou uma estante inteira de novelos azuis quando a viu passando, Flávia se prontificou a ajudar e eles ignoraram o fato de que a recém-chegada estava flutuando a cinco centímetros do chão. Samira e Berê precisaram puxá-la para baixo com um tranco, cada uma segurando em um dos braços.

— Ei, devagar! — A mocinha puxou os braços para longe. — Que bicho que mordeu vocês?

— *Pés*, Iolanda. *Pés*. — Berê apontou para o chão.

— Ih, nem vi. Desculpa. — A garota enrubesceu de constrangimento, arrastando os tênis no tapete de arraiolo da entrada da loja. — Que aconteceu? Alguém morreu?

— Provavelmente, porque a Ifigênia não chegou ainda — Berê disse.

— Uai, mas como assim? Eu falei com ela não faz meia hora!

— E ela estava onde?

— Lá no centro da cidade. Acho que deu algum pepino na documentação dela, um troço assim. Ela disse que era pá e bola, só ia passar lá no Posto de Registro e já vinha. Disse até que ia pegar carona com o Faizal pra chegar na hora.

— Pronto, tá explicado. O tapete deve ter desfiado no meio do caminho. — Samira bufou a ponto de fazer tremer os pingentes dourados em seu pescoço. — Eu já falei pro Faizal, eu já falei mil vezes: aquela porcaria dia desses vai acabar rasgando, e aí eu quero ver a cara dele pra se explicar para a polícia!

— Ô Rose! — Berê foi para a área do café, ignorando o falatório de Samira. — Tenta achar o Faizal. Parece que temos o paradeiro da Ifigênia.

— O Faizal pode atender ligação enquanto dirige?

— Bah, não faço a menor ideia, que eu não tenho autorização nem pra dirigir carrinho de supermercado. Mas vai tentando, por caridade? Pelo menos para ele dizer se já está chegando com a encomenda.

Rosemeire fechou os olhos e respirou fundo, as mãozinhas moles em seu colo, quase sumindo contra o fundo florido da bata comprida. Berê achou melhor esconder a amiga com o corpo, para evitar que Moisés achasse que ela estava passando mal. Não que o rapaz tivesse sequer notado que a sessentona japonesa estivesse por perto, quanto mais entrando em transe.

Depois de arrumar a estante, ele foi para o caixa ainda conversando com Flávia, sendo seguido pelo olhar de Iolanda, ainda com o braço preso por Samira. Ele pagou por seus novelos e saiu da loja acenando e dando oi para Iolanda, meio engasgado, meio com pressa, correndo para atravessar a rua e chegar na padaria artesanal do outro lado da rua.

No café, Rosemeire abriu os olhos. A voz que saiu de sua garganta não era, definitivamente, nem miudinha e nem doce como a pessoa que estava falando.

— *Kus'uktak*! Quem que tá aí?!

— Faizal, mas tenha modos! — Samira resmungou, levando a mão aos lábios em um gesto de vergonha. — Isso é jeito de falar?

— Ah, é você, tia! Desculpa… — O vozeirão agora era bem mais mansinho, embora ainda com um tom claramente adenoidal, os "m" e "n" engolidos no meio da pronúncia apressada de um adolescente para quem o português não era o primeiro idioma. — Não manda eu lavar boca com o sabão, se faz favor!

— Ah, mas mando, sim, seu…

— Escute, ô piá, você está com a Ifigênia por aí? — Berê interrompeu a conversa.

— Não, não tô não! Ela ficou de me encontrar lá na Ladeira Porto Geral, mas não apareceu. Tive que ir embora, que as encomendas tão tudo atrasadas e o pessoal já tá xingando. Ela não chegou aí, não?

— Faizal, meu amor, faz um favorzinho pra titia? Fala pro seu tio Malek me ligar no celular. E é já! Que a ligação aqui tá cortando.

Rosemeire fechou os olhos de novo e desmaiou. Berê já estava do lado dela com um copo de água para quando ela acordasse e Iolanda, sentada no outro assento, pegou seu celular na sacola e começou a telefonar para pedir ajuda aos amigos, mordiscando a unha do mindinho enquanto esperava.

E nisso já eram três e vinte, o resto da classe tinha aparecido para a aula e, na falta do que fazer, se reuniram ao redor dos sofás cobertos com mantas coloridas para tricotar e se preocupar em um silêncio polido, encoberto pelo som das agulhas delicadamente batendo umas contra as outras enquanto elas teciam. Outras clientes humanas entraram na loja sem perceber o clima pesado; Flávia correu de um lado para o outro para atender todo mundo com o sorriso de sempre, fingindo muito bem que nada de errado estava acontecendo e, ao mesmo tempo, tentando localizar sua patroa para que ela resolvesse aquela bagunça de alguma forma.

Depois de quarenta minutos e nenhum sinal de Ifigênia, Iolanda pegou sua sacola e saiu da loja, na direção da padaria artesanal. Entre os balcões de madeira de demolição e os retratos em preto e branco nas paredes de cimento aparente, a presença de uma garota em camiseta vermelha e sacola colorida era um grito no meio da abadia: todo mundo olhou, inclusive Moisés — que estava atrás do balcão, sujo até a ponta dos ralos fios castanhos, carregando outra saca de açúcar para o depósito. Ele viu Iolanda contando algumas moedinhas em um porta-trecos de veludo, os cachos erguendo-se para o alto

como anêmonas debaixo d'água.

Ela parou de repente, passou a mão nos cabelos como que para acalmar os cachinhos, e recomeçou a contagem das moedas até chegar ao balcão pedindo, toda tímida, os ombros meio encolhidos, o menor café que havia no menu e um sanduíche que daria para alimentar duas pessoas com bastante fome.

Para a surpresa da garota, foi Moisés quem apareceu com o pedido em uma bandeja, deixando manchas de farinha de trigo por onde tinha passado.

— Muito gentil da sua parte. — Iolanda forçou uma expressão neutra, agarrando-se na mesa.

— Pode rir, eu sei que tô parecendo o Gasparzinho. — Moisés deu de ombros, uma nuvenzinha de farinha escapando do alto de sua cabeça. — Eu só tô estranhando você vir comer aqui. Vai trair o movimento? — Ele apontou o armarinho com o polegar branco de farinha.

— É que eu fico com vergonha de comer perto das tias. Quer dizer, né…? — Ela apontou o sanduíche com fatias grossas de pão de campanha e quantidades absurdas de presunto e queijo Serra da Estrela derretido. — Vê lá se isso é porção pruma mocinha.

— A mocinha pagou pela comida com o dinheiro dela? Então a mocinha come o que quiser, uai. Escuta, que confusão era aquela na loja? A Flávia estava quase arrancando os cabelos de tanta preocupação.

— A professora se atrasou. Só isso.

— Só isso? Do jeito que ela estava, parecia o fim do mundo.

— É que a Ifigênia comeu um cuco de relógio achando que era galeto quando era pequena. Sabe, ela é tão pontual que eu acho que acertam o horário oficial de Brasília de acordo com o relógio da casa dela. E ela não ter vindo para a aula é meio… é meio estranho. É só isso. A Flávia não precisava ter se desesperado tanto.

— Bem, eu realmente espero que nada de mal tenha

acontecido com ela. Bom apetite! — Ele se afastou, limpando as mãos na camiseta.

Iolanda soltou um suspiro bem dolorido quando Moisés finalmente saiu de seu campo de visão. Claro, *nada de mal* era tudo o que um humano normal esperaria: que Ifigênia não tivesse sido assaltada ou que não tivesse caído no meio da rua e sido levada para o hospital. Alguém como Moisés Caldeira chamaria a ambulância do manicômio se soubesse que o medo de Iolanda era de ser trancafiada em uma das malditas Divisões de Estrangeiros da Polícia Federal, o local que registrava seres de outras esferas com direito de residência no Brasil.

A unidade paulistana da Divisão, incrustada em um prédio muito mal-ajeitado bem no coração do centro da cidade, era cenário de alguns dos pesadelos mais detalhados de Iolanda — e provavelmente de Berê, Samira, Rosemeire e de dois terços das ocupantes do armarinho naquele instante. Todo mundo tinha seus documentos, RGs especiais e arquivos atualizados anualmente em um processo que lembrava o Imposto de Renda — e era tão chato quanto.

Mesmo Iolanda, nascida e criada em São Paulo, tinha que passar por aquela humilhação ritual — quando pequena, agarrada à sua mãe enquanto passava por aqueles corredores cheirando a fórmica, tinta de carimbo e desinfetante barato, ela se perguntava o que aconteceria se, por algum motivo, um dos policiais acordasse de mau humor e enchesse de vermelho aqueles formulários amarelos datilografados com tanto esmero. *Por que a gente não volta para casa?*, Iolanda perguntava à mãe, copiando a pergunta que as amiguinhas de escola faziam quando viam o modo como ela andava, ou como seus cabelos se moviam.

Porque *casa*, Iolanda aprendeu, era um conceito elástico e intrincado como os fios que ela transformava em coletes e cobertores. E se o preço de uma vida íntegra, sem medo e sem confusão, era aquele passeio na repartição pública, pois bem,

que viesse o passeio. Era só uma vez por ano, afinal.

Ifigênia era uma cidadã exemplar, o tipo de pessoa que nunca chamava a atenção, sempre colaborando com a polícia, sem se exibir, trabalhando e vivendo sem que ninguém desconfiasse de sua natureza verdadeira. Iolanda imaginava alguém mais como Samira ou Rosemeire sendo presa — a primeira por desacato, no mínimo, e a segunda porque era muito distraída em seus caminhos e dia desses acabaria se revelando sem querer para algum humano —, mas não Ifigênia, a professora de cabelos pintados com hena que fazia casaquinhos de bebê para o Amparo Maternal e que escondia o par de braços extra com distinção tamanha que quase ninguém fora do círculo das Arachnés sabia do truque.

Se ela tinha sumido entre as rachaduras da calçada, não era boa notícia de maneira alguma. Iolanda começou a comer seu imenso sanduíche com pressa, em mordidas generosas, sem notar que Moisés estava olhando para ela — e para a frente da loja, para a movimentação no armarinho. Quando Berê apareceu na padaria, chamativa das tranças ao sotaque gaúcho, encarou Moisés com tamanho ar de "passa fora" que o rapaz só faltou se esconder embaixo do balcão.

— Terminou a merenda? — Berê quando forçava um sorriso era pior do que uma careta.

— Acharam a Ifigênia?

— Acharam. Na gaiola.

Iolanda olhou os restos de sanduíche no prato e suspirou, sentindo-se enjoada, o corpo tão pesado que Berê precisou de bastante força para conseguir carregá-la de volta para o armarinho.

***

— Tá bem, gurias, vamos organizar esse entrevero todo aí — Berê suspirou. — Do começo: então uma fada sumiu…

— Uma fada que era do clã inimigo da gente da Ifigênia

— Rosemeire interrompeu. — Isso é importante.

— Tá. Recalculando. Uma fada de um clã inimigo sumiu… E aí a *Ifigênia foi presa para averiguações*. Isso é contra a lei, sabia?

— É contra a lei humana — Iolanda disse. — E mesmo os humanos não dão a mínima pra isso. Pra gente como nós, então, imagina!

Estavam as quatro nos fundos da loja, acabando com o que tinha restado do estoque de chá. Já eram seis da tarde e parte do grupo tinha dispersado, prometendo que ia procurar ajuda para resolver o estranho desaparecimento de Ifigênia. Flávia tinha oficialmente fechado a porta da loja, mas não conseguia expulsar o *quarteto parada dura* de dentro do estabelecimento — até porque elas eram simpáticas e lhe faziam companhia enquanto ela fechava o caixa e lavava as xícaras e pratos da cafeteria.

Descobrir que a professora estava apreendida no prédio da Divisão, na região da Estação da Luz, não era nem de longe a notícia que elas estavam esperando. O tio de Faizal, o Grande Malek — era o nome oficial dele no RG, embora ele tivesse apenas um metro e meio de altura — tinha conseguido descobrir o motivo da prisão preventiva a muito custo, e o motivo alegado não fazia sentido nenhum.

— Mas a Ifigênia não faz mal nem pra uma mosca, coitadinha! — Rosemeire terminou de tomar seu chá em golinhos saltados.

— Pode ser, mas até aí ela também é uma fada. E uma Arachné, ainda por cima. Aranhas comem moscas, lembra? — Berê disse.

— Dá pra você parar? — Iolanda respondeu. — Você não tá ajudando.

— Bah, guria, te acalma. Fora arranjar um advogado, eu não sei o que fazer. Me deixa aqui com minhas piadas ruins, que assim eu acalmo.

— Suas piadas são o menor dos problemas. Tirar a Ifigênia

desse troço que é a dor de cabeça. Com que dinheiro a gente paga um advogado? Eu mal e mal dou conta de pagar as despesas da faculdade. Não dá pra gente contatar um defensor público?

— Defensor público que tope cuidar do nosso tipo de caso? Aproveita que tu tá sonhando e vê os números da próxima Megasena? — Berê bufou. — Samira, tu tá quieta que nem gato de igreja, alguma tu tá aprontando aí.

A djinn terminou de tomar seu sexto cafezinho e olhou para o trio diante dela com calma estudada nos olhos escuros.

— Advogado eu conheço. E ele está mesmo me devendo uns favorzinhos. Quanto a isso vocês não se preocupem. Eu só estava aqui pensando numa coisa…

— Ai, pelas franjinhas do manto de Oxum, lá vem merda — Berê resmungou entredentes.

— Mas tenha modos! — Rosemeire resmungou de volta. — Diga Samira, qual o seu problema?

Samira apontou o outro lado da rua com o polegar tingido de anil — a padaria artesanal estava fechando as portas; Moisés Caldeira fumava na calçada, com a sacola de compras do armarinho entre seus pés, a imagem da distração e do cansaço após um dia intenso de trabalho. Iolanda abraçou os joelhos e forçou as pernas a ficarem quietas, mas ainda assim precisou da ajuda de Rosemeire para não começar a flutuar sobre o assento.

— O gaiato lá da padaria tem alguma coisa a ver com isso.

— E a Xeroque Rolmes chegou a esta brilhante conclusão como? — Berê disse.

— Não é conclusão, é uma hipótese. O sujeito praticamente mora aqui na loja, agora.

— É, porque ele está paquerando a Flávia — Rosemeire disse, e Iolanda desabou no assento da cadeira com um tranco.

— *Bi sharafak?!* Mas você é uma boba. Primeiro que a Flávia não gosta de homem…

— E você sabe disso como? — Rosemeire pareceu chocada.

— Ô, lembra? Djinn? A gente se aposenta, mas ainda manja dos troços todos. Enfim, se ele tá paquerando a Flávia, é tudo cortina de fumaça. O sujeito vive olhando pra gente quando aparece aqui, nem se dá ao trabalho de ser discreto. Por que ele sempre aparece nas quintas-feiras? Eu digo e reafirmo que ele está espiando a gente já faz tempo, mas vê se alguém me ouve!

— Talvez se tu falasse mais baixo a gente prestasse atenção — Berê retrucou, respirando fundo para não perder a calma. — Agora, vamos devagar aí, que eu falo trinta idiomas, mas não entendo histerismo. Tu achas mesmo que aquele piá mais comprido que suspiro em velório tem alguma coisa a ver com a prisão da Ifigênia? Ele é humano, Samira!

— Ele parece humano. Até aí, a Iolanda aqui também parece. E você, quando você não está braba, e a Rosemeire também… É o que tô falando. Ele aprontou alguma e a Ifigênia entrou na dele. Só pode ser isso. Ela não faria mal para ninguém. É um caso clássico!

— Eu já falei pra tu parar de ler romance policial, Samira. Só faz mal pro teu cérebro. — Berê acomodou as agulhas e o novelo no colo. — Tá bom. Vamos supor que você esteja certa, *uma vez na vida*, e o tal do Caldeira tenha culpa no cartório. E aí a gente faz o quê?

— Ué, a gente chama a polícia!

— Com que provas?

— Com as provas que a gente achar!

— Mas deste com a cabeça na parede, ô djinn?!

— Vocês duas! — Rosemeire ergueu a voz um tiquinho, mas foi o suficiente para as duas mulheres se calarem. — Vamos organizar isso, sim? Samira, já que você se acha tão esperta, vai atrás do Moisés. Leva a Iolanda com você — o menininho gosta dela, e humanos nunca falham, sempre adoram uma conversa mole, ainda mais os machos da espécie.

— Eu tenho direito a veto? — Iolanda protestou, tímida.

— A outra opção é ir comigo enfrentar a Divisão. Eu

já sou escolada, sessenta e cinco anos, né? Tenho direito à fila preferencial e tudo. Deixa que eu vou lá com a Berê e o advogado que a Samira disse que conhece. — E, em voz mais baixa. — Você consegue dar conta da Samira melhor que eu. Se deixá-la com a Berê, uma das duas acaba morta.

— Ó, eu ouvi isso — Berê retrucou. — E pior que concordo. Tá legal, tá legal. Vamos fazer isso. Samira, passa aí o telefone do advogado. Vamos lá tirar a Ifigênia dessa droga, antes que a enfiem na fogueira!

Não consigo respirar direito. A água em volta de mim já não é mais tão confortável como antigamente. Está mais perto do que nunca, eu sinto.

As pessoas que agora nos olham não têm noção do que se passa. Turistas sanguessugas. De cima da ponte, milhares se aglomeram diariamente para observar mulheres acorrentadas no fundo do mar como se fossem atrações de um aquário.

Sempre fomos prisioneiras, mas agora virou espetáculo.

Condenadas pelo crime de decidir nossas vidas, fomos traídas por aqueles que diziam estar ao nosso lado. Como um peixe atraído pela isca, não vimos que, por trás das boas intenções, havia um anzol pronto a nos capturar.

Vou contar uma novidade: pelos becos e vielas sempre nos mobilizamos. Quando nos delataram, fomos obrigadas a viver com os peixes.

"Assumam ou sofram as consequências", eles bradavam em fúria ao invadirem nosso esconderijo. Irônico que, depois de nos relegarem ao silêncio, estivessem interessados no que tínhamos a dizer.

Assumir o que mesmo, aliás? Que nos recusamos a seguir a tradição e nos juntarmos àqueles homens? Pois é melhor uma vida embaixo d'água.

E, vamos combinar: não é só a gente que precisa confessar umas coisinhas. O nosso desgosto tem o dedo de vocês. Pensem em todas as vezes que tentaram nos moldar. Nascer, casar, calar.

Viver como os peixes não é muito diferente de estar aí na superfície.

"Não querem falar? Ótimo. No mar, uma palavra e vocês morrem". Como se já não nos sentíssemos mortas antes de nos afundarem com pesos amarrados nos pés.

Mas nós nos adaptamos, percebem? A Deusa das Águas nos deu a chance de retomar o que ela foi impedida de fazer por homens que não aceitam concorrência.

Está chegando o dia em que nossas amarras serão libertadas. A Deusa nos manteve vivas e, em troca, quer que façamos justiça.

Preparem-se. ●

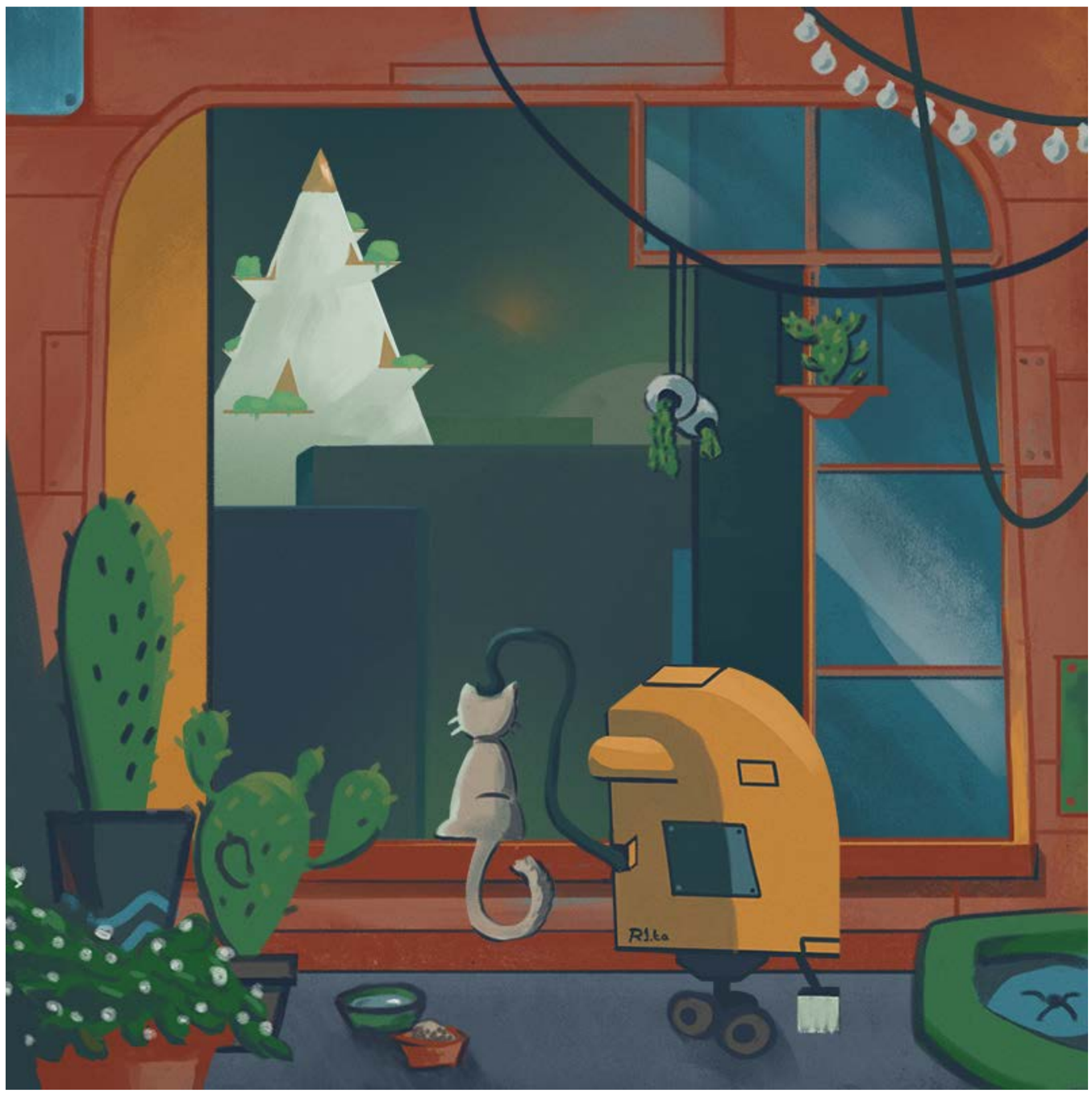
EQUIPE

MARCOS BERTO - Autoria e Ilustrações
Marcos Berto começou estudando desenvolvimento de jogos digitais na PUC-SP, passou por psicologia e hoje trabalha com ilustração e arte. Já salvou o mundo de Termina pelo menos 15 vezes e garante que vai salvar mais. Além de ter uma pasta cheia de protótipos de jogos guardada, tem textos de fantasia e ficção científica que agora estão saindo à luz do dia.

JAKSON NAKO - Edição
Jakson Nako sempre gostou de criar histórias, e foi aos 15 anos que escreveu pela primeira vez para participar de um festival de poesias entre escolas públicas, ficando entre os cinco premiados. O autor estudou jornalismo e publicidade e propaganda. Na USP, estudou literatura africana de língua portuguesa, literatura italiana, catalã e bizantina. Na Amazon, publicou os livros: *O Garoto Adam*, *A Vila dos Gatos* e *Sobre o Pensamento e o Tempo*.

O FANTASMA DO TRÓLEBUS 2100

PARTE 1



Gravadas neste pino de memória para robôs domésticos Nontoya 524GGHz, número de série 5421.881, estão as lembranças de um dia da minha vida.

Este é o octingentésimo terceiro acesso por mim desde então. É claro que está tudo na minha cabeça também, mas por aqui poderei relembrar mesmo quando estiver velhinha. Está tudo cravado no meu cérebro feito um cavalo-de-Tróia dos anos 2000; quando eu menos espero, falam “trólebus” ou leio a palavra “avô” ou mesmo tenho que escrever o nome “Rita” e relampejos de informações desse dia, estocados na

minha rede de neurônios, são trazidos à tona.

Se eu queria ter gravado? Foi tudo automático, tipo tirar uma foto sem a opção de deletar, ou capturar um trecho de uma música para pesquisar qual é a banda — então a resposta é sim, eu acho. O cheiro de pipoca também me faz lembrar desse dia específico da minha adolescência, então só voltei a comê-las recentemente. Apesar de eu ter sido acordada mais cedo pela minha mãe, tenho registros deste dia apenas a partir de quando despertei de verdade, dentro do banheiro.

O chuveiro começou a reclamar um minuto mais cedo do que o comum, bem na minha vez. Droga, eu ainda tinha xampu no meu cabelo e sabão no corpo. A pouca água que saía dos vários furinhos acima de mim se tornou gradativamente morna e depois gelada demais e eu estremeci, mas mantive meu corpo no lugar para aproveitar o resto do banho. Com as pontas dos dedos esfreguei de qualquer jeito minha cabeça. Eu sentia minha respiração esmagada como se eu estivesse debaixo da chuva lá fora. O chuveiro pareceu engasgar, tomar ar, engasgar de novo, naquela rouquidão mecânica, então resolvi desligá-lo logo. Eu teria um banho mais curto, mas ele merecia uma folga.

Tzzz! Recebi um choque da velha válvula de inox que crescia da parede de azulejos nas três vezes que a girei para a direita. Para mim, acontecia sempre que eu tomava banho, não tinha jeito. Com a eletricidade passando, minha mão ficou engraçada, meu dedo indicador dobrou-se sem eu pedir, feito o dedo do monstro recém-nascido de Frankenstein. Demorou, mas também senti uma pontadinha no peito que me fez enrugar a testa e respirar fundo — nada a que eu já não estivesse acostumada. O chuveiro ficou mudo e passei a poder escutar as gotas de água pingando através do ralo. Espremi algumas vezes o cabelo, curvada e olhando para o chão, e saí do cubículo de vidro embaçado com apenas o passo largo de uma perna.

Somente depois de me secar toda com a toalha laranja, percebi o sabão ainda no sovaco. Passei a toalha mesmo —

não por preguiça ou por falta de tempo, mas porque não seria correto gastar mais água da nossa reserva com isso. Sequei o rosto e fiz uma dobradura com a toalha no topo da cabeça, que envolvia o meu cabelo e abafava minhas orelhas. Já que o chuveiro me dera um minuto a menos e estava frio lá fora, resolvi me demorar exatamente esse minuto extra no banheiro branco e nevoento para me preparar melhor para o dia. Coloquei o uniforme azul, que incluía uma saia comprida e uma camiseta com o logo da Escola Militar S. Moro no peito, cantarolei alguma coisa e deixei os chinelos debaixo da pia, juntos a dois outros pares molhados e quatro secos, todos coloridos.

O corredor do cortiço onde minha mãe, meu avô e eu morávamos — além de três outras famílias, um gato marrom, oito chesters no porão e uma robozinha de limpeza expandida com equipamento de segurança — estava movimentado, porque mesmo os moradores que não costumavam acordar àquela hora já se encontravam de pé naquele dia. Era possível perceber uma agitação no corredor através da porta velha do banheiro, consequência dos avisos sobre a greve na TV durante a semana.

Alguém contava alguma história na cozinha, informação que obtive porque o volume da voz era alto o suficiente para atravessar a porta. Depois de uma risada escandalosa que definitivamente pertencia à Dona Jatinda, identifiquei o contador de histórias como o meu avô Douglas.

Abri a porta para o corredor gelado e caminhei por entre meus vizinhos apressados, porém silenciosos. *Dona Bruna, a água está fria,* eu disse, e dela desviei quase deixando a toalha escorregar da cabeça; *dormi bem, Seu Guilherme*, que vinha na direção oposta pelo corredor estreito; *não vou me atrasar, pode deixar*. Deduzi que a história era a da cidade de Beleléu porque ninguém usaria a palavra "êxodo" em outro contexto, muito menos de manhãzinha. Caminhei até o fim do corredor de só quatro portas equilibrando a toalha na cabeça.

Uma mulher de meia idade vestindo um conjunto social cinza que pertencera a sua tia olhou-me nos olhos assim que entrei na cozinha. Mamãe estava como sempre, com a testa enrugada e a boca curvada para baixo, como se algo terrível fosse acontecer dali cinco minutos ou em uma hora ou no próximo fim de semana. A cara dela informava: acelere.

— A greve — ela completou com a voz. — Você vai se atrasar hoje se não acelerar, filha. E você viu essa louquinha aí — com um leve movimento do pescoço ela me indicou uma direção para olhar, seguindo uma linha reta imaginária do queixo dela — que eu tive que arrastar até o canto pra ela parar de atrapalhar a passagem?

— Bem hoje que está todo mundo estressado, essa porcaria resolveu dar pau — disse divertidamente o vovô, Seu Douglas, um baixinho a me seguir desde que eu passara pela porta. Mamãe e ele se referiam à lenta caixa de plástico sobre rodinhas que era a R1ta, girando incansavelmente em seu próprio eixo, ao lado da geladeira. — Nem limpeza, nem segurança — continuou — e nem pra fazer aquele gato parar de miar! Podemos voltar com os cachorros já?

Quem estava na cozinha riu sem deixar de parecer apressado, é claro, caminhando em passos largos e desviando uns dos outros com o treino de anos nos corredores lotados da cidade. Minha mãe revirou os olhos e murmurou um "ai, pai, que saco" enquanto lavava um pratinho de vidro azul escuro para mim. Eu gostava demais da minha amiga robótica para ficar ali parada vendo todos fazerem piada dela. Ela só estava mais uma vez confusa, imaginei — seu pino de memória já falhava e talvez a câmera de visão noturna instalada dois anos antes fosse demais para a cabeça dela, avisara o mecânico.

— Ela está sobrecarregada com *suas* tarefas de novo, né, mãe — brinquei, mas era verdade. Caminhei até a robô, puxei com um pouco de força sua tampinha de proteção para o painel de comandos e pedi para que ela reiniciasse com o deslizar de alguns dedos. *Tzzz!* Tomei mais um choque, mais

um pulsar mais forte do meu coração naquela manhã. Antes de eu terminar meu pão com margarina feito pela minha mãe no pratinho azul, R1ta acordou, mas continuou girando por mais uns segundos até desacelerar completamente, de cara para a parede. — R1ta, cuidado para não se sobrecarregar com as ordens… — parei no meio, já que aquele conselho seria, no final das contas, mais uma tarefa para ela se preocupar.

Eu fui dando lugar no banco comprido para mais e mais vizinhos que saíam de seus banhos de dois minutos e quarenta e cinco segundos cada (menos dona Beatriz, porque ela pagava por quatro minutos redondinhos), percorriam o corredor movimentado e se juntavam a nós. *Vou chegar atrasada hoje por causa desses grevistas preguiçosos*, disse uma; *minha chefe é boazinha, graças a Deus*, aliviou-se outro; *vocês não sabem o poder de uma greve, disse meu vô*, mas mamãe logo determinou que já bastava.

— Bom dia, Jéssica — cantarolou mecanicamente a voz feminina e artificial de R1ta atrás de mim, ingênua, como se não tivesse rodopiado em suas próprias rodinhas a manhã inteira. Meus batimentos cardíacos estavam normais segundo o relato da voz. Eu agradeci por sobre o ombro com um sorriso sem dentes e com migalhas de um segundo pão, dessa vez com queijadinha. Desde que eu instalara o aplicativo do meu coração novo no meu fone, R1ta começara a tomar conta de mim até à distância, já que ela recebia meus cardiogramas em tempo real via internet. Acompanhei ela andar paralelamente ao banco e entregar dois comprimidos à recém-saída do banho dona Bruna, que os tomou energeticamente junto a um copo meio cheio de café preto com adoçante. Ao mesmo tempo em que se movia, minha amiga varria o chão atrás de si. Que modelo impressionante!

Vovô retomou sua história — "*destruída em 2286, reconstruída em 2290 e novamente dizimada em…*" —, mas mamãe virou-se para ele com uma sobrancelha levantada antes de sair da cozinha em direção ao andar de baixo.

Ninguém gostava de ouvir sobre Beleléu, porque a cidade, bem, fora para o beleléu uns anos antes disso.

Aos poucos, os vizinhos foram deixando a mesa, o banco no qual tomávamos café da manhã espremidos todo dia e a cozinha comum. Acompanhei o neto do Seu Guilherme bater duas irritantes vezes com o nó do dedo na câmera colorida da R1ta e dizer que até um robô feito no Brasil era mais eficiente que ela. Vi minha mãe sair e voltar duas vezes para a cozinha, a todo o momento falando de maneira decisiva com algum vizinho. Eu lavei meus talheres e o prato azul e acompanhei a Dona Beatriz jogar uma partida rápida de Tetris na palma de sua mão.

Avós, filhos, netos e bisnetos viviam comigo na enorme casa de aposentos pouco espaçosos, antigamente um asilo para idosos. Isso explicava as amplas e confortáveis áreas comuns, como a cozinha e a sala de TV, a robô doméstica e o fato de termos um porão secreto cheio de equipamentos médicos centenários. Era um prédio estreito e lilás, de cinco andares, espremido entre dois muros sem graça, cor-de-nada, de dois condomínios. Olhando da rua, minha casa parecia uma caixa de fósforo presa entra duas caixas gigantes de… sei lá, eu não fazia ideia do que existia além daqueles muros de cento e cinquenta metros de altura. Nossas janelas eram pequenas e raramente se encontravam abertas — não só para manter o máximo de barulho urbano abafado, mas também porque não entrava muita luz natural por elas durante grande parte dos dias de qualquer jeito.

A sala no último andar era o espaço favorito de todo mundo. Tinha uma janela que dava para a minípolis mais próxima, acesa o tempo todo, clareando mais que a Lua. Era a paisagem mais bonita que se podia contemplar, um farol dourado e prateado com seus milhões de chaminés — uma das maiores minípolis que eu já tinha visto, uma cidade vertical vibrante e rica despontando do esqueleto da antiga cidade de São Paulo. Quando acabava a energia elétrica ou

o sinal de internet e precisávamos saber a hora, era só olhar para o topo da minípolis do Alto da Mooca, onde um relógio movido por luz solar esticava seus braços de ouro sem nunca atrasar um segundo.

Na noite anterior, mamãe havia mostrado a notícia sobre falcões mecânicos invasores de janelas, o que fez vovô passar a se sentar o mais longe possível delas, e alguém aproveitara para mostrar de novo o vídeo dos supostos cães de três metros escondidos no centro da cidade. Dona Jatinda, que falava de acontecimentos sobrenaturais frequentemente — apesar de muitos acreditarem ser apenas fantasia de uma doidinha — relatara a aparição de um fantasma brilhante saído das diversas telas de uma loja de eletrodomésticos, ora tomando a forma de uma Galinha Pintadinha, ora a do Harry Potter ("*do terceiro remake, para ser mais clara*").

Seu Douglas percebera a queda na audiência de suas histórias — mais e mais vizinhos deixavam a cozinha para pegarem as vias até seus empregos —, então ficou em silêncio por um tempo. Ele se sentou ao meu lado devagarinho, passou um braço nas minhas costas úmidas e pousou nos meus olhos os seus olhos pretos, acompanhados de um sorrisinho. O pouco de barba que espetava de seu rosto era completamente branco, mas seu cabelo ralo ainda tinha fios castanhos. Havia uma expressão de urgência disfarçada no modo de agir do vovô.

— Jejé, você se lembra de quando eu chegava de manhã do trabalho e fazia uma vitamina para você? Quando o vovô trabalhava nas madrugadas…

— Antes de o senhor ser um fugitivo? Lembro.

— Sua mãe fica me chamando assim e você repete, mas não sou fugitivo nenhum. — Ele riu. — Talvez eu seja, mas não estou te contando isso à toa: você vai conhecer um antigo colega de trabalho meu e gostaria de te preparar para isso. Você se dá bem com eles, eu sei.

— Eles quem? — perguntei. Vovô sabia criar suspense, apesar de eu me irritar quando ele usava sua habilidade em

outro momento que não contar suas histórias. — Por que vou encontrar ele?

— Sabe a nossa entrega de segunda-feira? — li o sussurro com cheiro de café em seus lábios. — Ela ficou para hoje. Preciso que você também se encontre com ele. O que me diz?

A notícia causou a terceira pinicada de dor no meu coração daquela manhã, um decrescente desconforto de alguns segundos costumeiramente seguido da falta de ar que eu tanto odiava ter. *Bem hoje?*, pensei. Mamãe não poderia ficar sabendo da entrega, é claro, porque eu trabalhava para o vovô em segredo. A tarefa exigia algum cuidado, mas vovô pagava bem. Com isso em mente, aceitei. Ele me deu um beijinho na bochecha, levantou-se e levou as mãos para perto do rosto. Com duas batidas do indicador de uma das mãos na palma aberta da outra, ele me informou: *fique de olho no seu fone hoje*. E saiu da cozinha em passos largos.

Como estaria a cidade no caos da greve? Todos falavam sobre isso a semana inteira: que seria o inferno, que aquela quinta-feira fria seria desastrosa para a Economia por causa da paralisação de alguns serviços das minípolis… Olhei para dentro da sala de TV, na qual uma rápida sucessão de minientrevistas com pessoas iradas em filas no metrô passou, me deixando nervosa.

Vovô retornou na hora em que o robô repórter foi substituído por uma humana com suas notícias diárias de Washington. Ele me deu dois embrulhos em papel marrom e durex, que logo escondi entre minha barriga e o elástico da saia.

— O maior dos pacotes é o do meu colega… Amigo. Assim como eu, ele também foi obrigado a se aposentar e nunca mais deixar a casa dele. É simples: quando ele aparecer (e você vai saber quem é), arranque a embalagem e entregue a ele, ok? O vovô não vê ele faz tempo, mas não se preocupe: ele é incapaz de machucar um mosquito! O pacote menor é para a professora Monica; que, inclusive, vai te acompanhar hoje depois das aulas. — Ele deu uma piscadinha para mim.

Mais tranquila, me levantei, peguei a minha bolsa e uma blusa, desci três lances de escadas com maestria e me juntei à minha mãe com seu felpudo chapeuzinho verde-musgo no hall, em frente ao portão alto e espesso que dava para a rua. Recebi um guarda-chuva preto com bolinhas amarelas dela, além de um sorriso curto e sem dentes.

A TV berrava "caos!", mas eu já estava na Rua Silva Jardim, a caminho da escola, seguindo minha mãe de passos firmes e velozes, que iria para bem longe trabalhar e voltar ainda naquela noite.

Era bem cedinho ainda quando Adelaide começou a preparar a galinha. Uma das últimas poedeiras que sobraram, mas fazer o quê? Se vão os ovos, pelo menos tinha a carne para encher o bucho por um tempo. Sentiu uma ponta de solidão ao parar um pouco de cortar a galinha.

Decidiu não pensar em mais nada, só em terminar a galinha, mas quem disse? Nem com Odair José rouco no rádio de pilha, emendando com uma fita. Nem com o zumzum das moscas que faziam ladainha com o tactac da faca na tábua.

Colocou mais força na faca para cortar as juntas do bicho, massacrando, massacrando.

Separou os pedaços e foi colher verduras.

Já era noite, mas Adelaide sabia exatamente onde estava cada erva, cada verdura. Diziam que ela era como bicho pra isso, um bicho do mato; ela concordava ser do mato pois nunca se acostumou com a cidade. Tava era cansada do calor, do cheiro da valeta que rescindia em dias quentes como esse, do acumulo de ausências, de tanto silêncio cinza. Daquela cidade que só faltava era se deitar de tão morta.

Adelaide era vivida — já havia visto muita coisa deixar de ser, muita coisa nem chegar a ser. Conhecia cada alma daquela comunidade, assim como conheceu os pais e avós. Assim como fez muitos chás de guaco e poejo para curar catarro e fez muita pomada de confrei para curar as feridas de crianças e adultos daquela comunidade.

A verdade é que Adelaide já estava cansada da cidade, do cheiro que rescindia da valeta e do barulho de fogos de artificio em noites como essa de grenal. Depois que deixou o interior, ela jamais esquecera da infância e de parte de sua juventude vivida ali; e de como cavalgava bem, fato nunca acreditado quando ela contava para amigos da cidade e a própria filha. Às vezes até Adelaide duvidava de suas próprias

lembranças. Mas em si sempre repousou a vontade de um retorno para um interior que nem existia mais.

Adelaide havia decidido: mais uns dias e ela partiria. A filha andava bem empregada fazia tempo, era professora do estado e até mandava um dinheirinho às vezes.

Já não aguentava mais a modorrência calada daquele povo, que parecia viver para repetir a mesma coisa, dia após dia, que pareia era já ser pedra de tanto que não ia a lugar nenhum. Era como um pesadelo que acontecia bem ali na sua frente e nunca ia ter fim.

Não, ela não. Andava bem viva ainda.

Vendia a casa, ponto. E pronto.

A casinha era bonita, ora. Também, demorou tanto pra ajeitar bem do jeito que queria.

Nem lembrava a última vez que teve visita, a cabeça andava era se esquecendo de muita coisa, sentindo falta de ter com quem conversar.

Sozinha.

A palavra ecoou dentro da cabeça como um palavrão, um tapa no pé do ouvido.

Andou pela cozinha meio sem vontade e se escorou na meia-porta bem pintada, olhando praquele nada sem fim, mesmo em frente.

E então, na escuridão, viu vultos próximos ao seu portão

Era gente?

De onde?

Uns montados a cavalos bem magros, outros a pé, cansados se arrastando.

Adelaide se lembrou da infância e dos tropeiros que chegavam na casa de sua mãe após a lida no campo.

Tropeiros. Ainda existiam?

Ficou confusa ao ver aquelas pessoas. Da distância que estava não conseguia distinguir rostos, mas era perceptível que todos estavam pilchados, os montados a cavalo com roupas

mais distintas e os a pé com roupas mais modestas, que de longe pareciam rasgadas. Chegaram próximos ao velho portão e ficaram parados. Adelaide deu dois passos à frente para tentar ver quem eram, foi quando o primeiro rojão subiu ao céu e iluminou por instantes os visitantes, Adelaide sentiu os joelhos tremerem e por pouco não caiu no chão. A cara deles.

Era como se.

Ela podia ver os dentes, mas eles não abriram a boca.

Faltava um pedaço do rosto.

Na verdade não faltava, não que faltasse, ele sacudia ao vento pedaços da pele…

Sacudia como couro de boi curtido, pendurado embaixo do queixo.

Adelaide correu até a porta. Pelas frestas da casa de madeira podia ver a cada explosão dos rojões os olhos de animais daqueles seres que, com um golpe, derrubaram a porta da casa.

Adelaide no chão fazia uma prece em voz alta, mas logo o ser com a vestimenta mais distinta puxou-a pelo cabelo e, numa dentada mais que certeira, rasgou-lhe a garganta.

Era gente aquilo?

Garganta, braços, peitos.

O sangue lavando o chão.

Restos de galinha e mulher espalhados pelo chão.

Na mesa da pia, o rádio fazia coro praqueles dentes mastigando junto.

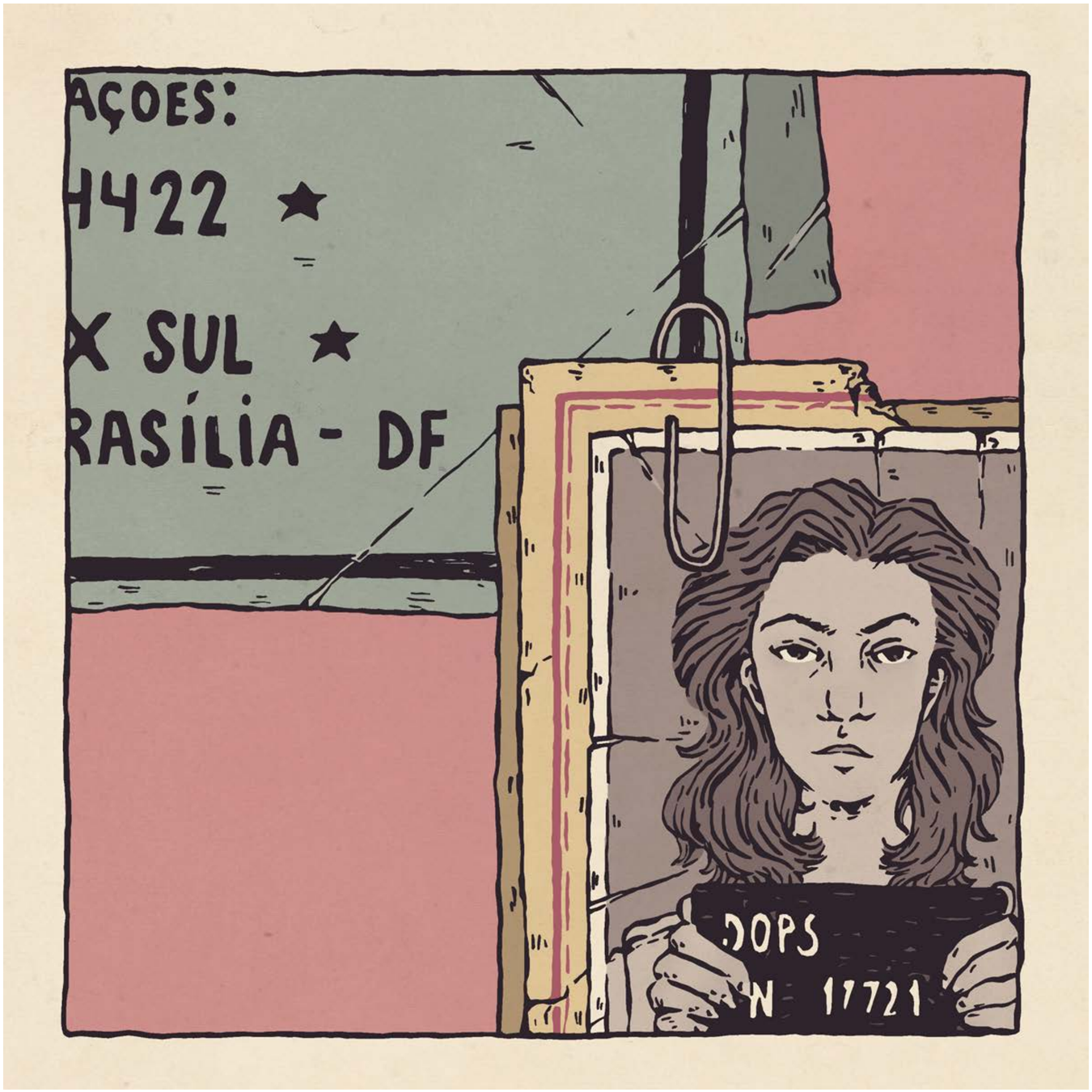
Na rádio mal sintonizada dizia eu vou tirar você desse lugar. ●

DANTE LUIZ - Autoria e Ilustrações

Dante Luiz é um artista ilhéu que escreve de vez em quando. Ilustrou a capa e os contos da coletânea brasileira *Cantigas no Escuro*, e publicou vários quadrinhos em lugares da gringa, como *Wayward Sisters*, *Gothic Tales of Haunted Love* e *Dates vol. I e II*. Se quiser contatá-lo, é só dar um oi no Twitter: @dntlz.

H. PUEYO - Edição

H. Pueyo escreve ficção especulativa, roteiros para quadrinhos e traduz nas horas vagas. Não é muito de falar, mas seus contos podem ser lidos tanto em português quanto em inglês em revistas como *Trasgo* e *Mad Scientist Journal*, entre outras.



INGREDIENTE Nº1: A FOTO 3x4

— Brasília é uma cidade engraçada, né? Tem centro espírita, tem igreja, tem terreiro, tem uma dessas lojinhas esotéricas em cada quadra… Pra qual que o senhor vai?

Elias apontou para a pirâmide, querendo apenas que o táxi seguisse seu caminho. Era uma cidade engraçada, sim, e jovem também: Brasília fora construída vinte e sete anos antes, em 1960, para substituir o Rio de Janeiro como a capital do país. Dizem que Juscelino havia sido um homem supersticioso,

e que a área tinha a maior reserva de cristais subterrâneos da América Latina, por isso a localização e o formato de avião. Verdade ou mentira, ele não dava a mínima.

Na realidade, Elias detestava Brasília. O conceito até que era interessante, mas a capital era um centro político, e o transporte público quase não existia, forçando a população a usar muito mais carro do que gostaria. Para gente como Elias, sem senso de direção e com dinheiro suficiente para arcar com os gastos, a única forma de sobreviver tinha sido se mudar para perto do trabalho e pegar um táxi cada vez que precisasse ir para algum lugar.

O carro parou, marcando o valor em cruzados no taxímetro. Elias suspirou e pegou sua carteira.

— Sabe, eu já vi três moedas diferentes desde que comecei a trabalhar — o taxista falou, tentando espiar o que tinha dentro do saco plástico no colo de Elias. — O rádio tá dizendo que vão mudar o cruzado pra outra em quê? Dois anos? Esse país é uma piada…

— É sim — Elias concordou, abrindo a porta assim que chegaram ao templo. Aquele tipo de conversa podia ficar desagradável a qualquer instante, e ele preferia ficar longe de política, especialmente em uma noite como aquela. — Pode ficar com o troco.

A pirâmide parecia ainda maior de fora do carro, uma visão estranha na selva modernista de chapisco e arquitetura dos anos 60. Era uma construção chamativa de três andares, parecendo uma imitação das pirâmides mesoamericanas do México, porém brega. Não tinha placas nem janelas, nada de *IGREJA UNIVERSAL DA NOSSA BOA FÉ* escrito em letreiros luminosos, nem *NÚCLEO ESPÍRITA DAS GOTINHAS ILUMINADAS* em fonte azul, que nem as outras duas instituições daquela quadra.

A pintura branca estava coberta por uma camada de sujeira, criando um degradê de pó cinza e marrom. A tinta devia ser barata e tinha ficado embolotada, e a única porta era

tão velha que Elias considerou seriamente voltar para casa.

— *Quarenta e cinco, três, três, três, é Teófilo outra vez…* — um jingle político tocava em uma Kombi azul e branca no terreno baldio perto da pirâmide. O táxi já tinha ido embora, e não importava o quanto Elias estivesse detestando o local e a música, chamar outro seria difícil sem ficha para o orelhão.

— *Quarenta e cinco, três, três, três…*

Elias olhou para o veículo. Ele lembrava da melodia de um dos horários eleitorais gratuitos na TV do ano anterior. A Kombi estava coberta de adesivos desgastados, mostrando um arco-íris e o rosto de um homem branco de meia idade. Não havia sinais do motorista, e o som morreu por alguns segundos antes de voltar ao mesmo jingle, como uma rádio dessincronizada:

— *Quarenta e cinco, três, três, três…*

Um Fusca bem cuidado havia estacionado ao lado de um carro preto que Elias jurava ter visto em algum lugar, e agora bloqueava a passagem entre a Kombi e o templo.

Esse é o tipo de coisa que eu faço por você, mãe, Elias pensou, empurrando a porta com o ombro para proteger o saco plástico. A única coisa que tinha dentro era uma foto de fichamento em preto e branco, ainda grudenta após ter sido arrancada do cós de um papel, mas ele não queria correr o risco de amassá-la.

A mulher na foto segurava uma placa dizendo *REGINA ALEVIN — DOPS N.3024*. Ela parecia muito com Elias, com o mesmo queixo em formato de V, os olhos pequenos e as sobrancelhas arqueadas. Até mesmo o nariz empinado era idêntico ao seu — o que o deixava muito feliz, apesar de dar aos dois um ar esnobe. A maior diferença é que a pele de Regina era mais clara e seu rosto era mais longo, e isso era visível mesmo em fotos em preto e branco. Elias sempre sorria ao notar as semelhanças.

O interior do templo era ainda mais cafona do que o lado externo. Várias lâmpadas incandescentes iluminavam o

térreo, fazendo as cadeiras de palha e os visitantes parecerem extraterrestres. O cenário ficava completo com flechas brilhantes e pôsteres indicando o caminho.

— Senhor Elias Alevin de Melo — chamou o alto-falante. Aparentemente, o prédio não tinha voluntários, e o único meio de comunicação era a caixa de som à sua frente. — Por favor, dirija-se ao terceiro andar.

— Como é que sabem…?

A única explicação razoável seria a câmera de segurança perto da entrada, pendurada por vários fios enroscados e insalubres. Talvez ele tivesse dito seu nome quando ligou para o templo uns dias antes. Elias tirou o panfleto do templo de dentro do seu bolso para olhar mais uma vez, lendo as palavras impressas em serigrafia no papel azul bebê:

QUAL É SUA PERGUNTA MAIS ÍNTIMA E PROFUNDA?
Como vai ser meu futuro? MEU MARIDO ESTÁ ME TRAINDO??? Meu cachorro entende quando eu peço desculpas?
QUAL É O SENTIDO DA VIDA?
Você já quis a resposta para QUALQUER UMA dessas perguntas???
SEUS PROBLEMAS ACABARAM!
Venha nos visitar, e traga com você QUALQUER COISA relacionada à SUA PERGUNTA MAIS ÍNTIMA, e vá ao TERCEIRO ANDAR da GRANDE PIRÂMIDE BRANCA testar nosso CHÁ ESPECIAL!!!
Não recomendado para pacientes com gastrite. Por favor, consulte seu médico.
(Também trabalhamos com sucos para aumentar o tamanho do membro masculino, florais de Bach e leitura de cartas)
MAIS INFORMAÇÕES
FONE: X4-2X44
ENDEREÇO: XXX XX SUL

Não tem como se perder. Elias dobrou o papel novamente e seguiu as setas coloridas indicando a escadaria espiral no meio da pirâmide. A decoração não tinha nenhuma lógica. Um muro mostrava propagandas de camisas masculinas prateadas de 1978, junto com uma ilustração meio disco de Allan Kardec. O outro tinha um enorme mural pintado com Jesus Cristo dividindo uma nave espacial com Shiva e um animal que parecia uma foca de chapéu. O teto, por outro lado, tinha um grafite realista e detalhado de uma cena de queda de braço entre Lúcifer e o Arcanjo Gabriel.

Em outro país, Elias teria achado aquela a parte mais surreal do templo, mas ele conhecia aquele tipo de sincretismo religioso excêntrico. Fiéis gostavam dessas imagens cósmicas e excessivamente empolgadas, então Elias fez um esforço para permanecer solene e não desrespeitar ninguém.

Os degraus rangeram sob seus pés, e as paredes da pirâmide foram ficando mais estreitas conforme ele subia. No terceiro andar, a entrada ficava bem ao centro de uma sala pequena e redonda, cercada de uma grade de proteção feita do mesmo metal escuro da escadaria.

Os olhos de Elias começaram a doer assim que ele entrou. Luzes de neon cor-de-rosa iluminavam o espaço, e cinco portas verdes e côncavas seguiam o círculo perfeito do chão, entre as cinco cadeiras agressivamente alegres em diferentes cores de plástico. Assim, Elias percebeu, os visitantes eram forçados a olharem um para o outro.

Quatro das cadeiras já estavam ocupadas.

Uma mulher que parecia pequena demais em seu vestido florido abotoado até o joelho estava na cadeira roxa. Pelas estimativas de Elias, ela teria uns cinquenta anos, assim como sua mãe teria caso estivesse viva. Seu cabelo castanho estava estilizado em um permanente muito escovado, e suas mãos esquálidas tremiam sobre uma caixa de sapatos velha, se mexendo muito pouco enquanto respondia às perguntas da menina adolescente ao seu lado.

A garota parecia estar no ensino médio, e seu cabelo marrom estava preso em um rabo de cavalo tão apertado que sua testa estava esticada pelo esforço. Suas pernas eram magras e compridas, e ela usava joelheiras que Elias reconheceu do seu próprio passado esportivo. Nenhuma das duas prestou atenção em sua chegada, e ele se sentiu grato por isso.

— Boa tarde, meu jovem. — Um homem vestindo um terno risca de giz caqui e óculos de aviação se levantou da cadeira branca, oferecendo sua mão. Elias reconheceu seu rosto de imediato, dos adesivos colados na Kombi do lado de fora, e apertou a mão dele. — Meu nome é Teófilo Abreu, sim, sim, deputado federal reeleito, sim. Gostaria de aproveitar a oportunidade, agora que todos estão presentes, para pedir desculpas pelo barulho vindo da minha Kombi. Sabe como é, ao que parece, o veículo engoliu a fita cassete, e eu não estou conseguindo desligar o som, e…

— Meu deus, cala a boca — a adolescente falou, chutando a mochila magenta entre seus pés. — Sabe, eu tenho certeza que ele tá fazendo isso de propósito, pra fazer lavagem cerebral nos pedestres, sei lá.

Teófilo continuou a falar, agora sobre o bóton na lapela do terno de Elias, com o logo da empresa para a qual ele trabalhava. O deputado dizia algo sobre a revolução telefônica da década, que sua empresa estava ajudando o país a alcançar padrões internacionais, e que o governo queria colaborar com eles.

— O mercado da Bina está explodindo no Brasil, sim, senhor! Além disso…

Elias não queria interrompê-lo, mas notou outra pessoa na sala, alguém familiar, encarando a parede e segurando um telefone celular enorme.

A garota apontou para o homem, mostrando a luva ortopédica e as três pulseiras coloridas penduradas em seu braço.

— Carinha estranho, né? Não calou a boca por, tipo, vinte minutos, falando naquele walkie-talkie. Aliás, meu nome

é Karol, e eu estudo — bem, estudava — lá no Marista, sabe? E você?

— Elias — ele sussurrou.

A garota continuou:

— Essa é a dona Mariza — Karol apontou para a mulher na cadeira roxa. — Nós acabamos de nos conhecer, mas ela é, tipo, bem legal.

— É um prazer — disse dona Mariza. Elias acenou com a cabeça.

— Nem preciso apresentar aquela toupeira humana, né? — Karol apontou para Teófilo.

— Eu… — Elias queria dizer outra coisa, mas seus olhos voltaram para o homem do telefone. Não havia muitas pessoas em 1987 se exibindo com um tijolão daqueles, apenas… — Ah, não.

Não tinha planejado que essas palavras saíssem de sua boca, mas foi o que aconteceu. Só quando o homem se virou que Elias conseguiu ver os braços longos e desengonçados, o cabelo preto espetado, a covinha no queixo. Era por isso que ele tinha reconhecido o carro no estacionamento: estivera dentro dele muitas, muitas, muitas vezes antes. Enquanto ele o encarava, sem palavras, o homem falava muito alto no que parecia ser uma tentativa horrorosa e estranhamente funcional de falar Japonês.

Não pode ser você, Elias quis dizer, mas era claro que era ele. Jean era pior do que um espírito obsessor agarrado a uma casa abandonada — um espírito fedendo a gel de cabelo, e com uma preferência gritante por ternos azul-marinho. Estar no mesmo elevador do que ele duas vezes por dia deveria ter sido todo o contato que Elias teria com Jean pelos próximos quinhentos anos, mas não. Nada podia correr do seu jeito, nunca.

Jean desligou o celular, e empurrou antena para dentro do aparelho, sorrindo de um jeito que o fazia lembrar um tubarão.

— Quem é vivo sempre aparece! Elias, finalmente num lugar no qual você não pode fingir que não me viu!

As sobrancelhas de Jean eram grossas e escuras como duas taturanas, assim como a praga de insetos que tinha em seu bloco. Ele continuava igual: sua boca ainda era grande demais para seu rosto e sua barba ridícula ainda era só uma barbichinha. Ainda assim, por mais que Elias tentasse exagerar os traços dele, não conseguia achá-lo um homem feio.

— Fala aí, o templo não é muito longe da sua casa, não? Talvez você devesse usar essa oportunidade pra aprender a dirigir — disse Jean.

Elias sentiu o sangue subir às bochechas.

— Mas é claro! Agora tudo faz sentido: vocês dois trabalham juntos — Teófilo se meteu, com uma risadinha incerta. — Uma excelente multinacional telefônica, sim, sim, uma de minhas estagiárias trabalhou lá ano passado. Uma moça muito competente, devo dizer.

— Deve ter sido uma das pobres coitadas que você destruiu no caminho ao topo, Jean — Elias tentou soar casual, mas falhou. Não queria parecer infantil diante de um bando de estranhos, mas Jean não parecia levar em conta esse tipo de questão social. Além disso, se não o odiasse, voltaria a ficar deprimido, e isso estava fora de cogitação.

Jean deu uma risada, voltando à cadeira laranja.

— É como dizem por aí… — Jean afrouxou sua gravata listrada com o polegar, os dedos da outra mão tamborilando sobre a maleta prateada. — *C'est la vie*.

Foi a última gota.

— Seu desgraçado ganancioso, eu aposto que…

— *Cof, cof*… Aquilo ali é uma câmera, ali, perto da luz? — Dona Mariza apontou para a câmera de segurança perto das lâmpadas fúcsias e fluorescentes. — Eu acho que, talvez, este não seja o local mais apropriado para vocês discutirem seus assuntos, hm, pessoais? A primeira pessoa vai ser chamada logo, logo.

— Sinto muito, dona… Mariza, certo? Me deixei levar pelo calor do momento, não queria ter causado tanto conflito — Elias sentou na cadeira turquesa, envergonhado.

Dona Mariza concordou; ela parecia ter apreciado seu pedido de desculpas. A sala ficou em silêncio. A única coisa que Elias ouvia era o zumbido vindo do lado de fora do templo e o mastigar frenético do chiclete tutti frutti de Karol.

Após alguns minutos, ela cuspiu o chiclete de volta para o papel, e começou a falar:

— Por que vocês estão aqui? Quer dizer, todo o mundo veio pelo negocinho do chá, né? E aí, ninguém vai dizer nada?

Ah. O chá. Elias tinha esquecido a respeito do "negocinho" do chá depois de discutir com Jean, mas esse era o único motivo para ele estar naquele lugar estranho. Seria difícil admitir para outras pessoas que tinha acreditado em uma história assim, a ponto de chamar um táxi para ir para o outro lado de Brasília, mas era verdade. Pegou o panfleto de seu bolso e voltou a olhar para ele.

— O meu é roxo — Dona Mariza pegou seu próprio papel de dentro da caixa de sapatos, e Elias notou que dentro havia uma escova de dentes vermelha. — Acho que o conteúdo é o mesmo.

Karol tirou da sua mochila um papel amarelo vômito todo amassado. Jean tinha um laranja, e Teófilo segurava um branco sem nenhuma dobra.

— Da mesma cor que nossas cadeiras — a menina falou, se virando para ver o móvel. — Bizarro.

— Essa não é a primeira coisa estranha que me aconteceu hoje — Elias respondeu, voltando a guardar o panfleto. O conteúdo era absurdo demais, mas quem quer que trabalhasse no templo fazia um bom trabalho de fazer coincidências parecerem sobrenaturais. — O alto-falante chamou meu nome inteiro quando cheguei, mas eles não tinham como saber que era eu.

— Aconteceu a mesma coisa comigo — Jean falou. —

Será que o chá é *alucinóg*…?

— Ninguém pediu sua opinião, obrigado.

— *Cof, cof*…

— Aposto que o Teófilo-outra-vez-três-três-três veio pelo suco de pinto.

— *Cof, cof*… — Dona Mariza limpou a garganta de novo, mais alto do que antes. — Hm, Karol? Você perguntou por que estamos aqui, certo? Você veio pela situação em sua escola, certo?

Karol sorriu.

— Isso aí, eu tava falando pra dona Mariza que eu quero saber quem fez com que me expulsassem lá do Marista. Um colega disse que esse templo podia ajudar.

— Deve ter feito por merecer, aquela ali — Teófilo sussurrou, mas só Elias e Karol tinham conseguido ouvir. Ela mostrou o dedo do meio.

— *Como eu tava dizendo*… Alguém deve ter dito alguma coisa pra direção, tipo, deve ter falado algo nada a ver — Karol começou de maneira relaxada, mas seu tom foi mudando a cada palavra, evidenciando sua raiva. Ela brincava com uma borracha em forma de *smiley* na mão, quase arranhando suas feições amarelas. — A escola não só me tirou das aulas, mas do time de vôlei juvenil. Enfim… E você, Elias?

Elias suspirou. Mariza olhava para ele com curiosidade, Teófilo encarava os próprios joelhos, e Jean parecia pronto para brigar novamente — mas Elias não cairia naquilo, não daquela vez. Se Jean achou que Elias diria alguma coisa, ele estava enganado, mesmo que Elias nunca tivesse escondido este assunto no passado.

Na verdade, era o contrário.

— Meus motivos são pessoais. Prefiro não dizer nada — assim que Elias falou, Jean levantou, pegando o pesado celular preto de sua jaqueta.

— Se o problema sou eu, se preocupa não. Tenho muito que tratar com o Sr. Harada, então se me desculparem… — Jean

disse, e discou o número de seu colega, voltando a falar Japonês.

Aquilo era privacidade o suficiente para Elias.

— Ótimo. Então, minha mãe desapareceu na década de setenta quando nós morávamos em São Paulo, e eu queria… queria qualquer pista a respeito dela, qualquer notícia que ela… Eu só quero saber o que aconteceu.

Teófilo foi o primeiro a reagir, e Elias ficou surpreso com sua consideração.

— DOPS?

— O que é isso? — Karol perguntou. Elias segurou a sacola com mais firmeza.

— Você é muito nova, Karol, então não deve saber — Elias falou, sentindo-se pesado. — Mas eram a escória da raça humana — ele adicionou, sentindo o seu lábio inferior começar a tremer.

— As coisas eram muito complicadas naquele então, eram sim — Teófilo sacudiu a cabeça.

Uma ideia passou pela cabeça de Elias, mesmo que ele soubesse que não teria resultados. Ele tirou a foto da sacola, e a mostrou ao homem perto dele:

— Deputado — Elias falou. — Se souber alguma coisa, qualquer informação poderia me ajudar. O nome dela é Regina Alevin.

— Sinto muito, jovem.

Dona Mariza ergueu seu queixo pequeno, cobrindo seu peito com uma das mãos.

— Espero que o chá o ajude a encontrá-la.

A sala ficou em clima de funeral. Elias pensou que Jean tinha olhado em sua direção, mas o homem dava voltas ao redor das escadas, agora falando em tom mais baixo.

— Eu tinha dez anos quando ela foi presa — Elias pegou a foto novamente, e penteou o cabelo com os dedos. — Ela desapareceu em junho de 1970, e eu nunca vi minha mãe de novo.

Dona Mariza parecia estar agitada em sua cadeira roxa.

— Isso é tão triste, tão, *tão* triste. Como mãe, só posso imaginar o que deve ter sido para você crescer sem ela, pobrezinho — a voz da mulher era suave demais, como se sempre estivesse sem fôlego. — Meus meninos não conseguiriam aguentar. Você é um rapaz muito corajoso.

— Hã…

— Especialmente porque eu não poderia contar com meu marido, se algo assim acontecesse comigo.

A última parte pareceu chamar a atenção de Karol, fazendo ela apertar seus olhos verdes.

— E você, dona Mariza? O que trouxe você aqui?

— Bem…

Meu amigo me ligou só pra perguntar se eu baixei o tal aplicativo.

Respondi seco que não, porque toda vez que o WhatsApp cai é a mesma história: Você já instalou o Telegram?, o Telegram é bem melhor, no Telegram tem gif animado e… Parei de resmungar porque ele *não* estava falando do Telegram. Mas o maior motivo de eu prestar atenção, acho, foi porque ele telefonou ao invés de mandar uma mensagem.

O interrompi no meio da frase "aí ele falou que eu comecei a jogar bola só porque meu pai queria" e pedi pra explicar de novo. Pedro suspirou e recomeçou:

Você precisa instalar aquele emulador de Android, lembra que eu te falei?

Aquele pra fazer macete de energia infinita no jogo do Harry Potter?

Isso, mas se liga, por esse emulador você instala o aplicativo e ele vai pedir pra você ler os termos e condições.

Normal.

É, mas ele vai pedir três vezes e vai perguntar três coisas aleatórias, pra garantir que você leu. Aí ele começa a adivinhar tudo sobre você.

Que nem aquele programa antigaço, que ficava o capetão encarando e você digitava a resposta pra pergunta e fazia seu amigo morrer de medo?

Não, nada a ver, ele adivinha de verdade!

Ele deve puxar teus dados do Facebook, deixa de ser trouxa.

Instala e vê, ele não pede login de nada nem pergunta seu nome.

Pedro, eu não vou baixar aplicativo nenhum.

Vai sim, tchau.

Achei que ele tinha desligado, mas Pedro voltou ao

telefone com um "Ah!" que me assustou. Ele disse:

Quando você instalar o aplicativo, ele vai ligar pro seu aparelho pra ativar um código. Mas escuta bem, *não é pra atender.*

E se eu atender?

Procura na internet, tá cheio de fórum falando de coisa que aconteceu com gente que atendeu. Agora tchau.

Dessa vez ele desligou. Apaguei a tela do celular e o coloquei de volta no chão ao lado da cama. Rolei pro lado e fechei os olhos, mas não consegui voltar a dormir.

O susto de receber uma ligação às duas da manhã já foi o suficiente pra deixar meu coração acelerado, ainda juntou à curiosidade de saber desse tal aplicativo e já era. O Pedro sequer me falou o nome e o alerta de mensagem interrompeu meus pensamentos.

Rolei de volta, peguei o celular do chão e vi na notificação uma mensagem do Pedro, dizendo que o aplicativo se chamava DemoChat. Eu ri, isso era *tão* clichê, mas levantei e fui até meu computador e pluguei o celular no cabo USB. Enquanto o computador iniciava, estiquei as costas e olhei pela janela, pra madrugada silenciosa. Por algum milagre o bar da esquina não estava com som alto, eu conseguia escutar até as árvores balançando com o vento.

Sentei na cadeira e em menos de cinco minutos instalei o emulador de Android e encontrei o tal DemoChat. Nenhum ícone ou ilustração na página, só texto informativo em inglês. Ele dizia que eu só podia abrir o aplicativo no celular e enfatizava mesmo, três vezes, pra eu ler os Termos e Condições. Joguei o arquivo pro celular, desbloqueei a tela do aparelho e achei o DemoChat na memória. Agora ele tinha um ícone: um compasso.

Enquanto o aplicativo abria, desliguei o computador e voltei pra cama. A tela de fundo era amarelo claro e as letras retas e bem pretas. Antes de me permitir acesso ao ícone de novo usuário, o aplicativo me mostrou o link pros Termos e Condições. Novamente o ignorei. Coloquei o nome do

meu amigo como usuário e ri quando o aplicativo disse que esse não era meu nome. Tentei colocar Marcelo, um nome qualquer, e recebi a mesma resposta. Dei de ombros de novo, coloquei meu nome de verdade e a conta foi criada. O aplicativo disse que ligaria pro meu aparelho e, em letras maiúsculas vermelhas, disse pra eu não atender. Ri de novo, mas parei quando meu telefone começou a tocar, um toque que nunca escutei. A foto de quem me ligava era um vulto sem olhos aparentes, como se eu tirasse a foto de alguém escondido no canto do meu quarto.

Olhei pro canto, confuso do motivo de pensar nisso desse jeito, e fiquei tão aliviado de não ver ninguém lá que apertei o botão verde. O cronômetro da ligação começou a contar. Aproximei o telefone do ouvido e senti um puxão vindo da tela na direção do meu outro ouvido. Escutei pedaços de carne crua se chocando, escutei um pedaço de ferro se esfregando em outro. Escutei uma voz profunda e agradável dizendo, meio risonha, que eu não devia ter atendido e que não deveria atender à porta.

Afastei o telefone do ouvido e encerrei a ligação. Coloquei o celular em cima da cômoda e passei rápido pela porta fechada na direção do computador. Religuei-o e disse a mim mesmo pra não olhar nenhuma vez na direção da porta, mas olhei mesmo assim. Procurei pelo aplicativo no emulador e não o encontrei. Olhei de novo pra porta do quarto. Encarei a tela, digitei DemoChat mais uma vez, com as letras maiúsculas nos lugares certos e nada. Minúsculas, maiúsculas, nenhum resultado. Procurei no histórico e lá também não tinha nada.

Olhei pra porta, olhei pro computador e abri o Google, procurei pelos fóruns que Pedro mencionou. Não encontrei menção ao DemoChat em lugar nenhum. Abri o WhatsApp no navegador e o ícone do Pedro estava cinza. Abri a conversa e a última mensagem era dele, me dizendo o nome do aplicativo. Respirei aliviado. Digitei:

Cara que susto.

Apertei enter e fui notificado que não era possível enviar a mensagem, porque eu estava bloqueado pelo Pedro. Pisquei os olhos com força, digitei de novo a mesma mensagem e duas coisas aconteceram ao mesmo tempo.

A mãe do Pedro tomou a primeira posição na lista de conversas recentes, perguntando se o Pedro estava dormindo aqui em casa.

E escutei três batidas curtas na porta do meu quarto. ●

EQUIPE

ANA RÜSCHE - Autoria

São Paulo, 1979. Publicou livros de poesia, sendo o último *Furiosa*, edição comemorativa de autora de 2016, traduzida ao inglês com seleção de Maíra Mendes Galvão como *Furiosa — a nautical chart and its monters*, lançada em Nova York em 2017. Em prosa, seu último é a novela *Do amor — o dia em que Rimbaud decidiu vender armas* (Editora Quelônio, 2018). É doutora pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) com a tese *"Utopia, feminismo e resignação em The Left Hand of Darkness e The Handmaid's Tale"*, obras de Ursula Le Guin e Margaret Atwood. Pesquisa ficção científica e fantasia.

NESSA GUEDES - Edição

Porto Alegre, 1990. Habita um país da Escandinávia, de onde cria a mistura da mula sem cabeça com os *vittror*. Também escreve códigos e programa uns robôs. Editora da única edição de *sci-fi*, com temática de tecnoxamanismo, do Zine Regador e escritora de horror. Participou de algumas antologias de contos, como o Ninho de Serpentes.

GEORGE AMARAL - Ilustrações

São Paulo, 1982. Escritor, ilustrador e designer gráfico. Publicitário e Mestre em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo — USP, Especialista em Roteiro Audiovisual pela PUC-SP e Designer Gráfico formado pela Escola Panamericana de Arte. É fundador do Gonf Studio de Arte e membro do conselho editorial da *Revista Fantástika 451*. Já publicou treze livros como ilustrador, no Brasil, EUA e Noruega, além de contos e histórias em quadrinhos. Pesquisa as possibilidades de reflexão crítica proporcionadas pelo estranhamento inerente às narrativas fantásticas.

"I'm a firestarter, twisted firestarter"

1. A TELEPATIA É CHILENA

— Uma casa se amarra pelo teto.

María enfrenta a classe com calma avassaladora. Articula cada sílaba na persistência de quem sobreviveu a muitos terremotos. Dos olhos não se enxerga muito, agora são fendas calmas emolduradas por fios lisos e grossos de cabelo, mesclando entre cinza, branco e preto. O coração é fraco

por infartos. María não é seu verdadeiro nome. Entretanto, decidiu apresentar-se assim: María, bem simples para a gente da cidade compreender. É uma pessoa prática, escolhe batalhas. Na aula de hoje, ensinar o que são sementes crioulas, sementes tratadas com defensivos, tipos de defensivos agrícolas; aquelas cabecinhas duras parecem não compreender a urgência do tema "sementes". Há muitas urgências. O nome pode esperar. Há 50 anos, María foi o nome mais comum de mulher no Chile.

— Uma casa se amarra pelo teto, veja.

A cólera da turma é nítida, embora respeitem a professora. Ninguém a interrompe. A projeção em boa definição quebra as expectativas sobre a tecnologia disponível em uma escola de práticas agrícolas no interior do país. A escola Sembrar, instalada em um rincão perdido da província de Ñuble, oferece uma mistura de ensino agroecológico, manejo de sementes, aulas de ciências sociais e transmissão de conhecimentos tradicionais.

Doze estudantes terminam anotações. O celeiro velho terremoteado, incapaz de ser guardião de colheitas, oferece teto à sala de aula. No chão, pacotes retangulares de feno foram organizados em fileiras e cobertos por tecidos alegres, servindo de bancos para traseiros de estudantes. Há redes cabeadas por todos os cômodos da escola, mesmo no celeiro gelado cheio de palha.

A Sembrar somente aceita professoras mulheres, nascidas ou autoidentificadas. O corpo docente oscila entre dez a doze maestras, que podem se retirar para cumprir com colheitas ou tratar de assuntos urgentes em outras partes. A escola acolhe esses ciclos pessoais. A região é bela, entre reservas ambientais perpassadas por riachos com águas cintilantes, montanhas verdes. Planícies de capim queimado pelo sol e ceifadas pelo vento. No perímetro da escola há antenas de retransmissão, geradores solares, plantações de figos. Próximo ao celeiro está o coração de Sembrar: um forno e uma mesa embaixo de uma parreira.

María termina a explanação. A professora pressente, logo enfrentará a explosão de estudantes. Sabe na língua o gosto da revolta crescendo naqueles peitos, o tremor das ideias contraditórias se alarmando. María não irá se antecipar. Aguarda. Mãos atadas atrás das costas, postura serena. Como quem amarra cuidadosamente a fatídica explicação no céu da boca.

Ninguém quebra o silêncio.

María se decepciona com a turma. *Ninguém vai protestar?*, mentalmente se pergunta. Na sua juventude, foi combativa, atirada, aguerrida, língua ferina. Nada parecida com aquelas crias de televisão, aqueles filhotes de redes digitais, aquelas crianças de campos envenenados.

A tensão no celeiro chega ao nível do insuportável. María dá uma chance à revolta, oferecendo as costas à turma, finge recolher o material. Agasalha-se e fecha até o pescoço o zíper da jaqueta de nylon creme. Esta jaqueta foi branca um dia, reflete distraindo-se, mas segue ainda tão útil! María aguarda.

A professora escuta:

— Como puderam fazer isso?

A mesma voz chispa em um grito:

— Não, sério, como vocês puderam fazer isso?

Sem se virar, María sorri. Finalmente! Pelo jeito ardente, adivinhou quem pergunta.

Paco, o estudante de Santiago.

Bom, pelo menos, ficar o dia inteiro mergulhado num teclado com fones de ouvido entre berros guturais devia fazer algum bem àquela cabecinha, refletiu.

A professora vira-se e exige:

— Explique-se, Paco.

— Não sou eu quem deve explicações.

Com o máximo de desprezo que pôde cultivar nas ruas sujas da capital, Paco estende a primeira página do *La Nación* do dia anterior, 30 de março de 2008. Não tratava dos protestos

com mais de 400 pessoas presas, nem da bomba que policiais desativaram em frente à catedral militar em Providência. Nada disso. A manchete é outra e bombástica. Não se fala de outra coisa, listas de e-mails em faíscas.

María não titubeia e age conforme planejou.

— Já vamos conversar sobre isso. — Faz uma pausa e dá o nó da próxima laçada. — Por favor, a classe inteira para fora.

O rosto moreno de Paco é revolta em fornalha. O que acontece aqui? Mordeu a língua para não pronunciar nada, mordia por respeito, mágoa e ideias abafadas no peito. O convite ao intervalo, sempre tão esperado com as empanadas aquecidas no forno, agora é um caldo morno de suspeita. Mastiga:

— Traição!

A classe deixa o celeiro aos grupinhos. Mensagens não lidas cochicham em monitores de computador. O céu está azul desbotado. No forno ao ar livre estão as empanadas aquecidas, a parreira cheia de cachos verdes. Ao contrário de outros dias letivos, ninguém avança na comida, ri ou faz piadas.

María lidera o lanche, agarrando a iguaria e mastigando devagar. Aos poucos, estudantes pegam a comida. O silêncio é quebrado por pássaros cruzando o céu. Paco tira a jaqueta de couro surrada a desdenhar o frio, um vento traiçoeiro infla sua camiseta do Descendents. Na estampa, bebê de óculos com olhos estatelados.

Em lugar de pegar a empanada de direito, Paco expõe o jornal em cima da mesa larga. Com dedos cheios de ódio, vinca as folhas até ter as unhas sujas de tinta. Dá um murro na mesa.

— E então?

A classe apinha-se em torno da notícia de ontem como se trouxesse uma novidade. Cada pessoa ali lê, uma vez mais, o que soube nos últimos dias com incredulidade, o que já foi debatido à exaustão em listas de e-mails:

A Telepatia é chilena

Grupo estadunidense quer patentear fórmula tradicional de camponesas chilenas

William Fredrick Dogde anunciou esta semana a novidade que sacode a indústria farmacêutica: a descoberta da telepatia. O pesquisador californiano desenvolveu um xarope com substância capaz de conectar seres humanos sem a necessidade da internet. Trata-se de um êxito sem precedentes no processamento de fármacos. A droga afetará, sem dúvida, áreas como transporte, saúde e telecomunicações.

Segundo porta-voz do grupo Eva, Dodge isolou e manteve ativa em laboratório uma cepa híbrida de levedura, batizada de Saccharomyces telepastorianus, estabilizando o princípio ativo denominado de RX-OH. O Fórum Latino-Americano de Proteção da Propriedade Intelectual protesta contra o pedido de patente, alegando que a fórmula é de origem tradicional e não há inovação neste caso. Segundo representantes do Fórum, o fármaco é "uma réplica de ensinamentos tradicionais das mulheres camponesas chilenas da área de Chillán e não pode ser objeto de patente". O caso reacende as discussões sobre os limites de patentes de saberes de comunidades tradicionais.

O grupo Eva, que supera, em volume de investimento, Johnson & Johnson e Pfizer na área de fármacos, manifesta-se na seguinte nota: "Não há evidências concretas que comunidades tradicionais na América do Sul tenham utilizado a bebida em escala o suficiente para atestar o uso da tecnologia. As alegações somente possuem o interesse em impedir o avanço da ciência e escurecer o brilhantismo do Dr. Dogde".

Aguardando que a classe termine de mastigar as empanadas e reler a notícia requentada, María profere a pergunta com ar de quem não foi pega de surpresa:

— Tudo bem. O que vocês querem saber exatamente?

Uma das estudantes, Lucía, balança os cabelos pretos extremamente compridos. Com traços indígenas, aperta

os olhos escuros, quase duas fendas, abraça a barriga larga aquecida em blusas de lã colorida e comenta com a melhor educação que consegue:

— Tudo, *maestra*. Tudo. Nos portais de notícia, dizem que a bebida saiu daqui. Da escola. Desculpa, mas isso é verdade?

A garota ajeita a postura firme e silencia. María aquiesce e faz pausa para escutar outras manifestações. Jorge, aluno sempre tão participativo e amoroso, recolhe-se em silêncio taciturno, de óculos, costas curvadas para não parecer um dos mais altos da turma, resumindo-se a proteger a garganta branca e o queixo barbado com um cachecol marrom de lã.

Paco perde a paciência.

— Porra, eu lembro desse gringo aqui! O Guillermo, Bill. Bebeu conosco. Grandão, loiro. Por que vocês ensinaram isso para ele? Por que nunca nos ensinaram? — Paco berra até a voz arranhar a garganta. A turma de alunos concorda, balançam a cabeça. Paco passa a mão na parte raspada do crânio, olhos âmbar coléricos, embora a pele macia do rosto acastanhado faça que mesmo adulto pareça fadado à adolescência.

Com a boca cheia de clichês universitários, o magricela de cabelos lisos mastiga a revolta:

— Como vocês puderam deixar, *maestra*? Vazar esta receita direto para *el corazón de la bestia capitalista*! Agora o gringo detém nas mãos um poder que nunca imaginamoss!

Como pudemos deixar? María meditou e ruminou noites e noites esta pergunta. *Não é de ontem a notícia. Paco mal imagina quantas vezes discutimos isso em roda noite adentro! Campesinas, maestras, mujeres de todas as partes. Quantas conjecturas fizemos, depois de descobrirmos quem Guillermo na verdade era, qual o motivo de se interessar pela escola, qual o motivo de ser tão gentil e interessado. Quantas vezes maldizemos a hospitalidade, o compartilhar. Quantas vezes chorei perto do riacho até entender. Alguns caminhos somente possuem ida, a água somente corre uma vez.*

Agora atacada, diante da raiva de estudantes, María sente-se serena. Encara Paco, quase agradece as palavras violentas. Reconhece-se diante do rio de fagulhas coléricas, o estudante de Santiago. Ela mesmo fora este rio na última lua nova. A lua caminha, um novo ciclo se iniciou. Então, María é um lago profundo, uma casa bem amarrada. Mais uma hora do destino.

Com a voz mais tranquila que pode, a professora propõe:

— Vocês querem então aprender a fermentar o Chá? Podemos fazer isso, podemos começar amanhã.

Abre os braços curtos na jaqueta de nylon. Aponta a portinha do depósito, onde se guardam materiais diversos utilizados nas aulas práticas.

Encara rosto a rosto da turma:

— Agora, sobre Guillermo. Acolhemos. — Bate nas coxas, limpando as mãos de migalhas invisíveis de empanadas na calça jeans. — Confiamos e acolhemos. É um risco. Assim como acolhemos pragas e chuvas magras. É preciso descobrir besouros que devoram pragas e reservas d'água para se balancear os ciclos. Aqui ensinamos. Melhor vocês se aquietarem. Fortalecer a mente. Fortalecer corações. Fortalecer espíritos. O mundo gira na sabedoria do próprio mundo. A catástrofe é a mãe dos ensinamentos. Vamos aprender a amarrar bem a casa de vocês. Amarrar a nossa casa.

María cala-se. Agora nada mais é com ela. Mesmo um grande lago tem suas margens.

Em ondas, as palavras penetram na classe. Alguns rostos fitam os pés, outros os céus, suspiram. Lucía faz e refaz, com os braços gordos, um coque com os cabelos pretos e lisos que lhe chegam à cintura, afogueadas as bochechas morenas volumosas. Jorge morde pálido o cachecol de lã áspera, curva-se um pouco mais e suspira.

Paco, com olhos quase amarelos de cólera, atira todo o jornal no forno das empanadas:

— Que vá tudo à merda!

A classe observa em silêncio. O jornal sacrificado ao fogo é carcomido pelas labaredas. Primeiro pelas pontinhas. Termina embaralhando as letras e libertando aquelas moléculas de verdades constrangedoras aos ares. Um fogaréu. Apaga-se em pontos incandescentes, em fuligem.

2. A FÚRIA DE UM ESTUDANTE DE SANTIAGO

Você pode me chamar de Paco. Um dia, sem muito dinheiro no bolso, quis sair, explodir o mundo e terminei aqui. No banheiro de uma escola agrícola, um nada no interior do país. São duas da manhã e não tenho um pingo de sono, o banheiro está um gelo da porra, mas é onde posso ficar fritando sem acordar ninguém. Vida de alojamento, disciplina de escola. Nem reclamo; no banheiro tenho espaço para caminhar em círculos, quase um vestiário, armários de lata, bancos, pias largas e lascadas. O basculante acumula uns sete séculos de pinturas, nem abre nem fecha.

"A telepatia é chilena". Mastigo aquela porra de manchete com um ódio capaz de fazer o celeiro voar. "William Fredrick Dogde desenvolveu uma substância capaz de conectar seres humanos sem a necessidade de uma rede computacional". Como puderam deixar aquele gringo roubar o segredo? Juro, não me conformo. Que traição.

Agora, anoto tudo. Quero aprender com detalhes. Sim, a maestra María está nos dando um intensivo: nos ensina em detalhes o segredo telepático, o tal do Chá. É o mínimo que pode fazer. Aliás, "Chá" é um nome também bem errado, nem infusão a bebida é: o tal do "Chá" é um fermentado. Estamos aprendendo tudo, vimos preparos parecidos em aulas de vinho, há diferenças na assepsia e em uma ou outra etapa. O difícil não é aprender a fazer o Chá. O difícil é ter a levedura especial.

É igual a uma arma. Quem tem a levedura tem a telepatia. Controla o processo quem detém o fermento. Hoje

os gringos roubaram a cepa. Amanhã, quem irá roubar? E para quem?

No espelho do banheiro gelado no alojamento, vejo um rosto liso demais. A barba não nasce, tento cultivar uns fios aqui na Sembrar. Um corte moicano desfeito, aqui não tenho maquininha para raspar a lateral. Esmurro a pia, erro e os nós dos dedos em punho fechado doem a valer.

María sempre foi minha professora predileta. Agora, se revela uma entreguista. Uma traiçoeira. E as outras *maestras*? Quem mais teria colaborado com aquele vazamento?

Sabe onde dói? Amo essa porra de lugar. Se um dia eu quis explodir o mundo, a Sembrar, esta mesma escola agrícola, me deu um senso de propósito. É isso o que me machuca nessa história toda, a ilusão desfeita. A Sembrar tinha me acalmado uns demônios. Até debati longamente com o Jorge: seria a escola uma miragem cristalizada, uma espécie de zona autônoma? O projeto ecológico gerido por mulheres, autossuficiente na produção do próprio alimento, regras estabelecidas pela coletividade em constante debate, fortalecimento de poder popular. Uma fantasia poética. Tinha que dar merda.

Em Santiago, ainda estou matriculado em Antropologia. Nutro evidente desprezo por tudo na universidade, textos, colegas, aulas. Dinheiro ganho de bicos na copiadora da cafeteria. Quero ainda ganhar grana com programação. Sou realmente bom nisso. Nisso e em não dormir, participando de fóruns de assuntos revolucionários cheios de gente covarde.

Sou o filho temporão de uma família desfeita. Minha mãe foi um cadáver de ditadura, mal a conheci; nasci no terremoto de 1985, sumiram com ela logo depois. Um peso de chumbo, não há quem carregue. De meu pai, sumiram com a alma, restou um velho sem vontade, tão frouxo quanto a galera dos fóruns de internet. Meus dois irmãos têm idade para serem meus pais, me desprezam com famílias de porta-retratos. Meu dinheiro gasto em camisetas de banda, cerveja, *tattoos* e

livros usados nas promoções da *calle* San Diego. Se tem uma manifestação, rosno contra a polícia. O barbudo do Jorge sabe, me apelidou de "Paco Matapaco". Matapaco parece nome de cachorro vira-lata. Cão raivoso. Música tem que ser de estourar miolos, senão é só um zumbido de mosquito. Raspo a cabeça dos dois lados para que ninguém tenha dúvida do meu coração.

Aqui na escola, quando cheguei, me arrependi na mesma hora. Ninguém mais de roupa preta. A maioria vem de famílias camponesas, gente indígena de calça jeans, ponchos, no máximo uma jaqueta sóbria. Enfim, o bom senso da roupa resistente. Depois entendi que, em algumas aulas, levo vantagem, pois sempre meto programação em algum cultivo — criei vários programas para acompanhar sementes, outros para triar espécies. As maestras torcem o nariz, embora me deixem em paz.

Entre colegas, o de sempre: tem gente que vai com a tua cara, tem gente que te odeia. Amizade na turma tenho com dois animais de cidade: Jorge e Lucía. Na realidade, o Jorge veio comigo, então nem conta. Estuda história, cara sério, voz grave, fala pausado e articula palavras com jeito de professor (o que também me irrita). Branco do tipo leitoso, alto, encurvado e barbudo, cabelo preto cacheado cerrado — está precisando de um corte, aliás. Eu sei que ele tem um namorado engenheiro, mas não fala muito disso.

A Lucía conheci aqui, foi a primeira pessoa que puxou papo comigo. Está sempre rindo e com cara de sono. Gorda e com disposição para tudo, dá aula de yoga em Santiago. Nos contou que tinha crescido em família camponesa, uma espécie híbrida entre cidade e campo, assim não tem muitas amizades nem na capital nem fora. Tenho a impressão que, embora fale o tempo todo, nunca diga algo de sério sobre si mesma. Quer dizer, não que me lembre.

Bom, mostrei alta capacidade de adaptação ao novo habitat. As aulas e as noites estreladas foram bem. Até dormir no alojamento é bom. Tomei gosto pelas pradarias,

imensidões. Em Ñuble, comecei a traçar um plano de vida: me fixar na Sembrar, me especializar em alguma disciplina, programar algo importante para algum cultivo. Quem sabe me aceitam como professor em outra escola?

Até a manchete explodir: "A telepatia é chilena". Até a notícia estourar e roubar sementes de qualquer sonho. Quando saiu na imprensa, o povo lá de Santiago se lembrou de minha existência, fóruns explodiram em perguntas, Paco, Paco, você viu isso? Saiu em todos os jornais do mundo. Em tudo quanto é língua. Roubaram tudo. O segredo. A fórmula. O sono. O que eu vou fazer da vida agora? Como é que posso confiar algum sonho de futuro naquelas professoras frouxas, naquele discursinho? Foi por esses sonhos fajutos que minha mãe deu a vida? Por que as maestras não nos ensinaram antes? Por que nunca nem comentaram conosco a existência desta fórmula? Por que entregaram justamente ao gringo? Por que não nos contaram logo sobre o vazamento?

— Traição!

Me desculpa se te acordei, mas preciso gritar, pôr para fora. Se eu não tivesse um plano dentro de um plano, já teria ido embora. Rumino algo aqui dentro. Algo grande. A única forma de dar um troco nos gringos é avançar.

Para avançar, na maioria dos casos, é necessário perder o controle.

Só o plano me segura nesse pântano medonho. Está frio pra caralho. A temperatura caiu demais nos últimos dias. O plano e a vingança.

Acredita que conheço bem esse William Fredrick Dogde? Sim, o tal do Guillermo. Conheço até bem demais. Passamos uns meses na mesma época aqui na escola. O cara é alto como raramente se vê alguém no Chile, maior que o Jorge. Musculoso com um bom acúmulo de gordura na barriga. Olhos azuis redondos, arregala a cada frase que ouve, parece criança. O sotaque é forte para enganar: o cara é perfeitamente fluente em espanhol. Olha, não digo que é bonito. Mas é

um tesão. Talvez seja culpa do cinema, imaginário de galã, espécie exótica. Tomamos muito mate junto. Agora sei o nome completo do safado: William Fredrick Dogde.

O espelho aqui não me deixa mentir. Antes ainda destes fios de barba despontarem no queixo, achei que tinha bem uma chance com o cara. Até sei imitar:

— Me chame de Bill.

Não foi algo que inventei não. O Jorge sabe.

Num final de dia em setembro até aconteceu algo. Ao redor da fogueira, estavam rolando as canções de sempre, Violeta Parra e umas velharias que o pessoal aqui curte. Noite de vento frio, fumaceiro de madeira úmida até a lenha pegar para valer e estalar.

Guillermo se sentou ao meu lado num tronco, trouxe copos e garrafa de vinho. Tomamos. Estrelas cadentes. Depois de um tempo, pessoal distribuiu os *buenas noches* e partiu aos alojamentos.

Me levantei. O gigante se levantou comigo.

Aquilo me deu uma coisa, sabe?

A gente deu alguns passos. Saímos do círculo de luz bruxuleante da fogueira. Na contraluz, podia enxergar a respiração de Bill fumegando. A noite então se debruçou, a comichão no estômago. Na escuridão, pisando em um capim alto rumo ao alojamento, paramos os dois. Te juro, foi ele quem começou.

O cara me estendeu a mão como se fosse tocar a noite.

Aquela mão grande tocou meu peito, quase decifrando no tato a serigrafia da camiseta sobrevivente de lavagens, *Dicks hate the police*. Não fui trouxa e cheguei junto, dava até para sentir os coices no peito.

Olha, antes que eu fizesse aquela mão grande descer até onde queria, ah, se queria, tava saindo até faísca do zíper, o gringo maldito saiu fora. Acredita? Como se o cara tivesse levado um choque, se enganado. Insisti e agarrei o punho dele.

Mas o gigante se soltou, fez um gesto com a palma da mão, murmurando *back off*, sai. Até procurei alguma pista no rosto do gringo, mas era escuro. Sumiu na noite.

O gosto daquele fora se fundiu à noite gelada, maculou minha paz de espírito na escola por semanas. Que cara maluco. Não foi algo que inventei. O Jorge sabe. Me dá um tremor de ódio.

— Que gringo filho da puta!

Atiro o suporte do papel higiênico no espelho. Uma, duas vezes. Não chegou a quebrar o vidro, somente abri uma teia e uma fenda no meio. Agora quem quiser se olhar no espelho vai ter que ver metade da cara de um lado e outra do outro. Um olho de cada lado da fenda. Se acordei alguém, que se foda.

Bom, se azar eu tenho faz uns 14 anos, agora tenho também um plano. Desta vez, o Jorge não faz nem ideia.

3. O TESTE: SUPORTAR O PESO NOS OSSOS

Hoje se completam três luas da data do vazamento. A notícia no *La Nación* é um fantasma, um murmúrio. Quem olhasse a turma, diria que estudantes aprendem uma lição corriqueira. Limpam barris de inox, areiam panelas gigantescas com pequenas torneiras ao fundo, conferem serpentinas de metal, organizam baldes de plástico.

María não se engana. Diante dos rostos imersos em organizar e polir materiais e fermentadores, esconde-se toda a ansiedade com o teste.

Hoje à noite, aquela turma tomaria o Chá pela primeira vez.

Durante as três luas, fermentaram cinco levas da beberagem; agora qualquer estudante ali sabia com detalhes o procedimento. O processo de fermentação é relativamente simples: debulhar e colocar o milho para secar, depois torrar e moer no ponto correto; produzir um mosto a partir de

partes de milho e água durante longas horas de cozimento; coar várias vezes até aproveitar ao máximo todos os açúcares que a terra nos dá. Esfria-se a mistura com serpentinas na maior assepsia possível; somente com o líquido frio é possível acrescentar a levedura. Com a varinha mágica, mexe-se o caldo. O líquido então é armazenado nos baldes de plástico fechados hermeticamente. Depois de três semanas, está pronto.

A varinha mágica nada mais é do que um ramo de *coyán*. Embebido em uma pasta de leveduras ativas, o ramo é posto para secar. Os fungos adormecem secos, entranhados na madeira. Até serem acordados uma vez mais pelas *maestras* que mimam os fungos com a papinha de milho caprichada. A varinha mágica é uma forma arcaica de transporte de cepas.

Guillermo havia levado consigo uma das varinhas mágicas. María mesmo que a entregou de presente.

— Que idiota! — María balança a cabeça e balbucia sozinha.

Em algumas horas, começará o teste de sobrevivência da escola. Cuidados corporais foram levados à risca por estudantes: não comem carne há dois dias e hoje se alimentaram com porções pequenas. Em algumas horas, após lavarem utensílios e guardarem baldes de fermentação, devem cessar a fala. Se aquietar, preparar o espírito, agradecer à vida e meditar por horas até o sol desaparecer por completo.

Nos campos da escola, a tensão é tal que María poderia levar um choque ao tocar em algo. Alguém deixa um caldeirão cair e faz um estardalhaço horrível. A *maestra* antevê que a meditação será a pior parte.

O Chá nunca foi dado a uma turma tão despreparada.

Novas catástrofes, novas lições. Após muitas discussões, acusações e tristezas, o Conselho da escola decidiu: compartilhariam o segredo do Chá a quem quisesse aprender, sem abrir novas vagas na escola. O consenso: o processo de formação de estudantes seria lento como sempre, respeitoso

aos ciclos da natureza. Cabia a María agora executar a decisão com seu coração a oscilar.

O que foram aqueles dois últimos meses?

Um horror de revoadas de jornalistas, telefonemas de parentes. Até mesmo uma invasão na escola: um canal de televisão estragou uma das cercas para fazer imagens não autorizadas. Em vídeos de portais de notícias, homens de escalões e ternos gritando na disputa de quem irá tomar as medidas mais drásticas contra Sembrar. Defensores do agronegócio discursando sobre o "perigo de manter unidades de ensino subversivas". Palavras vacilam entre queimar as maestras vivas ou expulsá-las do país por entregar um segredo a um estrangeiro.

Palavras de tempestade, palavras de terremoto.

María nunca se preparou para aquilo. No entanto, permanecia. *Coyán* de madeira rija, a perder folhas para suportar os ventos de inverno vindouro. Hoje cedo, à beira do riacho, perdeu-se na observação da corredeira. Prateadas, faladeiras e ágeis, as águas escapavam das pedras, desenhavam espumas e voavam no leito. Fatos que fluíam rápidos demais, turbilhão do presente, palavras de ameaças, atiradas com violência.

O teste hoje da turma é o teste de sobrevivência da Escola — María leu o futuro e sabe como tudo termina.

O sol finalmente cai. Estudantes meditam respeitosamente. María pressente as mentes chacoalhando de informação, embora olhos estivessem cerrados, faces calmas.

Muito bom, avalia com esperança.

Para a sessão de hoje, além de estudantes, companheiras de muitas partes vieram para prestar solidariedade. Meditam caladas. Idosas, antigas alunas, professoras, camponesas. Trouxeram flores, mudas de árvores, legumes, lenços bordados, abraços. Durante os últimos dias, o forno da escola estralou num excesso de lenha, bocados de comida quente, tecidos coloridos. María agradeceu mentalmente o agasalho

de vozes animadas que agora anoitece em silêncio nos campos da escola.

O escuro anuncia a hora. Acenderam uma boa fogueira.

María fecha os olhos. *Depois que morrer, morrer e morrer, quero voltar como árvore*. Murmura palavras que pouca gente ali conhece em sua própria língua, tece um segredo em segredo, tece uma entrada.

Quase cinquenta pessoas formam uma roda em torno de María. Não há ruídos fora um estalar de ramo seco, um roçar de jaqueta, um pássaro pia. Estão em pé diante da fogueira. A noite abraça cálida os corações.

María esquece-se de si, dos rostos que a fitam.

Concentra-se na passagem, no ensinamento completo. Sussurra, tece mais palavras, um casulo, um funil transparente nos ares, pede o futuro.

Agarra uma garrafa. Um pequeno estalo ao abrir a rolha.

Serve-se em uma pequena caneca.

María cheira o líquido borbulhante. Um acento pungente, doce enjoativo. Logo, no nariz, estábulo, couros, algo de selvageria. Está pronto.

Derrama um tanto na terra. Derrama um tanto na fogueira.

Desconcentra-se um minuto ao revisar se o restante das pessoas está com olhos fechados. Expira. Apura a postura. Tece mais um fio, que a passagem seja macia.

María prova o líquido. Um gosto de fruta estragada tão distante dos refrigerantes de rótulos coloridos. Aquela bebida escorria lenta do âmago de um passado, prova do gosto arcaico de outras eras.

Aquela bebida.

María acostuma a língua ao peso do gosto. Bebe então uma dose generosa. Observa a gravidade imposta pelo Chá ao sangue, às pernas. Expira. Inspira. Pede passagem, murmura algo. Bebe o resto da caneca. Tonta, respira fundo. Senta-se por

não suportar o peso nos ossos, imersa em palavras que teceu.

Lucía serve diligentemente uma caneca à próxima pessoa, conforme lhe foi instruído. Postura impecável e olhar brando. E outra caneca passa por seus dedos carnudos. E outra. E outra caneca. Para Jorge. Para Paco. Até todas as pessoas terem uma caneca na mão ao redor da fogueira. Até a própria Lucía poder se servir, a figura maciça de cabelos longos que se misturam ao vento noturno. Ninguém brinda. Não há necessidade de testar a procedência da bebida. Agora cada pessoa precisa saber o peso do Chá. Na língua, no sangue, nas pernas, procurar uma passagem, encontrar sua própria passagem.

Ou vomitar e se cagar nas calças.

4. AS DORES DOS OUTROS

A 3.700 km da Escola Sembrar, sem saber que é um copo quase cheio e logo irá entornar, uma fisioterapeuta brasileira concorda em dobrar o turno uma vez mais. Maria Carolina acompanhou mais de 18 pacientes hoje, digeriu prognósticos ruins, aplicou técnicas repetitivas de analgesia sem muita ênfase, afogando a própria revolta em gel e ar condicionado.

Muitas horas depois, na plataforma de embarque do metrô Cinelândia, centro do Rio, Carol observa o próprio corpo miúdo moído pelas dores de outros. Murmura audível:

— Ainda preciso pedir as contas e tirar umas férias.

Juro pra você, mas juro de fio junto que vestiram ela de capa dura, com foto e tudo, e nem colocaram o título! E agora ela está insuportável! Não é de hoje, ela sempre teve cara de ponto e vírgula! Tudo bem que ela consegue estar em várias estantes da editora ao mesmo tempo, como nenhum de nós aqui consegue, mas isso não é motivo para se gabar! Ponto e vírgula! É isso o que ela é! Ninguém aqui tem coragem de dizer isso na cara dela, ah!, mas eu digo!

Lá vem ela, recém-chegada da gráfica! E lá estão os bajuladores… quem não gosta de bajuladores? Não confio em nenhum deles, mas quem não gosta?

Vão colocá-la aqui na estante ao lado já já. No topo, evidentemente. E terei que escutar dia e noite ela fofocar sobre os "*young adults*", cheios de pimenta na língua, e os moleques da fantasia, que são mais perdidos e desengonçados que os poemas moralizantes. E quando ela desata a discutir os assassinatos da coleção policial da estante da direita? Fanfarrona! Ainda bem que ela não se mete no erótico, senão eu bem derrubava café na primeira página tão preciosa dela. Só porque ela tem edições e edições especiais da mesma porcaria, cheias de presunções e pontuações malucas, ela acha que pode ir e vir e sabotar a minha tarde fleumática. Maldita ponto e vírgula me fazendo pensar em palavras como "fleumática"!

Lá vem ela, cuspindo ares plácidos de quem ganha página amarela. Não tinha como ser diferente. Ela sempre ganha papel pólen! Céus, estão todos falando ao mesmo tempo… estantes de contos são as piores! Quanto engodo, bajulação! Muitas vozes, muito tudo! Pronto! Instalou-se na estante tóxica, quem sabe agora ela aquieta…

Maldição! Começou a falar da rotina dos nossos criadores! Quem ela pensa que é para reclamar do quanto eles mexem no texto aqui e ali? Afinal, eles são os verdadeiros

fundadores! Os que nos dão roupagem e estrutura para viver nossa imortalidade pelo tempo que ela for capaz de durar. Não são aqueles escritores estúpidos, almas-amebas, que cospem as palavras de puro tédio e ódio.

A ponto e vírgula discorda de mim, é óbvio!, e defende os adoradores de letras. Como se devêssemos nos sentir agradecidos por eles criarem uma grande sopa de verbos repetidos, uma verdadeira confusão de pensamentos. É aos criadores que devemos nossa gratidão. Os editores sabem o que estão fazendo. Os escritores? São todos loucos!

Imagine você ser escarrado ao som de vozes opacas, desamorosas, com palavras surrupiadas, com expressões banais e construções insustentáveis. Imagine você nascendo em mais um lugar comum. Comum… O comum é patético. A ponto e vírgula é patética! Ela não sabe o que diz. Não sabe o trabalho que dá limpar dejetos de um verdadeiro pélago de merda!

E também não sabe quem eu sou… Ah, mal ela sabe! Quando descobrir, quero estar lá para ver a cara dela de ponto e vírgula se tornar um grande asterisco pudico. Talvez ela me veja, se for capaz de olhar além do próprio índice. Não será preciso muito esforço para enxergar a grande faixa vermelha na minha capa que diz "biografia não autorizada". Mais do que isso, não será preciso mais que dez segundos para reconhecer a mesma foto da autora em preto e branco que estampa a cara da ponto e vírgula no topo da minha lombada. E, então, ela vai se dar conta…

Esperem só para ler tudo o que eu tenho a dizer sobre ela! ●

H. PUEYO

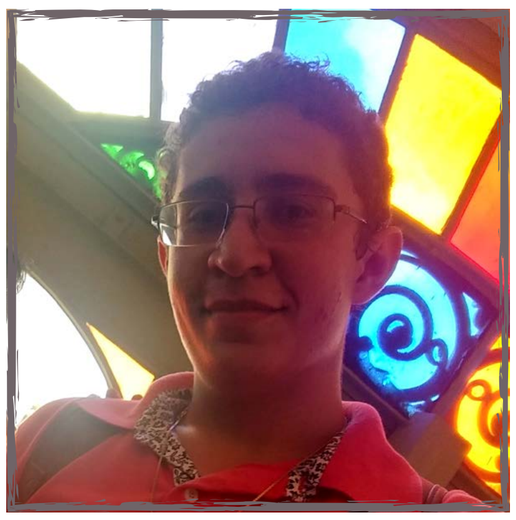
H. Pueyo escreve ficção especulativa, roteiros para quadrinhos e traduz nas horas vagas. Não é muito de falar, mas seus contos podem ser lidos tanto em português quanto em inglês em revistas como *Trasgo* e *Mad Scientist Journal*, entre outras.

PAOLA SIVIERO

Paola Siviero escreve fantasia e ficção científica e busca inserir em suas histórias perspectivas e cenários mais diversos. É nômade no plano real e imaginário, e caça seres sobrenaturais. Entre outros, publicou *O Auto da Maga Josefa* (Editora Dame Blanche) e os contos *Conjurações* e *Terra Seca* (*Revista Dragão Brasil #129*) e *"Sobre o Ar e o Fogo"* (*Revista Trasgo #9*). Filha, irmã, mulher e mãe, um pouco de cada, tudo embaralhado. Apaixonada pelos animais, reais ou fantásticos. Pode ser encontrada no Twitter como @paolasiviero ou no Facebook como Paola Lima Siviero.
E-mail: paolals84@gmail.com

SERGIO EDUARDO FELISBINO JR.

Sergio Eduardo Felisbino Junior (Bino) é um Geólogo não atuante, que lê o tempo todo. Apesar de preferir ficção científica, histórias medievais e espaciais, tenta ler de tudo um pouco. Desta vez ele se aventura escrevendo, justamente o tipo de histórias que gosta de ler.



ALLAN JONHNATHA

Allan Jonhnatha tem 20 anos, natural de Fortaleza, mas cresceu no município rural de Ibaretama, no Sertão Central do Ceará. Mora em Quixadá, onde cursa História pela UECE (Universidade Estadual do Ceará). Adora ler, escrever contos e crônicas, além de planejar produções maiores. Curte cinema, música e literatura e pesquisa sobre realismo maravilhoso, ficção científica e distopias. Pretende, através da literatura, expressar as emoções e vivências retidas nos percalços sociais e que se refletem no âmago de cada sujeito. Possui com outras duas amigas o blog sobre literatura, cinema, história e atualidades intitulado *ELLI: Entre Linhas, Likes e Ideias*.

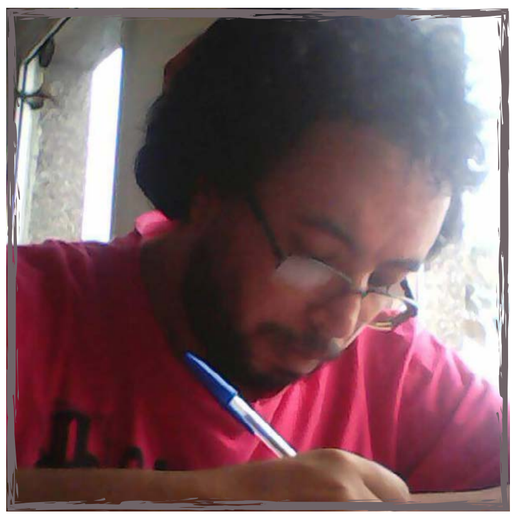
E-mail: allanjonhnatha@gmail.com

LUCAS DAVID MICHELS DOS SANTOS

Me chamo Lucas e escrevo pelo mesmo motivo que leio: sinto que um mundo apenas não basta. Até por isso que minhas referências flutuam entre o realismo mágico e fantasia urbana, mas eventualmente embarco para universos mais distantes, mesmo o da não ficção. Escrevo desde que me conheço por gente, mas esta flash fiction na Mafagafo é minha primeira publicação, espero que de muitas.

CAROL VIDAL

Carol Vidal nasceu no Rio de Janeiro e mora em Salvador desde 2012. A paixão pelas palavras a fez estudar Jornalismo, porém, esse tipo de texto não supriu sua necessidade de colocar em palavras o que acha da vida; seu coração bate mesmo é pela Literatura. Do Jornalismo carregou a escrita simples e objetiva, mas não menos profunda, e descobriu um prazer, não só em produzir textos de ficção, mas em falar sobre o tema na newsletter *Devaneios Criativos*. Atualmente está escrevendo seu primeiro romance, publica resenhas de livros na Revista Subjetiva, no *Medium*, e colunas para o portal *Soteroprosa*.

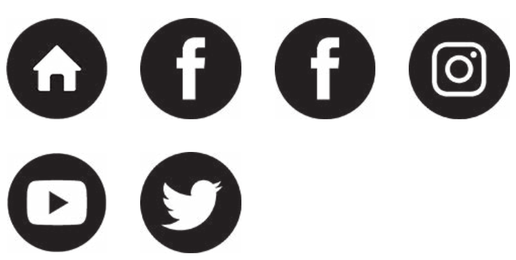
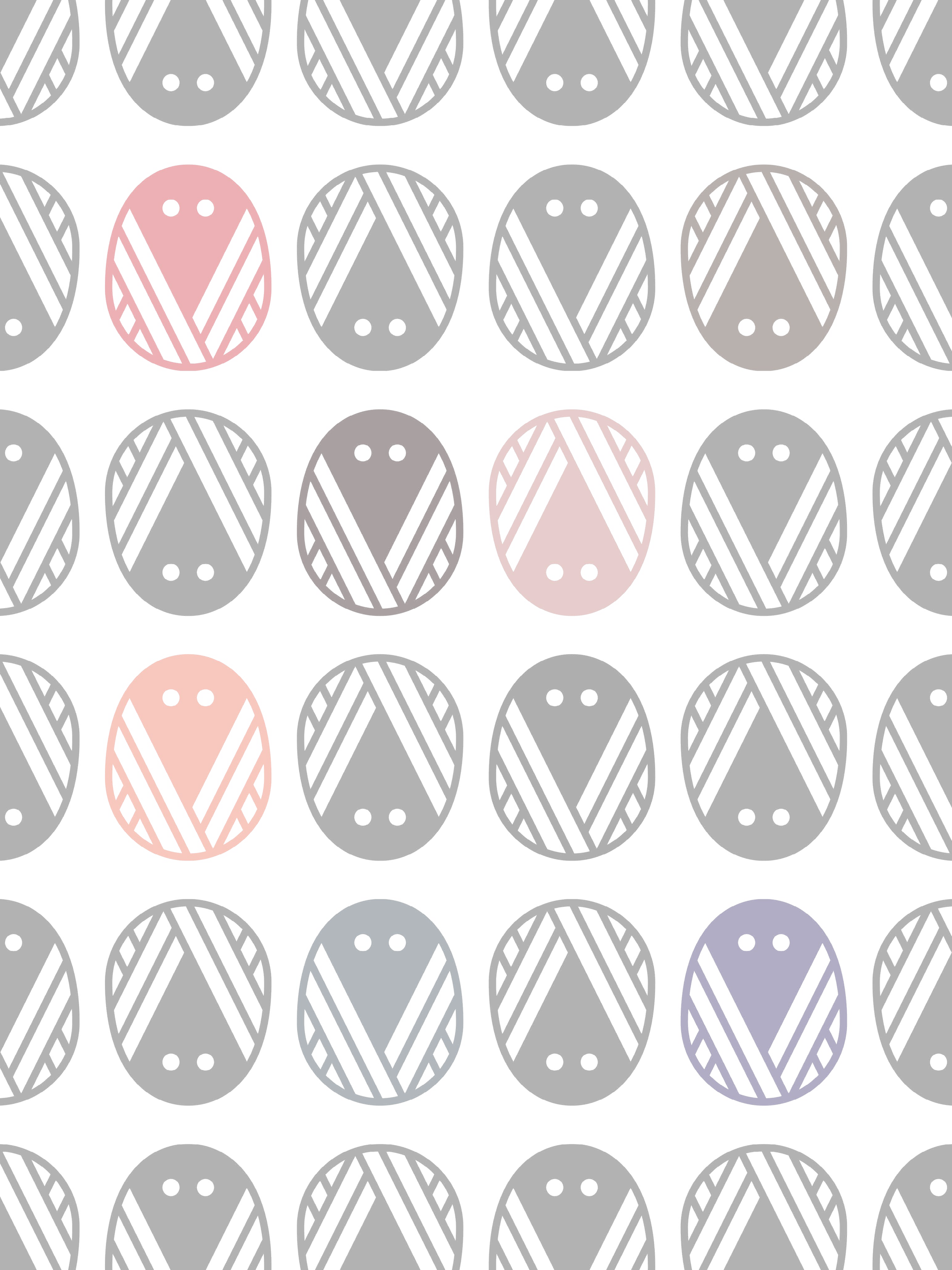


LUIZ MIGUEL LISBOA MACHADO

Luiz Miguel Lisboa Machado. Graduando em letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professor em eterna formação, artista de rua, escritor de coisas aleatórias e mais outras atividades que não agregam muito valor ao meu lattes, mas que me fazem feliz. Entusiasta de educomunicação, quadrinhos e de obras que envolvam zumbis, pois zumbis são muito legais e não segregam ninguém.

RAFAEL PEREGRINO

Rafael Peregrino é escritor, marido e pai. Especialista em se dedicar a atividades não ou mal remuneradas também desenha e toca ukulele. Esteve lá quando a *Pulp Feek* começou, já foi publicado no *Leitor Cabuloso* e está atualmente escrevendo seu sexto livro. Ele gostaria de registrar que todo o dinheiro de royalties que recebeu na vida serviu pra pagar duas contas de luz.
E-mail: rafero13@gmail.com

VIVIANE MAUREY

Formada em jornalismo, Viviane Maurey trabalhou com marketing, mídias sociais e foi editora no selo Rocco Jovens Leitores. Hoje, se dedica integralmente à carreira de escritora. *#Fui* é o seu primeiro romance publicado pela Globo Alt. Autora de diversos contos tanto para o público jovem quanto para o adulto, seu *Entre duas gotas de chuva* foi finalista do Concurso Literário Brasil em Prosa em 2015. Também escreve para sites de entretenimento, participa de podcasts, faz resenhas de filmes e livros, mantém um *canal no YouTube* sobre escrita e adora contar histórias para sua gata, apesar de ela ser péssima ouvinte.